Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23204 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 21 MARÇO 90 60$00

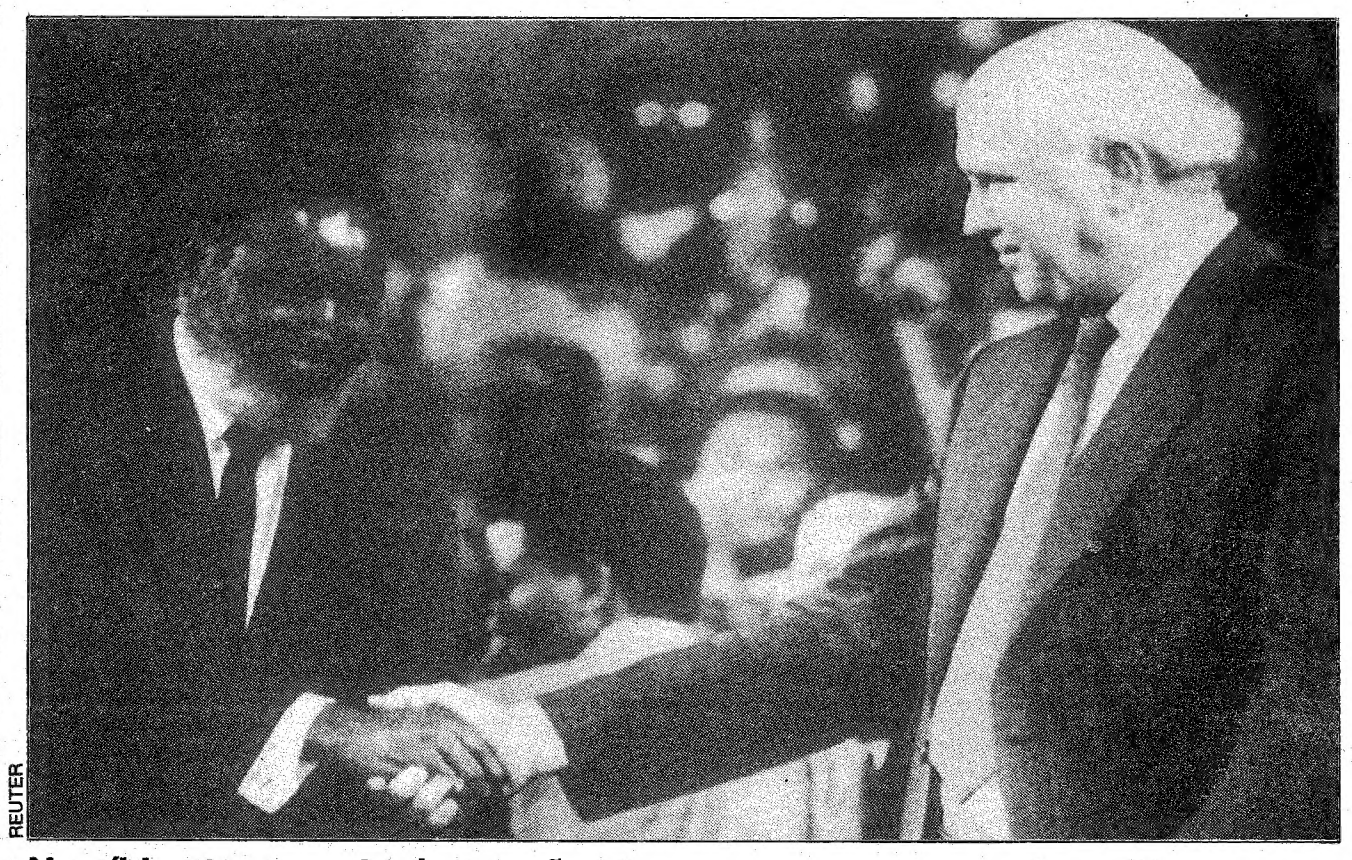
Privatizações: cruzada já chega aos Centros de Saúde

O Governo faz da sua proposta de Lei de Bases da Saúde um estandarte para iniciar a cruzada pela privatização de um sector nevrálgico da vida portuguesa. Correm rumores, nos meios médicos, de que esta «fúria» de privatizar atingirá os Centros de Saúde. A verificar-se tal facto, serão as melhores unidades de cuidados primários, como as de Sete-Rios, Amadora e Oeiras, as primeiras a capitular. O ministro Arlindo de Carvalho escusou-se a comentar esta matéria. Admitiu, porém, ao «DL» que o assunto está a ser estudado pelo seu gabinete.

Os profissionais do sector, médicos e enfermeiros, contestam a filosofia do Executivo. Chegam mesmo a considerar que Cavaco Silva está a pisar terreno movediço e a criar um forte motivo para um possível «desaire eleitoral». A grande questão subjacente à privatização dos Centros de Saúde é a de saber até que ponto ela vai constituir uma sobrecarga para os bolsos dos portugueses.

Com a magra dotação de 275 milhões de contos (apenas 3,5 por cento do PIB) para este sector - a mais baixa da Comunidade Europeia - como quererá o Governo transformar o direito à saúde num bem de consumo sujeito às leis de oferta e da procura? O PS propõe alternativas, que passam pela competição entre as próprias estruturas públicas, através da concessão aos centros de autonomia financeira e de orçamentos programa.

Págs. 2 e 3



REUTER

Namíbia no concerto das nações Sam Nujoma e Frederik De Klerk (na foto), antigos inimigos figadais, apertaram a noite passada as mãos e elogiaram-se mutuamente. O primeiro, na sua qualidade de chefe de Estado da Namíbia, empossado por Cuellar, e o segundo como presidente da potência colonizadora. Foi uma nova página da História que se abriu em África: a independência da última colónia naquele continente. **Pág. 14**

Assim falou Freitastustra

«Assim falou Freitastustra» é o título da crónica de José Sousa Monteiro na habitual coluna "Olhar de Mocho" sobre a televisão. Ontem, o destaque da noite televisiva foi inteiramente para Freitas do Amaral que, entre outras coisas, ali acusou Cavaco Silva de traição, denúncia que ainda não obteve resposta. Durante uma hora, Freitas do Amaral esteve sempre ao ataque, quer formulando críticas ao Governo, ao PSD e ao seu líder, quer desenhando a estratégia do seu partido e dando sinais do programa que vai apresentar ao eleitorado. Menos impostos, com maiores deduções das despesas com a educação e a saúde, descentralização e pagamento das indemnizações aos empresários cujas empresas foram nacionalizadas - estes alguns dos tópicos do programa que Freitas do Amaral ontem acentuou. Quanto às eleições presidenciais, e embora considere Soares "um candidato imbatível", o líder do CDS disse ser útil que surja outra candidatura, para "dar credibilidade ao debate". A acusação de traição a Cavaco Silva surgiu pelo facto de o líder do PSD se ter recusado a ajudar a saldar as dívidas contraídas com a candidatura presidencial de Freitas do Amaral e que este tem pago "com a ajuda de alguns amigos". Freitas do Amaral mostrou-se convicto de que o declínio de popularidade de Cavaco Silva começou no dia em que o eleitorado percebeu que o primeiro-ministro "só era solidário com os que ganham".

Págs. 7 e 25

Grande complexo informático vai mudar a face de Algés

Os *centros de inteligência* de Lisboa vão transferir-se para Algés. Os responsáveis pela mudança, uma multinacional que concilia as mais modernas tecnologias da informática com projectos urbanísticos viu, finalmente, agendados pelo Governo os seus planos inovadores. Os autarcas da zona estão preocupados com o ambiente, como é saudável, mas o projecto promete ser exemplo de como é possível descentralizar os centros de decisão. À custa de bastantes milhões de contos, como passou a ser hábito. **Pág. 20 e 21**

Benfica não quer ficar a Leste

Reportagem, na pág. 32, do nosso enviado especial a Dniepr, Neves de Sousa, com o patrocínio de

TETRA CONSTRUÇÃO, S.A

DL

Processo de empresas fictícias enviado pela PJ a Tribunal *Pág. 16*

Joaquim Letria, a Igreja, as Forças Armadas e o Benfica *Pág. 4*

Entrevista com Karl Schiller: exclusivo DL/Suddeutsche Zeitung *Pág. 13*

«Guia Turístico de Portugal» bate recordes de vendas *Pág. 25*

DL na pré-inauguração da Casa da Cultura de Mafra *Pág. 26*

O Governo fez saber das suas intenções. Privatizar o sector da Saúde é a palavra de ordem. A Lei de Bases ainda não foi aprovada, mas já se pensa na entrada de capitais privados nos centros de saúde. Os médicos e enfermeiros protestam e a oposição apresenta alternativas

Privatização espreita centros de saúde

Caso a proposta governamental de Lei de Bases da Saúde, neste momento em comissão parlamentar, venha a ser aprovada, o sector sofrerá profundas transformações. O Governo reivindica o fim do Estado-Previdência e lança-se na cruzada pela privatização. Há quem já chame aos seus membros «mercantilistas da saúde». Correm rumores nos meios médicos de que o Executivo prepara a passagem de alguns centros, a par dos hospitais, para o sector privado. O «DL foi ouvir os envolvidos neste processo. As críticas, essas, são muitas.

O ministro responsável pelo pelouro, Arlindo de Carvalho, escusou-se a prestar declarações ao nosso jornal, alegando não ser este o momento oportuno para tal. Admitiu, porém, que o assunto da privatização dos Centros de Saúde está a ser estudado pelo seu Ministério.

«O Governo prepara água para se queimar e cria um forte motivo para um desaire eleitoral nas próximas eleições legislativas», frisa Mário Jorge, do Sindicato dos Médicos. Este dirigente considera a saúde um terreno movediço, no qual privatizar os centros de saúde, caso signifique um acréscimo de despesas para os portugueses, pode ser um passo em falso. Talvez o fatal.

A proposta de Lei de Bases da Saúde do Executivo aponta para esse caminho. A admissão dos negócios privados no campo da saúde foi acerrimamente defendida por Arlindo de Carvalho aquando do debate da questão na Assembleia da República, no dia 23 de Fevereiro. Na altura disse ser desejável «a convergência concorrencial entre os sectores público e o privado, para se obter uma melhor rentabilização dos recursos, com menores gastos, sem pôr em causa a qualidade dos cuidados de saúde a prestar».

Por outro lado, a última revisão constitucional conduziu o Serviço Nacional de Saúde (SNS) ao «tendencialmente gratuito», abrindo as portas para a liberalização do sector. O Governo fala já num Sistema Nacional de Saúde e não de serviço, fazendo deste um subsistema do primeiro, em pé de igualdade com o sistema privado. «O Governo transforma o direito à saúde num bem de consumo sujeito às leis da oferta e da procura», considera Mário Jorge.

A grande questão - e será essa a movimentar a opinião pública - é a de saber se o aumento da componente privada no sistema prestador financiado pelo SNS implicará um agravamento das despesas por parte dos utentes. Isabel Sanchez, do Sindicato dos Enfermeiros, entende que, a verificar-se tal consequência, o nível de saúde da população portuguesa (de parcos recursos) vai degradar-se muito.

Na argumentação governamental podem encontrar-se quatro ideias-base para justificar a privatização: o sector privado seria mais eficiente que o público; o Estado não gastaria mais, porque o acréscimo dos encargos com o desenvolvimento do sector privado seria suportado pelos próprios utentes; não haveria redução da igualdade, porque qualquer cidadão poderia recorrer ao privado, pagando-lhe o SNS o mesmo que ele gastaria se frequentasse os serviços públicos; o privado competitivo com o público, estimularia a sua própria eficiência.

O delegado do PS para a Saúde, Correia de Campos contraria, um por um, estes argumentos. Para ele, a eficiência não é privilégio do sector privado, nem a ineficiência um estigma do sector público. Quanto à justiça social e à possibilidade de qualquer cidadão recorrer ao privado, considera Correia de Campos que «as convenções dificilmente acompanham o ritmo da inflação, levando os prestadores privados a elevarem unilateralmente os preços». Acrescenta ainda: «O privado, em Portugal, raramente compete com o público e prefere seleccionar clientelas especiais».

Mário Jorge vai mais longe quando refere que o «Governo é mais papista que o Papa», ao sobrepor-se na criação de estruturas aos e para os privados. «Encara as estruturas privadas em competição com os serviços públicos, em vez de procurar a sua complementaridade e a convergência no direito à saúde», afirma.

Abaixo dos níveis do Terceiro Mundo?

Mas será rentável para o sector privado adquirir um dos centros? Até ao momento ainda não se ouviu falar de um Belmiro de Azevedo ou de um Américo Amorim decididos a apostar, em força, na área da Saúde. Neste campo, diz Mário Jorge, só as especialidades viradas para as tecnologias de ponta são rentáveis. «A prestação de cuidados de saúde primários não possibilita a criação de lucros», referiu.

Para aquele dirigente sindical a obstinação do Governo em privatizar esta área ainda seria justificável se o nível de verbas que lhe estão destinadas fosse vultuoso. Portugal é o país, ao nível da Comunidade, que mais baixo Produto Interno Bruto (PIB) destina à Saúde, apenas cerca de 3,5 por cento, o que significa uma dotação orçamental, para este ano, de 275 milhões de contos. A título de curiosidade refira-se que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera necessária uma dotação para os países do Terceiro Mundo na ordem dos 5 por cento do PIB para o mesmo sector...

«Já hoje, nos apercebemos que as populações da periferia e dos meios rurais recorrem pouco aos centros de saúde, por falta de dinheiro para os transportes, e quando o fazem não aviam os medicamentos», afirma Isabel Sanchez. «Como pensar então privatizar esses centros? Seria cavar a sepultura a essas pessoas, inca-

Estrondosos falhanços

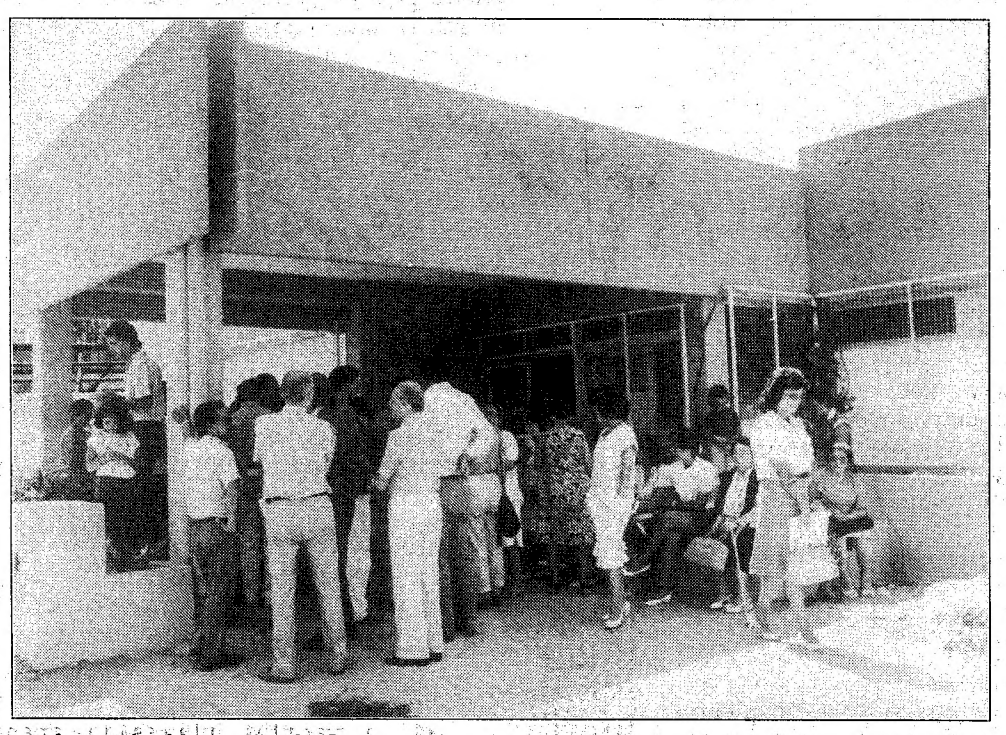
Exemplos de falência total de políticas liberais na área da Saúde abundam na geografia mundial. Lembramos aqui alguns casos - e longe de nós pensar que o Governo não os conhece - que poderão ajudar a uma reflexão mais profunda sobre a delicadeza desta matéria. Como se costuma dizer: com a saúde não se brinca...

ISAPRES era uma das siglas mais odiadas pelos chilenos, desde a tomada do poder por Augusto Pinochet. O ditador privatizou totalmente os serviços de saúde e criou o Instituto de Salud Privisional (ISAPRES), cuja péssima assistência martirizou, durante anos e anos, o povo chileno. Só o estracto de fortes recursos financeiros podia usufruir da oferta privada, a única a apresentar um serviço condigno.

Na Inglaterra, a política de privatização do mesmo sector, levada a cabo por Margareth Thatcher, tem consequências tão nefastas ao nível da opinião pública que, nas mais recentes sondagens sobre intenção de voto, os conservadores descem estrondosamente. Uma das razões apontadas pelos analistas políticos para esta quebra de popularidade é precisamente o desmantelamento do Serviço Nacional de Saúde.

Também na Holanda, na República Federal da Alemanha e nos Estados Unidos estão a ser postas em causa as politicas de saúde liberais e de cariz privado. Publicações cientificas bastantes prestigiadas levantam este problema. A revista «New England» refere, num dos seus últimos artigos, que a população do bairro de Harlem (um dos maiores ghettos negros de Nova Iorque) tem uma esperança de vida inferior à da população do Bangladesh, fruto da discriminação no acesso aos serviços de saúde nos EUA.

Os melhores serão dados de bandeja



A provável intenção do Governo de privatizar os centros de saúde já lhe valeu o rótulo de «mercantilista da saúde»

Nos meios médicos fala-se da possivel privatização de três dos melhores Centros de Saúde do País - Sete-Rios, Amadora e Oeiras - logo após a aprovação da Lei de Bases da Saúde. Quisemos visitar uma dessas unidades para saber das suas condições materiais e humanas. Defrontamo-nos com o complicado problema das autorizações por escrito a enviar ao Ministério da Saúde que, na melhor das hipóteses, demoraram vários dias. Resolvemos deslocar-nos ao de Oeiras no estatuto de simples utentes. Ficamos bem impressionados com o que vimos.

Visitamos o centro num dia de semana normal, àquelas horas em que qualquer português costuma encontrar na «Caixa» (termo pelo qual a maioria dos cidadãos ainda designa os centros de saúde) longas bichas para marcação de consultas ou para desistências. Em Oeiras nada disso. Os serviços estavam descongestionados e as salas de espera longe de apinhadas.

Situado próximo da estação de caminho de ferro, este centro possui excelentes instalações, circunda-o um espaço ajardinado, o ambiente é bastante acolhedor. Um dos funcionários afirmou ao «DL» que o centro está bem dotado de pessoal técnico e de equipamento médico.

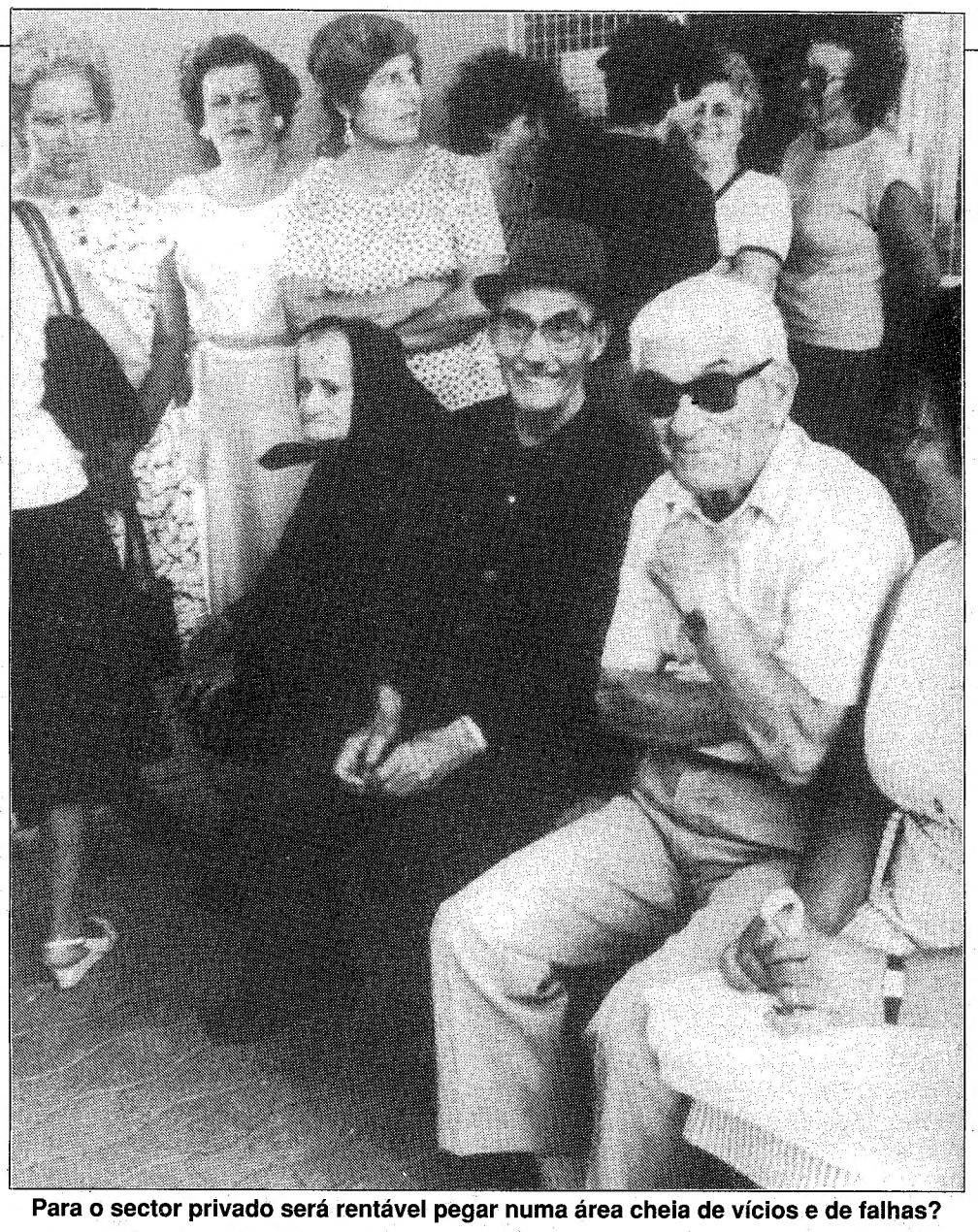
Verificamos nos *placards* a multiplicidade de especialidades ao dispor dos utentes, além da clínica geral (só para este ramo estão escalonados 34 médicos): cirúrgia, dermatologia, ginecologia, oftalmologia, otorrino, pediatria, saúde mental. Estão ainda a funcionar outro tipo de serviços de prevenção e promoção da saúde como seja o planeamento familiar, vacinação e sessões de educação da saúde.

Os Centros de Sete-Rios e da Amadora não lhe ficam atrás. São dos mais modernos, vocacionados especificamente para a função que desempenham, longe dos postos médicos instalados em edifícios concebidos para habitação que proliferam pelo País. Num momento de apego à humanização da saúde estes parecem ser exemplos mais ou menos bem conseguidos disso mesmo.

Com Governo a querer realmente privatizar os centros de saúde e a iniciativa privada a responder ao seu insistente apelo, poucas dúvidas restam: serão os melhores e mais bem apetrechados os primeiros a capitular. O Zé Povinho, ou seja, o português incapacitado de recorrer aos privados - se mal servido em termos de saúde até ao momento - ficará, desta feita, descalço.

P.S.

GRANDE ANGULAR



Para o sector privado será rentável pegar numa área cheia de vícios e de falhas?

pazes de pagarem aos serviços privados», comenta.

Esta enfermeira lembra também a filosofia da OMS na prestação de cuidados de saúde primários, que consiste na prevenção e na promoção e só como complemento a área curativa. «O que vai ganhar a gestão privada na educação da saúde?».

Outro ponto delicado desta questão diz respeito ao vínculo profissional dos que, presentemente, laboram nos Centros de Saúde. Mário Jorge afirma que os médicos vão esbarrar com despedimentos e com uma instabilidade crescente. «Unidade privatizada é unidade cujos médicos ficam fora das carreiras», diz.

Isabel Sanchez considera que o pessoal de enfermagem, privatizem-se ou não os centros de saúde, continuará descontente se não lhe forem dados incentivos à profissão. «Hoje, os enfermeiros recém-formados recusam a área dos cuidados de saúde primários, porque lhes está reservada a frustração de se dedicarem apenas à aplicação de tratamentos, quando toda a sua formação foi virada para a prevenção e promoção da saúde», frisa a enfermeira.

Uma carência muito acentuada de técnicos, e entre eles, de pessoal de enfermagem. caracteriza os cuidados de saúde primários portugueses. A média de idades entre estes profissionais ronda os 48 anos de idade. Mais uma vez surge a questão: estará o sector privado apostado em concorrer a um meio tão cheio de vícios e de falhas? Os nosso interlocutores são unânimes ao considerarem a iniciativa privada um factor saudável. Como complemento, é claro. Ninguém quer o fim da medicina privada, mas sim o seu exercício bem delimitado, sem atropelos aos direitos dos cidadãos.

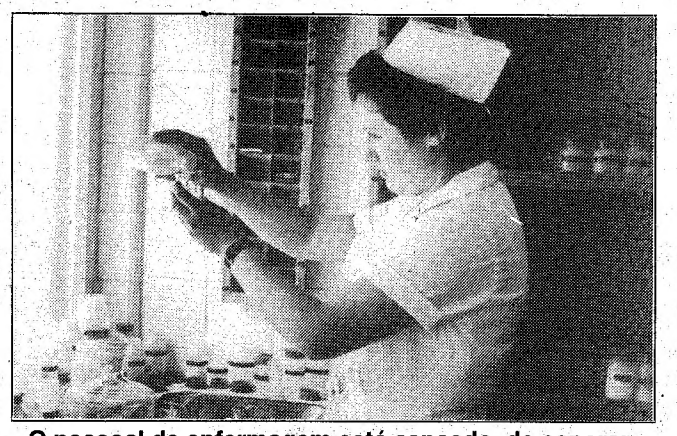
«É possivel encontrar um meio termo. A gestão dos centros de saúde e dos hospitais deve ser despartidarizada e entregue a pessoas com idoneidade técnica comprovada», diz Mário Jorge ao defender a autonomia financeira destas estruturas, dependentes da Administração Regional de Saúde (ARS), e o incentivo na procura de formas de se autofinanciarem.

Correia de Campos é peremptório: «O nosso sector privado não está para aceitar regras justas nesta sociedade e nesta área tão específica. Só se conseguirá a privatização de centros de saúde se as regras forem viciadas e o Governo não se fizer rogado nos privilégios a conceder...»

Paula Sá

O Estado também sabe competir

A projecto de Lei de Bases da Saúde do Partido Socialista não se mostra avesso à iniciativa privada no domínio da saúde. Porém, a filosofia dos socialistas entra em dissonância com a do Governo quando se trata da prestação de cuidados médicos primários. Correia de Campos avança outra hipótese para a melhoria dos Centros de Saúde sem a obrigatória privatização. O delegado nacional do PS para esta área pretende um sistema permissivo aos mecanismos de competição entre as diferentes unidades públicas.



O pessoal de enfermagem está cansado de esperar por melhores condições de trabalho

Mantenham-se os cuidados de saúde primários nas mãos do Estado e mude-se a sua gestão. Eis as duas palavras de ordem do projecto de Correia de Campos. O dirigente socialista preconiza, assim, numa primeira fase, a concessão da autonomia financeira aos centros e, depois, a dotação de orçamentos programa aos mesmos. Medidas acompanhadas por uma mudança de remuneração dos médicos adstritos a estes serviços.

Os orçamentos programa vão ser introduzidos, a breve trecho, no Serviço Nacional de Saúde britânico. No caso português, Correia de Campos defende para cada centro com mais de 20 médicos e mais de 300 mil utentes, a transferência da totalidade das verbas que o Estado julga necessárias à sua manutenção.

Os responsáveis pelas unidades de saúde poderiam gerir o dinheiro consoante as necessidades e aplicar uma fatia importante na formação do seu pessoal de enfermagem e médico, na investigação, no apoio ao ensino e na criação de estruturas de promoção da saúde. Para o delegado nacional do PS, o êxito deste sistema reside, em grande medida, numa melhoria das condições dos profissionais do sector. Correia de Campos avança três situações possiveis nas carreiras médicas, que corresponderiam a diferentes remunerações.

Os clínicos gerais de carreira ficariam em regime de dedicação exclusiva, com um ordenado base mais um montante proporcional ao número dos seus doentes e às actividades desenvolvidas a par das consultas (planeamento familiar, sessões de esclarecimento sobre saúde pública, etc). Aos clínicos gerais, acumulando, com a prática privada apenas seria exigido o cumprimento de horário de consultas do centro e usufruiriam de um ordenado fixo.Os clínicos gerais em prática privada estariam convencionados numa determinada área de um certo centro de saúde e não poderiam acumular com a prática pública.

O doente que optasse por este último caso pagaria a consulta e seria reembolsado em 70 por cento do custo total, mas poderia sempre, através de aviso prévio, «migrar» para o serviço público totalmente subvencionado pelo Estado.

P.S.

COMENTÁRIO

Bem-estar sem números

Em nome das regras de concorrência e da rentabilização de serviços, o Governo pode privatizar os centros de saúde, começando por entregar à iniciativa privada as melhores instituições deste tipo em Lisboa e periferia: os de Sete-Rios, Oeiras, Amadora, até agora considerados modelo no sistema português. Dá assim mais um passo na privatização do sector, iniciada em sede de revisão constitucional, quando o direito à saúde, livre e gratuito, garantido aos portugueses desde a Constituição de 1976 se tornou «tendencialmente» desonerado de encargos.

Considera o Governo que da concorrência entre os sectores público e privado se pode obter «melhor rentabilização de recursos» e menos gastos, sem pôr em causa a «qualidade dos serviços a prestar», como disse o ministro Arlindo de Carvalho, durante a discussão da Lei de Bases da Saúde, ainda não votada pelo Parlamento. Mas, quando a saúde tem preço, cedo ou tarde os utentes habituados a um sistema gratuito cobram a factura a quem altera a lei, uma factura política, traduzida em votos.

Razão tem o dirigente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul quando diz que, a concretizar-se esta etapa de privatizações, o Governo dá mais um motivo de descontentamento ao eleitorado e aquece água «para se queimar». Assim aconteceu em Inglaterra, quando Margareth Tatcher fixou preços a um sistema de saúde que era considerado exemplar, nos Estados Unidos, onde se mantém a polémica sobre a falta de tratamento médico da população desempregada, sem acesso aos seguros de saúde, ou na Holanda, ou na Alemanha Federal . E, entre nós, quem se lembrar da contestação que rodeou a criação das primeiras taxas moderadoras, na década de 70, talvez aí encontre um dos motivos que levaram à derrocada dos governos socialistas.

Sujeitar os centros a regras de mercado, reflecte-se também na política global de saúde, nas regras que um governo fixa para cobertura sanitária da população, a nível de sistemas de vacinação, despistagem de doenças, educação e prevenção, todas as etapas que, passada a meta da medicina curativa, se destinam a garantir o bem-estar dos cidadãos. E era nesse sentido que caminhava a medicina europeia.

«Saúde para todos no ano 2000», o lema fixado pela Organização Mundial de Saúde no início da década, dava corpo à campanha destinada a atingir tal etapa. Portugal foi um dos países subscritores, os técnicos portugueses - e entre eles dirigentes da maioria parlamentar - participaram nas reuniões de Geneve onde essa política global foi discutida. Terão esquecido os princípios que então defenderam? Em nome da disciplina partidária farão deles tábua-rasa quando no Parlamento for votada, na especialidade, a Lei de Bases da Saúde, se ela incluir a possibilidade de privatização dos centros? Talvez seja de lhes dar, por enquanto, o benefício da dúvida. Alguns são bons técnicos e por isso sabem que campanhas de saúde materna, planeamento familiar, prevenção do cancro, combate à mortalidade infantil, despistagem de doenças da primeira infância ou - por fim mas não por último - o combate à toxicodependência e a prevenção da Sida - têm de ser feitas de forma conjugada , em todo o País, através de centros de saúde livres e gratuitos, interessados apenas em velar pelo bem-estar das populações - sem lhes fixar preço.

Maria Guiomar Lima

FORUM

IGREJA, FORÇAS ARMADAS E BENFICA, NATURALMENTE!

O deputado Ângelo Correia produziu uma afirmação lapidar que entendo conveniente ficar registada nestas páginas:

- Não se brinca com as Forças Armadas nem com a Igreja.

De acordo. O antigo ministro da Administração Interna só peca por esquecimento mas eu ajudo-o, acrescentando ao par das instituições que adiantou, uma outra com a qual eu penso não se dever brincar também:

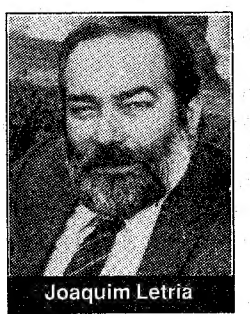
- O Benfica!

Não penso que o deputado Ângelo Correia estivesse, na ocasião em que proferiu tão judiciosa declaração, a acusar implicitamente o Governo de estar a brincar com aquelas duas instituições. Pode não se gostar do Governo, mas tem de se reconhecer que o prof. Cavaco Silva não brinca em serviço. Quanto muito, o eng. Ângelo Correia estaria a autorizá-lo a brincar com o resto dos portugueses, mas o primeiro-ministro já tem ministros e secretários de Estado suficientes para brincarem com todos nós e deixar muito pouco para ele.

Os motivos próximos da afirmação do antigo ministro das Polícias supõe-se que tenham sido o mal estar transbordante no seio das Forças Armadas e a polémica ao redor da atribuição de um canal de Televisão à Igreja.

O problema dos militares parece estar em maré favorável - agora geridos por um ministro competente, sério, influente, poderoso e que não repudia o diálogo responsável num momento de profundas transformações geoestratégicas, bem pode aproveitar-se para se resolver as questões em profundidade, sem falsos receios e, muito menos, com hipocrisia, que é a última forma como os militares gostam de ser tratados. Aproveitem e avancem: sim ou não ao serviço militar obrigatório; sim ou não a umas Forças Armadas profissionalizadas, que espera de nós a NATO; que queremos nós das Forças Armadas. O que não pode continuar é a classe política sem saber o que quer e a obrigar a Nação a ter uma Força Aérea a que não atribui outra utilidade do que pilotar os Falcon em que os seus ministros vão a Bruxelas e o Presidente da República sabe-se-lá onde, uma Armada no estaleiro e um Exército que corre o risco de se transformar, na melhor das hipóteses, numa colecção de soldadinhos de chumbo ou, na pior, numa tropa fandanga...

Quanto à questão com a Igreja nem me pronuncio, preferindo esperar para ver até que ponto o prof. Cavaco Silva se dispõe a ser o Ralf-Sanjani do «ayatollah» António Ribeiro, e não me pronuncio porque seria deselegante fazê-lo acerca daquilo que na minha perspectiva se resume a uma dívida por pagar de uma campanha eleitoral (vitória da AD, 1980) a um fornecedor de influência que utilizou então, a favor dos devedores, os mesmos instrumentos de que hoje se serve para acusar quem prometeu de não haver cumprido. Por fim, vamos ao Benfica.



Joaquim Letria

Se o acrescento à lista do eng. Ângelo Correia, em defesa deste, trazendo-o assim à colação em ajuda deste parlamentar é porque entendo que o mínimo que o Governo pode fazer é propor o popular clube lisboeta ao Presidente da República para uma condecoração no 10 de Junho, agora em reconhecimento pela sua tolerância, compreensão e elegância.

Ou ainda ninguém no Governo imaginou as iras e paixões que seriam despertadas se os benfiquistas tocassem a reunir - *et pluribus unum* - para reclamarem um canal de televisão e mais dinheiro para botas?!

Entretenham-se connosco e deixem lá o Benfica governar-se a si próprio. Mas não se esqueçam que o Benfica é uma Nação...

Cartoon de Pedro Palma

Um exclusivo Faces of the World/DL@1990

ESCREVER NOS JORNAIS

Algumas vezes a morte de pessoas que não conhecemos toca-nos tão de perto quanto nos tocaria a morte de um amigo. Aconteceu-me isso com a morte de Michael Powell, realizador de «Red Shoes», um dos filmes de que mais gosto e que circunstâncias várias da minha vida me têm feito evocar com uma frequência bem maior do que desejaria. Acontecera-me o mesmo, pouco tempo antes, com a morte de Ava Gardner.

Suponho que a frequência com que isto acontece com actores e realizadores de cinema tem a ver com a forma como nos habituamos a partilhar com eles as nossas emoções e acabamos por integrar na nossa memória aquilo que os vimos fazer e sentir. Tive, por exemplo, muita dificuldade em perceber que Ava Gardner, com quem travara conhecimento numa já longínqua tarde de domingo, algures no Kilimanjaro, tivesse morrido agora, tantas tinham sido as vezes em que chorara no seu enterro, substituindo, nessa função, o Humphrey Bogart, que também lá estava junto à estátua da «Condessa Descalça», mas que, como de costume, se poupara às lágrimas.

Mas, talvez que tudo isto tenha a ver com a bela síntese que o João Mário Grilo fez, há anos, ao escrever que quem gosta da vida vai ao cinema. No cinema, fiz grandes amigos e apaixonei-me vezes sem conta e tudo isto, claro está, antes do Woody Allen ter feito a «Rosa Púrpura do Cairo», pára provar que as fronteiras entre o écran e a vida não são bem onde pensam aqueles que andam distraídos e, acidentalmente, provocar-me alguma infelicidade acrescida, ao confirmar quem vive num mundo de sonhos na ideia de que na vida real as histórias acabam sempre mal e que os heróis são vilões em quem é preciso não acreditar.

Mas, se muitas foram as vezes em que o cinema me reconciliou com a vida, às vezes são os jornais que o fazem e que o fazem até em relação aos desgostos que a vida e o cinema nos vão dando. Aconteceu-me isto, por exemplo, com o «Liberátion» no dia da morte de Ava Gardner, quando toda a primeira página do jornal era ocupada por uma bela (como é que não havia de o ser?) fotografia, acompanhada pelo título «Ava s'en Va».

Como nem o meu egocentrismo, aqui tão exuberantemente patenteado, me fez acreditar que o jornal fôra feito a pensar só em mim, não pude deixar de admirar a capacidade do «Liberátion» para compreender que naquele dia a morte de Ava Gardner era um assunto que tocava de muito perto tantos dos seus leitores.

Creio, de facto, que o êxito dos jornais dépende em grande medida da sua capacidade em estarem atentos aos sentimentos dos seus leitores e ao quotidiano por mais insignificante que ele pareça em relação aos grandes acontecimentos mundiais e que é dessa capacidade que resulta também a possibilidade de serem eficazes no tratamento dos temas mais sérios e mais importantes.

Por isso espanta-me que muitos pensem, como aquele meu amigo, tão próximo e com quem partilho tantas coisas na minha vida, que há um pudor dos sentimentos que impede a sua abordagem pública ou que quem tem a possibilidade de escrever num jornal deve optar apenas pela intervenção nas grandes questões económicas, sociais e políticas.

No essencial, a imprensa portuguesa, como se queixava o meu migo que me deu o «Liberátion» caracteriza-se, aliás, por uma grande desatenção ao quotidiano e por uma irremediável tendência para o sério e o pesado e isto apesar da grande inovação que representou «O Independente».

Eduardo Paz Ferreira

Curiosamente, entre as muitas coisas que devo a este meu amigo, está a de, durante dois anos em que estive fora, me ter abastecido regularmente de recortes da imprensa portuguesa. Só que esses recortes eram de artigos do Vasco Pulido Valente, do João Bénard da Costa, do Miguel Esteves Cardoso e do Jorge Listopad e isto, como calcularão, deu-me uma ideia dos jornais portugueses bem diferente do que eles são no seu conjunto.

Em especial, com os recortes do Jorge Listopad e dos «Secos e Molhados» aconteceu uma coisa que já tive ocasião de contar ao autor e que é mais uma das razões porque tenho tanto prazer em escrever no jornal em que ele também escreve. É que, ao longo de um ano, os seus textos, marcados por tanta atenção ao quotidiano e às pequenas coisas da vida, fizeram parte integrante do meu diálogo com quem estava por cá e me fazia tanta falta, ajudando a vencer o tempo, a distância, o peso de tantas coisas que se metiam pelo meio.

Dos textos dele, como de todos os outros que leio nos jornais, espero sempre isso. No fundo, o que está em causa, como estava há um ano atrás, é, como diria o Italo Calvino, um dos mais belos livros que li nos últimos anos, a ligeireza contra o peso de viver.

Descubra mais uma razão para desejar o Fiesta CLX

Fiesta de 1º Aniversário! Os Parabéns são para Si.

Há um ano que mais de 13.500 portugueses vêm descobrindo o outro amor da sua vida.

Escolheram-no pela sua personalidade irresistível, pelo "ar giro"... um Amor à primeira vista.

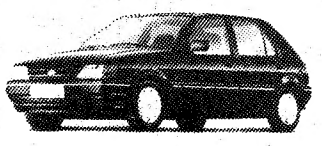
Pense nas verdadeiras razões do coração. O Fiesta é elegante e aerodinâmico, com um interior de enorme conforto para toda a família... ou só para dois.

Ao conforto enriquecido da versão CLX, pode acrescentar-se a conveniência da trancagem central das portas, da abertura da tampa da mala com um simples toque e da comodidade dos vidros de comando eléctrico. São estes os três toques de luxo que formam o conjunto eléctrico.

E porque um ano de Fiesta merece que festejemos consigo, decidimos que o conjunto eléctrico será a sua Prenda de Aniversário Fiesta. É mais uma razão para desejar um Fiesta CLX.

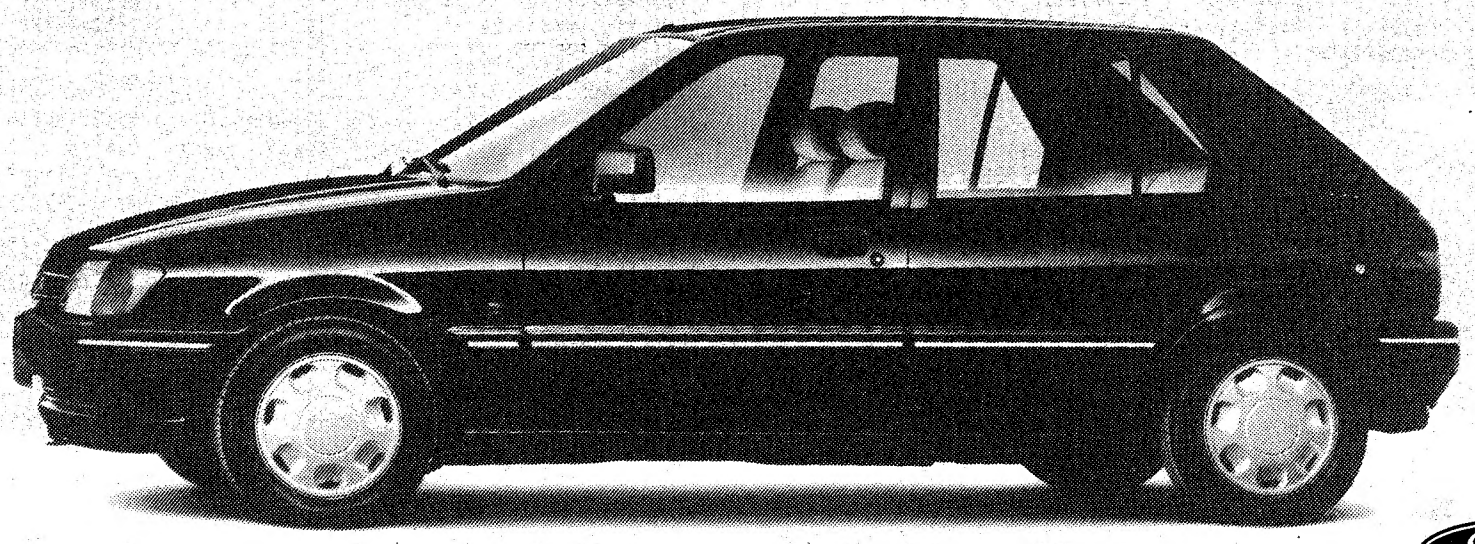
E quando a razão concorda com o coração, não há forma de resistir ao Fiesta.

Será o melhor pequeno carro do mundo?



Esta prenda de aniversário é limitada ao modelo Fiesta 1.1 CLX, para as unidades compradas de 15 de Março a 16 de Abril de 1990.

Vá já ao seu concessionário Ford!



Hoje é dia de Fiesta! Um Amor em crescendo...

Encargos anuais: Combustível: 107.250$00; Seguro Obrigatório: 17.003$00; Impostos: 2.840$00. (Base 15.000 km/Dez. 89).

Ford

QUALIDADE E INOVAÇÃO

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

EM BUSCA DA IDENTIDADE

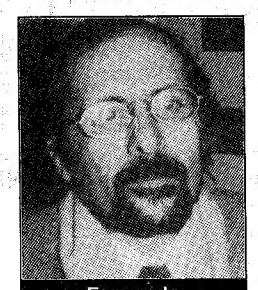
Segundo leio nos jornais, o PSD, nas recentes jornadas parlamentares, partiu em busca da sua identidade. Trata-se, na verdade, de titânico cometimento de que deveria ser encarregado não Pacheco Pereira - apesar de ser um homem esforçado, como ainda se viu nas recentes eleições autárquicas - mas o próprio Indiana Jones. Se mais não houvesse, ajuda-me a fundamentar tal convicção a entrevista ao «Expresso» de Cavaco Silva, a qual, face aos mais recentes desenvolvimentos, merece ser recordada. Entrevista que, mais uma vez, ficará para a história como extraordinário documento do cavaquismo enquanto buraco negro de ideias percorrido por lugares comuns de gestor sem rasgo, manifesto de uma personalidade cujo autoconvencimento roça os limites do patético.

Cavaco Silva, no actual contexto, tem evitado aquelas afirmações de antologia que o celebrizaram logo no início da sua aventura, como a de que nunca se enganava e raramente tinha dúvidas. Agora, com evidente esforço, procura adoptar uma pose mais dialogante e modesta. Mas, como dizem os franceses *Chassez le naturel. Il revient au galop.*

Comentando os resultados das eleições autárquicas, será que ele admite falhas, fracassos, erros na sua governação? De forma nenhuma. Para Cavaco Silva é o eleitorado que tem «dificuldade em compreender», são os portugueses que, burros impenitentes, precisam de explicador.

Isto porque, sofrendo talvez os efeitos das suas incursões nas memórias do aristocrata cabralista Marquês de Fronteira, Cavaco Silva se veja, junto com todos os seus ministros passados, presentes e futuros, ocupando desde já um lugar debruado a ouro e inultrapassável na história deste século, de tal modo, que dentro de uns anos se falaria das épocas a.C. e d.C. (antes de Cavaco e depois de Cavaco).

Com efeito, o primeiro-ministro - que, com invejável capacidade mutante, rapidamente se torna presidente do PSD quando a diplomacia ou a táctica a isso o obriga - é um ser indiscutivelmente privilegiado e iluminado. Quem senão ele neste mundo poderia com rigor de minutos esquematizar uma remodelação? Quem senão ele consegue fazer uma recomposição ministerial «entre as três da tarde de 1 de Janeiro e a hora do almoço do dia 2»?



Fernando Pereira Marques

Esta pretensão de assim dominar os acontecimentos e de controlar a sua evolução, esta representação de homem sem hesitações e sem falhas, noutro contexto talvez fosse preocupante, agora é simplesmente risível.

Aliás, demonstrando uma relação com a realidade bem tipificada na psicologia clínica, o discurso de Cavaco Silva reelabora essa mesma realidade de acordo com aquilo que ele quer que ela seja. Por isso, repare-se, que não fala de descida ou derrota eleitoral, mas sim de «resultado menos bom», do mesmo modo que as razões que presidiram ao afastamento dos diversos membros do Governo, não são as conhecidas da opinião pública, mas as que o primeiro-ministro quer que nós acreditemos que foram. Mesmo que isto implique desdizer publicamente Eurico de Melo e outras das personagens envolvidas, ou contradizer o que é do domínio do bom senso, nomeadamente no que diz respeito ao «perfil» dos novos ministros, como o caso Carlos Brito veio ilustrar de uma forma que nem vale a pena adjectivar.

Mas regressemos à magna questão da identidade do PSD.

Como se sabe, o partido a que Cavaco Silva preside, chama-se, de facto, PPD/PSD, solução imaginosa com a qual se resolve o problema dos que se sentem militantes do PPD apesar do PSD e vice-versa. Trata-se, por consequência, de um partido *pigliatutto* que por razões históricas conhecidas quis penetrar no espaço do PS graças à reivindicação abusiva da social-democracia, não obstante uma orientação predominantemente populista e conservadora. Mas, importa sublinhar, trata-se de um conservadorismo incoerente, oscilando entre o liberal e o dirigista no plano económico, num quadro ideológico difuso e marcado por um voluntarismo circunstancial e tecnocrático. Quanto a ideias, nisto o PPD/PSD rivaliza com o Saara e com o seu actual presidente.

Assim, o cavaquismo é, de facto, a expressão mais completa dessa realidade político-ideológica. Senão, vejamos.

Como objectivo estratégico e cerne da sua acção, Cavaco Silva definiu a realização de «reformas estruturais». Ora, na entrevista em questão, ele anuncia-nos que o «ciclo de reformas estruturais» está encerrado, entrando-se agora no da «consolidação das reformas». Os portugueses que, sempre segundo o primeiro-ministro, não estavam habituados ao «ritmo que marcou o primeiro ciclo», prepa-ram-se estoicamente para o segundo, e interrogam-se sobre o que se lhe seguirá.

Mas de que reformas estruturais se trata? Refere-se Cavaco Silva às privatizações cuja coerência global se desconhece, à política de Saúde cujo nexo e sentido é um mistério para os profissionais e a população, à política agrícola que se esgotou no desmantelamento da reforma agrária sem que se perceba o que sobre essas ruínas se pretende construir, à política de Educação graças à qual se continua a deixar mais uns largos milhares de jovens pendurados sem entrarem no ensino superior e sem outras perspectivas de futuro imediatas? Refere-se Cavaco Silva à eliminação do Conselho de Imprensa, e à sua política para a Comunicação Social que, por vezes, mais tem parecido um saldar de jornais ao desbarato para satisfazer veleidades de «citizens Kane» dos pequeninos, para não falar neste caso da Televisão que ganha aspectos de telenovela brasileira?

Não será, pois, a partir das «reformas estruturais» do primeiro, segundo e terceiros ciclos, que se poderá concluir o projecto de sociedade que o PSD e o seu presidente têm para propor aos portugueses. Este sabe-o e, por isso, tem consciência que «o PSD tem de encontrar os temas adequados para a mobilização dos diferentes sectores da sociedade. Seja a droga, seja a Europa 92, sejam as mudanças a Leste, seja a nova dimensão dos Direitos do Homem, seja a SIDA, seja a revolução tecnológica». (vd. «Expresso»)

Peço-lhe, caro leitor, que saboreie devidamente esta visão estratégico-programática que, de tão abrangente, nos corta a respiração.

Graças a Cavaco Silva, o «PSD que não se esgota no Governo», isto é, o que resta não empregado no aparelho de Estado, vai-nos mobilizar a si, a mim, à sociedade, em torno dos grandes e equivalentes objectivos de luta atrás enunciados.

Trata-se de objectivos que - como diria De Gaulle - apontam para todos os azimutes, para a SIDA e para as novas tecnologias, para a droga e para a Europa 92, para os Direitos do Homem e para a defesa do lince da Malcata. Compreende-se melhor a desorientação do Governo com um primeiro-ministro assim, a qual se evidencia da política externa à gestão dos assuntos militares, passando pela Cultura, pela questão da Televisão e que atinge a sua máxima expressão no posicionamento face à questão presidencial.

Com efeito, reforçando o efeito da tal entrevista, num gesto que comentadores atentos, veneradores e obrigados consideraram de génio, Cavaco Silva anunciou que iria propor ao seu partido a não apresentação de um candidato contra Mário Soares.

Ainda não se sabe se este vai recandidatar ou não. Mas antecipadamente e tentando iludir o seu bloqueamento estratégico e a sua indigência política, o PSD anuncia fugir a um combate importante e entra no campo da fanfarronice que, como se sabe, é sempre uma manifestação de fraqueza.

Tal facto não diminui em nada a eventual e desejada recandidatura de Mário Soares, mesmo que possa prejudicar o confronto que seria salutar no quadro de uma democracia adulta. Constata-se, porém, que continuamos a arrastar a pesada herança, no domínio das instituições, das mentalidades e da vida partidária, de um passado que nos empobreceu moral, cultural e politicamente. Esta herança marca, em maior ou menor grau, todos os portugueses das presentes gerações, e está particularmente ilustrada por este fenómeno não só político como social que o cavaquismo constitui.

Pois bem, anunciada desde já a derrota do PSD nas próximas presidenciais - por falta de comparência - resta à oposição - e, sobretudo, aos socialistas - prepararem-se para as legislativas. Aí Cavaco Silva promete dar luta. Tanto melhor. Mas se for caso de perder - como tudo indica - haverá que lhe lembrar um dos importantes pensamentos que a sua referida entrevista contém, digno de entrar no livro laranja do cavaquismo: «Sair do Governo tal como entrar, não tem nada de extraordinário.»

Entretanto, se alguém encontrar a identidade social-democrata do PSD, é favor entregar no Grupo Parlamentar desse partido. Como diria o poeta: «a gerência agradece».

Mea Culpa

O Diário de Lisboa publicou ontem um artigo sobre José Saramago, referente ao dia da demissão do presidente da Assembleia Municipal. O título e a legenda referiam-se a um texto sobre a conferência de Imprensa dada por Carlos Brito, após a recente reunião da Comissão Política do PCP. O dirigente comunista defendeu uma «convergência das forças de esquerda» quer nas eleições presidenciais, quer nas legislativas. Pela troca de textos o Diário de Lisboa pede desculpa aos seus leitores.

POLÍTICA

Soares acredita no futuro do Chile

O Presidente da República, Mário Soares, que assistiu em Santiago e em Brasília à posse dos novos presidentes do Chile e do Brasil, disse esta manhã, à sua chegada a Lisboa, que a situação no Chile está perfeitamente controlada do ponto de vista democrático e destacou a «impressão extraordinária» que o presidente Aylwin lhe havia causado, sublinhando tratar-se de uma pessoa «altamente prestigiada e consciente».

«Produziu aliás um discurso de um equilíbrio e ao mesmo tempo de uma firmeza invulgares. Devo dizer que a seguir partiu para o Brasil onde esteve quatro dias. E um Chefe de Estado que depois tomar posse se permite estar ausente quatro dias é porque a situação está perfeitamente controlada e a democracia consolidada».

Soares considerou muito importante a representação de Portugal no Chile e no Brasil ao mais alto nível, salientando a referência feita por Collor de Mello ao nosso País.

Na opinião de Mário Soares, o novo presidente brasileiro «não podia ter sido mais aberto nem mais simpático», e modificou de algum modo a política externa brasileira, no sentido de aproximar o Brasil do que eles chamam o «primeiro mundo», aproximação que Collor de Mello diz fazer-se através de Portugal.

Soares falou também do seu encontro com o Presidente José Eduardo dos Santos, em que foram passados em revista todos os problemas e todos os contactos que houve nestes últimos meses, na perspectiva do cessar fogo e da paz.

«Mais uma vez ele insistiu e me disse da vontade política do Governo a que preside em chegar a uma situação de paz e de cessar fogo. Esse cessar fogo terá que ser ficalizado, visto que da primeira vez isso não funcionou. Há negociações que estão em curso e venho esperançado que Angola vai encontrar o caminho da paz e da reconciliação nacional nos próximos meses».

Entretanto, esta tarde, o ministro da Defesa, Fernando Nogueira, apresenta cumprimentos em Belém ao Presidente da República, que é, também, o comandante supremo das Forças Armadas.

Sampaio quer confiança das federações do PS

António Costa, João Proença e Rui Cunha: o difícil render da guarda em Lisboa

O «núcleo duro» da Direcção do Partido Socialista quer à viva força conciliar a autonomia das federações com um controle mínimo do que se vai passar, distrito a distrito, em ordem a estar seguro do empenhamento eleitoral numa campanha que, já no ano que vem, pode dar-lhe de novo o Governo. A expressão «núcleo duro» tanto é utilizada pela maioria como pelas minorias do PS. Fontes da maioria garantem que foi desse núcleo que saiu o distanciamento relativo de António Guterres, não perante grandes decisões políticas , mas face à gestão corrente do PS.

Guerras e paz

As guerras no interior do PS estão alheias ao Congresso do partido, no interior do qual ninguém questionará a liderança de Jorge Sampaio.

Mesmo os opositores mais ou menos frontais ao entendimento com o PCP na lista «Por Lisboa» acabaram por entregar os pontos e foram recompensados pela rendição incondicional, mas cordata, ao regressarem à primeira linha do Governo a formar depois das eleições legislativas do ano que vem.

No caso de Jaime Gama, o assunto deu que falar, sobretudo nas hostes da minoria afecta a João Soares. Quando se constituiu um «Governo-sombra», estes minoritários nem sequer foram consultados. Passando por vezes por cima do próprio Secretariado Nacional, com pequenos e médios escândalos nas bandas eventualmente oposicionistas, Jorge Sampaio e os seus mais próximos apoiantes apontaram na direcção de um Congresso Nacional que desejam sem os consensos absolutos do tempo de Vítor Constâncio. O partido está longe de se resumir, todavia, às ovações que a televisão divulga, e nesta circunstância não há pompa que resista ao desafio das eleições legislativas. Os apoiantes do secretário-geral do PS apenas pedem tréguas em três eleições federativas. Querem estar nitidamente à frente em Lisboa, Setúbal e Beja.

O caso de Lisboa é o que mais dá que falar, tendo obrigado António Costa, secretário nacional para a ligação às federações do PS, a emitir um comunicado em que se afirma publicamente «a confiança política no secretariado desta federação (de Lisboa) e designadamente no seu secretário coordenador, João Proença».

O próprio António Costa foi forçado pelos acontecimentos a publicitar a sua candidatura à liderança da estrutura regional de Lisboa, a FAUL, onde apenas existia a manutenção de João Proença e a opção por Rui Cunha, um destacado apoiante de João Soares que já tinha anunciado a sua corrida à federação da área urbana da capital do País ao próprio Jorge Sampaio, logo que este foi eleito Presidente da Câmara.

O comunicado de desagravo a João Proença foi ditado, sobretudo, pela necessidade de manter coesas as fileiras da maioria socialista na capital.

Até porque Rui Cunha diz a quem o quer ouvir que não desiste do concurso à eleição no Congresso federativo e assegurou ao DL que a minoria encabeçada por João Soares exclui a hipótese de entrar muda e sair calada do Congresso Nacional do próximo mês de Maio.

Evitar as unanimidades que os apoiantes de Jaime Gama preparam, quando se recusam a apresentar alternativas estratégicas à Direcção do Partido Socialista, é assunto equivalente, para maioritários e minoritários, apoiantes de Sampaio ou de João Soares, ao esconjurar de um fantasma, o da saída de Vítor Constâncio.

Talvez por isso todos andem a alimentar pólos de tensão.

João Isidro

Líder do CDS acusa-o de traição

Cavaco não responde a Freitas

Até à hora de encerrarmos a presente edição, o DL não conseguiu obter qualquer comentário do Primeiro Ministro à acusação ontem formulada por Freitas do Amaral. O líder centrista disse no programa «Primeira Página», da RTP, sentir-se «traído» por Cavaco Silva que se recusou a ajudá-lo a saldar as dívidas contraídas nas eleições Presidenciais. Freitas disse não ter sido ele «quem mais perdeu», pois «o declínio de popularidade de Cavaco Silva começou quando o País percebeu que o líder do PSD só era solidário com os que ganham». Freitas confessou ainda dever 15 mil contos dos 60 mil do total da dívida que tem vindo a pagar com o seu trabalho, nomeadamente pareceres jurícos e com a ajuda de amigos.

As críticas ao PSD não se ficaram, porém, por aqui: durante a entrevista a Maria Elisa e a Mário Crespo, Freitas do Amaral acusou Cavaco Silva de «manipular a informação na RTP», de não cumprir as promessas feitas ao eleitorado (citou a propósito o Ensino Superior, a desburocratização e a regionalização), de relativamente ao CDS, lhe ter «roubado» autarcas, gestores e embaixadores, mas avisou que as bases do CDS estão conscientes «de que o PSD é o nosso maior adversário».

Do aperto de mão eleitoral ao aperto financeiro de uma «traição»

O presidente dos democratas-cristãos anunciou que o seu partido vai preparar, até ao Natal, um programa eleitoral que vai ser apresentado a toda a gente e não só aos militante do partido.

Desse programa farão parte, entre outras coisas, uma diminuição significativa dos impostos com maiores deduções com as despesas da educação e da saúde, descentralização, pagamento de indemnizações aos empresários cujas empresas foram nacionalizadas enfim, um programa que Freitas acredita, «se conseguirmos passar a mensagem», possa levar o CDS aos níveis de votação que já conheceu.

Freitas repetiu o que ultimamente tem dito quanto à política de alianças do CDS: equidistância relativamente ao PS e ao PSD.

Reconheceu que ideologicamente o seu partido está mais próximo do PSD mas alertou para a eventualidade de «por dever patriótico» (evitar aliança PS/PCP) o seu partido se poder coligar com os socialistas para a formacção de um governo, facto que, em seu entender, a direita deve entender e agradecer.

Quanto às presidenciais, reforçou a ideia de que o essencial é que apareça um candidato que dispute o lugar a Mário Soares numa perspectiva de dar credibilidade ao debate, ainda que recenhecesse «que neste momento Mário Soares é um candidato imbatível».

cebi

centro de bem-estar infantil de alverca

CENTRO DE BEM-ESTAR INFANTIL DE ALVERCA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 2 do art.º 29.º dos nossos Estatutos e do n.º 2 do art.º 59.º do Dec.-Lei n.º 119/83, convoco a **Assembleia Geral Ordinária do CEBI** para reunir no próximo dia 30 de Março, pelas 20h 30m, na nossa **Sede,** com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Informações
2 — Discussão e votação do Relatório e das Contas de Gerência de 1989 e do Parecer do Conselho Fiscal.

Alverca, 7 de Março de 1990.

O Pesidente da Mesa
da Assembleia Geral
Domingos Martinho Lopes da Costa

NOTA: Se à hora indicada não houver número regulamentar de Associados a Assembleia Geral funcionará em **Segunda Convocatória** com qualquer número nos termos do n.º 2 do art.º 20.º dos Estatutos pelas **21h 30m.**

BREVES

PS quer saber dos milhões depositados na Drexel

O Partido socialista acusou, ontem, a administração do Banco de Portugal de não ter precavido o ouro português, depositado na empresa Drexel, no valor de 18 milhões de contos, mesmo depois de conhecer «todos os sinais de insegurança que a empresa norte-americana evidenciava».

Em função dessa acusação e depois de alinhar a longa série de irregularidades cometidas por Michael Milken, principal responsável da Drexel—que lhe valeram, nomeadamente, 98 processos de extorsão, fraude com obrigações e outras acusaões—o PS entregou na Mesa da Assembleia da República um projecto de resolução que visa autorizar o governador do Banco de Portugal a depor na Comissão Parlamentar de Economia, Finanças e Plano.

É intenção confessa dos deputados do PS serem esclarecidos sobre as razões da actuação do banco e, nomeadamente, sobre a situação das restantes reservas de ouro em poder do Banco de Portugal.

Segredos de Estado na próxima semana

Já na próxima semana e depois dos direitos de autor (logo na terça-feira, em debate que visa introduzir algumas alterações ao regime legal vigente) entram em cena o segredo de Estado e matérias conexas como o secretismo da Administração Pública. É um debate agendado para quinta-feira, dia 29 e tem muito que se lhe diga por surgir na Assembleia sob cinco diferentes perspectivas.Assim, o PCP e o PS pretendem garantir a liberdade de acesso aos documentos da Administração, enquanto o CDS visa objectivos mais precisos ao introduzir neste debate o seu velho projecto de lei do segredo de Estado.Esta questão genérica do acesso aos documentos da Administração Pública vai também ser abordada no debate num âmbito mais restrito pelos Verdes, que se limitam a pretender garantir o acesso aos dados sobre o Ambiente, enquanto os deputados independentes Alexandre Manuel e Pegado Liz (este, entretanto, já resignou ao mandato) colocam o problema do direito à Informação.Este vai ser, sem dúvida, o mais animado e também o mais importante dos debates no plenário parlamentar, nos próximos tempos, enquanto decorrem em paralelo as discussões na especialidade e em sede de Comissão sobre a abertura da televisão à iniciativa privada (a partir de textos do Governo e do PS) e a lei de bases da Saúde (com base na proposta do Governo e no projecto do CDS).

Interpelação ao Governo sobre integração europeia

A próxima interpelação parlamentar ao Governo é da autoria do Partido Comunista e foi marcada para o dia 3 de Abril. Trata-se de abrir um debate sobre política geral centrado em especial nas questões da integração europeia.O Partido Comunista anunciou pretender questionar o Governo sobre as circunstâncias gerais e políticas relativas à distribuição e aplicação dos fundos comunitários, assim como quer saber os termos em que Portugal está a negociar a adesão à União Económica e Monetária, que compromissos foram assumidos para criação do Mercado Interno Único e, nomeadamente, qual vai ser a sua dimensão social.

As conclusões do congresso do CDS, realizado no passado fim - de - semana, geraram uma acirrada polémica no Parlamento entre a pequena bancada centrista e a multitudinária bancada da maioria, principalmente, a pretexto das próximas eleições presidenciais

Mário Soares agitou S.Bento no eco do congresso centrista

Basílio Horta, um dos vice-presidentes de Freitas de Amaral eleitos no recente Congresso do CDS, sumariou ontem na Assembleia da República as conclusões do conclave centrista, ao abrigo da praxe parlamentar usada em circunstâncias idênticas, na sessão plenária seguinte a cada congresso partidário. E fê-lo acentuando a importância da deliberação política assumida pelo seu partido de se apresentar nas eleições legislativas com inteira autonomia e liberdade de acção. Nomeadamente, segundo Basílio Horta, o CDS parte para as eleições legislativas sem o pressuposto de coligações prévias ao acto eleitoral, mas também sem inviabilizar negociações posteriores no caso de o contributo do CDS ser determinante para a formação do Governo.

Mas foi o posicionamento dos democratas-cristãos face às próxima eleições presidenciais e à eventual recandidatura de Mário Soares que fez aquecer os ânimos porque a crítica de Basílio Horta não poupou a «rendição» da maioria perante o prestígio avassalador do actual Presidente da República e «*a desistência do PSD e de Cavaco Silva de apresentarem um candidato próprio contra Mário Soares*».

Basílio Horta disse que o PSD quer repor o Bloco Central na Presidência da República e reduzir as eleições legislativas ao confronto PS/PSD o que o Congresso do seu partido tinha reafirmado não aceitar. Aproveitou, de passagem, para verberar «*a tentativa de esmagamento do CDS*», que o PSD terá encabeçado, e para acentuar que os centristas, sem avançarem com um candidato marcadamente partidário a Belém, esperam encontrar na família democrata-cristã um cidadão notável e suficientemente corajoso para enfrentar Mário Soares e assumir os riscos inevitáveis de uma derrota.

«*O CDS defende a necessidade de uma candidatura alternativa séria ao dr. Mário Soares*», lembrou Basílio Horta, «*quer para afirmar a nossa voz própria, quer para credibilizar o jogo eleitoral, quer até para reforçar o prestígio e a autoridade da instituição presidencial. Mas o meu partido nem por isso se sente obrigado a fabricar um mau candidato: entendemos, sim, que deve ser um candidato não socialista, que dignifique o debate em torno das presidenciais e deve emergir, naturalmente, da sociedade civil*».

Continuou Basílio Horta, numa expressa crítica à posição definida pelo PSD nesta matéria eleitoral:

«Há momentos em que uma aparente derrota se pode transformar em vitória, e outros em que uma vitória não pode deixar de ser interpretada como derrota esmagadora».

Para o vice-opresidente do CDS, o primeiro exemplo serve ao seu partido, se concorrer a Belém e perder honrosamente para Mário Soares; o segundo calha inteirinho ao PSD que, desistindo da corrida presidencial com um corredor próprio, ganha por apoiar Mário Soares, mas perde por ficar na dependência estratégica do Presidente.

Duarte Lima contra a bigamia política

A intervenção do deputado Basílio Horta foi apreciada por quase todas as bancadas, inclusive pela do PCP que o saudou, através de Carlos Brito, por ter sido eleito para a direcção do CDS. Mas provocou uma reacção dura de Duarte

BOCA DE CENA

O Mosteiro da Batalha sofre de cancro da pedra

«*O mosteiro da Batalha está ameaçado de ruina: sofre de cancro da pedra e dos malefícios provocados pelas vibrações do tráfego na estrada Lisboa-Porto que lhe passa ao lado*», denunciou o deputado socialista Rui Vieira, em intervenção no período antes da Ordem do Dia.

O deputado eleito pelo círculo de Leiria garantiu que se não se travar a tempo a degenerescência do mosteiro, está implícito o risco de lhe acontecer o mesmo que aconteceu aos Jerónimos, onde abateu, recentemente, o telhado de uma das naves.

Colaço vai romper os silêncios dolorosos

Festa hojem num botequim lisboeta, para os jornalistas parlamentares retribuirem as amabilidades que, ao longo desta sessão legislativa, têm recebido do assessor de`Imprensa do Grupo Parlamentar Socialista.

António Colaço—é deste assessor que se trata—inaugura hoje uma exposição de gravuras em quadrinhos, que vai ficar aberta ao público até ao dia 29 do corrente, e os jornalistas parlamentares comprometeram-se a estar lá esta noite em peso a seu lado.

Aos 38 anos de idade, a multifacetada actividade deste homem da Comunicação Social desdobra-se por artes várias, como a rádio, a televisão, a fotografia, o desenho e a pintura. Mas os que o conhecem melhor não esquecem que ele foi um pirata-mor da rádio, e um dos precursores do movimento das rádios locais nos tempos heróicos da Antena Livre de Abrantes.

A assessoria parlamentar impôs-lhe, durante os últimos doze meses, um «silêncio doloroso», tal como ele diz no folheto divulgador da exposição. Hoje é o dia idóneo para António Colaço romper o silêncio, ainda que através dos quadrinhos levados a aguarelas com que recheou a sua exposição.

Inflação justifica revisão salarial

Questão ontem levantada pelo deputado comunista Jerónimo de Sousa foi a da disparidade entre os salários até agora negociados e a inesperada subida da taxa de inflação.

Segundo este deputado do PCP, «*é uma exigência inadiável proceder à revisão dos acordos salariais já concluídos com base em metas da inflação que não se irão cumprir, nomeadamente na Administração Pública e no sector empresarial do Estado*».

PS quer ouvir médicos sobre a Lei de Bases da Saúde

A Comissão Parlamentar de Saúde, presidida pelo socialista Ferraz de Abreu, reune hoje na Assembleia da República, mas ainda não será desta vez que é aprovada a constituição do grupo de trabalho que vai analisar a proposta de Lei de Bases da Saúde.O atraso nos trabalhos da comissão deve-se a um desentendimento entre o PSD e os restantes partidos, no que respeita à metodologia a adoptar antes de se iniciar a discussão na especialidade.

Na primeira reunião, após a aprovação da proposta do governo na generalidade, o PS conciliando o desejo de um debate público por parte do PCP e a contra-proposta de nenhum debate por parte do Partido Social Democrata manifestou a intenção de ouvir organizações ligadas ao sector da Saúde na comissão parlamentar.Os deputados do PSD presentes na reunião não levantaram objecções, até porque tanto o Governo como a bancada da maioria já tinham ouvido a Ordem dos Médicos.

No entanto, segundo o DL apurou, na última reunião da Comissão de Saúde os parlamentares social-democratas apresentaram outra versão. O deputado António Bacelar recusou a audição das organizações e manifestou a intenção de apresentar de imediato uma proposta, no sentido de ser votado o grupo de trabalho que vai coordenar o debate.

O presidente da comissão considerou a proposta do PSD «uma violência antidemocrática» e disse que a manter-se semelhante proposta os deputados socialistas abandonariam os trabalhos, bem como os deputados dos outros partidos, deixando a maioria a «falar sozinha», soube o DL junto de fonte parlamentar.

Os dois partidos chegaram a um ponto de consenso. O PS ficou com 15 dias para ouvir a Ordem dos Médicos, os sindicatos dos Médicos e dos Enfermeiros, a Associação dos Utentes de Saúde (da qual faz parte o socialista António Arnaut), a União das Mutualidades Portuguesas, a União das Misericórdias e a Associação dos Munícipios Portugueses, entre outras organizações.A reunião de hoje na Comissão Parlamentar de Saúde destina-se a resolver problemas pendentes com os médicos dentistas e os técnicos superiores de laboratório. A votação do grupo de trabalho só se realizará na próxima semana.

M.J.R.

Basílio Horta ao PSD: «Não é um partido que já participou em Governos com toda a gente, inclusive com o Partido Comunista, que nos vem dizer com quem devemos ou não falar e negociar».

Lima, vice-presidente da bancada da maioria, que qualificou a estratégia adoptada no Congresso centrista para as eleições legislativas como «bigamia política». Isto porque, afirmou Duarte Lima, o CDS tanto se dispõe a casar com o PS, depois das eleições, como a formar Governo com o PSD, se isso lhe for conveniente e proporcionar ministros.

Duarte Lima considerou ainda como uma ofensa para o seu partido a afirmação de Basílio Horta segundo a qual o PSD tinha tentado o esmagamento do CDS nas últimas eleições autárquicas. E disse de Freitas de Amaral que ele tinha obtido um bom *score* no Congresso, embora não compreendesse como é que tinha sido derrotado na escolha da lista para o Conselho Nacional.

«*Para o vosso partido e o vosso líder*—respondeu imediatamente Basílio Horta ao primeiro vice-presidente da bancada do PSD—*só há vitórias e por isso decidiram apoiar Mário Soares. Mas essa vai ser, na prática, uma derrota estrondosa do prof. Cavaco Silva. E quando o PSD for afastado do poder, vocês vão começar a ver como é que, até dentro do partido, Cavaco Silva vai ter de começar a habituar-se a sair derrotado*».

Basílio Horta insistiu, depois, na acusação de esmagamento do seu partido—a que aludira antes e que teria sido tentada pelo PSD nas eleições autárquicas—e afirmou explicitamente a DuarteLima:

«Vocêsqu-riam o CDS debaixo da asa, como um apêndice, sem liberdade de voar e de falar com quem quiser. Mas ficaram a saber, com o nosso Congresso, que não podem esperar mais isso, pois vamos falar e negociar com quem muito bem entendermos».

Daniel Reis

À MARGEM

Desambiemtemo-nos

O ambiente está na moda, entrou no discurso político com a mesma frequência com que saiu da prática.

O ambiente ritualiza-se, comemora-se, festeja-se, já é também um academismo intelectual. As agressões de que é vítima, essas são dramáticas, trágicas, calamitosas. Desta desconformidade resulta uma frustração que alguns pretendem resolver das mais diversas e descontroladas maneiras.

O Partido «Os Verdes» propôs ontem ao Parlamento a criação da figura e do cargo de Promotor Ecológico, cuja função seria «garantir a todos os cidadãos a possibilidade de apresentar queixas de actos que atentem contra o património, o meio ambiente em geral, a qualidade de vida de cada um e de todos os membros da sociedade».

A proposta abortou. Os dois maiores partidos formaram um bloco (central) contra ela. E para quê, de facto, um provedor de ambiente, se ele já há tantos. O Presidente da República defende o ambiente e até reclama um debate nacional sobre os eucaliptos, enquanto eles continuam a inundar a floresta portuguesa. O Primeiro Ministro vai à Televisão assumir-se como a consciência moral da Nação em matéria de ecologia, enquanto o Governo é censurado pela CEE por não cumprir regras mínimas comunitárias. No debate parlamentar, todos ospartidos comungaram ontem de preocupações ecológicas.

Provedor do ambiente é bom para Lisboa, segundo proposta do social-democrata Marcelo Rebelo de Sousa; provedor para a segurança no trabalho, sim, na ideia dos sociais-democratas dos TSD; provedor da educação, excelente ideia para os socialistas; da saúde, também.

Provedemos, sosseguemos assim as consciências do pecado da nossa inércia. E se, em vez de provedores, nos dessem boa educação, boa saúde, boa qualidade de vida? E se fizessem boas leis, as cumprissem e os cidadãos exigissem a sua aplicação? Desambientemo-nos da sociedade que temos.

Provedor dor Provedores, já temos o da Justiça, que se queixa de que a administração pública não lhe liga nenhuma.

Adelino Cardoso

AO ENCONTRO DOS NOSSOS CLIENTES

PARA QUE NOS ENCONTRE MELHOR
NA GRANDE LISBOA,
INAUGURÁMOS EM 1 DE FEVEREIRO
AS NOVAS DEPENDÊNCIAS
DE BENFICA E ODIVELAS

ABRIMOS AGORA, MAIS
2 NOVAS
DEPENDÊNCIAS
DESDE 19 DE MARÇO

ALGÉS
Av. Bombeiros Voluntários, 49 A
1495 LISBOA
Telefs. 410 90 05 - 410 90 55

C. DE OURIQUE
Rua Domingos Sequeira, 74 C
1300 LISBOA
Telefs. 67 38 91 - 67 61 79

IMPÉRIO
seguros

B R E V E S

Cavaco Silva vai a França

O primeiro-ministro português, Cavaco Silva inicia amanhã à tarde uma visita de dois dias a França durante os quais se encontrará com o presidente François Miterrand,com empresários franceses e portugueses, bem como com representantes dos emigrantes. De entre os temas a abordar nos encontros com as autoridades francesas, destacam-se a cimeira extraordinária da CEE, a União Económica Monetária e a nova arquitectura europeia, resultante das modificações em curso no Leste.

UEO em debate

O estabelecimento de uma nova ordem de paz e segurança na Europa é o assunto dominante nos trabalhos da sessão extraordinária da Assembleia de Parlamentares da União Europeia Ocidental, que se realiza amanhã e depois no Luxemburgo. É a primeira vez que Portugal participa, por direito próprio numa sessão daquela assembleia, depois de o Parlamento português ter ratificado, no passado dia 13, o protocolo de adesão àquela organização internacional. Entretanto, a segunda reunião quadripartida do Conselho da Europa das Comunidades Europeias, a realizar em Lisboa, está agendada já para domingo e nela participam o ministro João de Deus Pinheiro e a secretária-geral, Catherine Lalumière.

Privatizações são constitucionais

O Tribunal Constitucional confirmou a constuticionalidade da Lei-Quadro das Privatizações sobre a qual o Presidente da República, Mário Soares solicitara fiscalização preventiva. Segundo fontes oficiais, a lei passou com oito votos contra cinco. Ao pedir a fiscalização preventiva de três normas da primeira lei orgânica saída da revisão constitucional Mário Soares garantiu não ser contra o processo de privatizações mas quis que não houvesse qualquer «incerteza jurídica» quanto ao seu modo de aplicação. A Lei-Quadro terá agora de ser promulgada pelo Chefe de Estado.

Moções do Congresso do PSD publicadas no «Povo Livre»

O jornal oficial do PSD, «Povo Livre» publica hoje as sete moções de estratégia global que vão ser discutidas em Congresso. A grande expectativa na próxima reunião magna dos social-democratas está na forma como Cavaco Silva vai organizar a nova direcção do partido.

Até ao momento, nem os colaboradores mais directos do presidente do PSD têm conhecimento das listas para a Comissão Política, o Conselho Nacional e para o Conselho de Jurisdição.

O nome do futuro secretário-geral continua a ser uma incerteza, embora nesta corrida ganhem força os nomes de Marques Mendes e Duarte Lima, o que não impede que à última hora apareça um nome menos conhecido da opinião pública para substituir Dias Loureiro.

A questão das presidenciais, que inicialmente parecia levantar problemas, é neste momento um assunto pacífico. Os habituais apoiantes ou os críticos de Mário Soares, dentro do PSD, não põe em causa a proposta da Comissão Política, no sentido de apoiar o actual Presidente da República. Uns por convicção. Outros com «o consolo de que, desta forma, vamos obrigar Soares a um plebiscito, que lhe desagrada».

É agora mais polémica a atribuição de um canal de televisão à Igreja. O tema não consta das moções de estratégia, mas é provavel que nos três dias de Congresso ainda venha a ser colocado por alguns congressistas.

Reestruturar o PSD

O que vai fazer movimentar as influências das diversas distritais são as exigências de abertura da Comissão Política Nacional, acusada de estar muito «governamentalizada» e a negociação dos lugares para a direcção do partido.

José Miguel Júdice, ex-dirigente da distrital de Lisboa, em recente entrevista ao DL, estableceu a diferença entre as duas principais moções alternativas à da actual direcção (Lisboa e Porto) da seguinte forma: «Lisboa mantem-se coerente com a linha cultural-humanista que sempre a inspirou. É uma moção político-cultural, enquanto a do Porto é uma moção de tipo político-interventor.»

A estratégia global da Juventude Social Democrata, a apresentar pelo líder Pedro Passos Coelho, vai reforçar o tom crítico em relação ao Governo e à estrutura do partido, pouco ligada às bases, e levanta problemas em áreas específicas para a juventude como é o caso do serviço militar obrigatório e dos objectores de consciência.

Os «jotas» apoiam claramente a reeleição do Presidente Soares.

A distrital de Faro, por seu lado, tem uma posição mais cautelosa sobre as presidenciais. «A primeira parte da história tem um epílogo feliz», mas «nada garante que a história se repita nos próximos cinco anos», afirmam os social-democratas algarvios.

A moção defendida pelos militantes de Lisboa-Oeste apoia a recandidatura do actual Presidente e rejeita eventuais coligações do PSD nas eleições legislativas.

O regresso a lugares de destaque de militantes afastados e a renovação das estruturas são outras questões que preocupam aqueles militantes.

A proposta dos TSD reclama uma mais justa distribuição da riqueza, tendo em conta «o crescimento económico notável no nosso país».

Sobre esta matéria, o primeiro-ministro já disse em várias reuniões partidárias que o Executivo está em condições de distribuir riqueza e que o fará até 1991.

Das sete moções apresentadas ao Congresso a luta política vai desenrolar-se entre Lisboa, Porto e a Comissão Política Nacional. Nesta «troika» a JSD terá também uma palavra a dizer.

M.J.R.

No primeiro dos quatro encontros com independentes

PCP debate teses e acena aos socialistas

Os acordos estabelecidos depois das eleições autárquicas em algumas câmaras municipais de maioria relativa PCP ou PS, entre estas duas forças políticas, poderão servir de base à plataforma para uma alternativa democrática de que falam as teses comunistas para o XIII Congresso. A experiência da coligação «Por Lisboa» reforça, mais que os acordos pós-eleições autárquicas, a ideia de que a derrota do Governo e das forças contrárias ao PS e ao PCP reside na convergência e unidade entre aqueles dois partidos.

Foi esse o «recado» que Octávio Teixeira (que também fez uma ampla abordagem o processo das privatizações dos problemas daí decorentes para o sector empresarial do Estado) transmitiu ontem à noite a alguns independentes que responderam ao convite para o primeiro dos quatro debates que o PCP promove até 27 de Abril, marcados para uma das salas do Hotel Roma, em Lisboa.

Trata-se de uma iniciativa que visa «enriquecer as teses» para a reunião magna extraordinária convocada para os dias 18, 19 e 20 de Maio. Ontem, foram poucos os que apareceram e o debate foi pouco participado. Luís Sá, um dos membros coordenadores da sessão, admitiu inicialmente que se estava perante uma sessão de esclarecimento, e não no centro de um debate com vista ao XIII Congresso do PCP. Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Alcina Bastos foram alguns dos convidados que responderam ao apelo.

A plataforma de que se fala

Alcina Bastos sublinhou que não demorará uma década para os cidadãos compreenderem «a diferença que há entre o capitalismo e o socialismo» no tocante a condições sociais. Esta advogada adiantou que, apesar do que se afirma sobre a RDA, uma das preocupações das suas gentes era trocar de carro, por estarem satisfeitas as suas principais necessidades sociais, desde a saúde á educação - o que não acontece em Portugal.

Assinalou ainda quanto a chocou o derrube da estátua de Lenine em Bucareste, sobretudo pela Igreja ter abençoado o acto. «As pessoas andam loucas», acrescentou.

A pairar ficou a proposta de Octávio Teixeira sobre a «plataforma para uma alternativa democrática»: assim apresentada «ao povo português, a todas as forças sociais e às forças políticas democráticas», o seu destinatário é, no imediato, o PS, sem o qual a plataforma não terá consistência.

Trata-se do núcleo de força da tese número três, «A luta para uma alternativa democrática», sobre a qual se espraiou Octávio Teixeira, ainda que aquem de corresponder às expectativas. A maioria dos presentes, como ficou reconhecido, não tinha ainda lido as teses que os militantes do PCP estão a debater, numa discussão que culminará no XIII Congresso dos comunistas.

Não tinham lido as teses

Apenas um dos presentes, por sinal uma indepente da CDU na Câmara Municipal de Lisboa admitiu conhecer o documento, o que lhe permitiu animar o debate, tendo como pretexto «PCP-um partido para o nosso tempo».

Foi sobre essa questão de fundo que incidiu a exposição inicial de Luís Sá, depois de António Abreu, também do comité central do PCP, ter explicado as razões da inicitiva, dando conta de outras que o Partido Comunista tem programado para os próximos dias.

A primeira terá lugar já no dia 27, uma sessão de solidariedade para com a revolução sandinista; a segunda relaciona-se com os terrenos, no Seixal, onde o PCP promoverá sua próxima festa.

Luís Sá estranhou a coincidência de haver termos comuns em notícias sobre o PCP publicadas no mesmo dia, quer em semanários quer em jornais diários. Exibindo alguns recortes, aquele dirigente comunista citou dois títulos, «PCP na defensiva» e «Um partido que joga à defesa», saídos em dois semanários, no mesmo dia. Sobre os comentários feitos às teses, vincou ainsa a semelhança de outros dois títulos, «Um extenso documento sem qualquer novidade» e «As teses não trazem nada de novo».

Uma marca de classe

«Há adversários do partido que gostariam de o ver virado por dentro, arrependido de si próprio», salientou noutro passo, para deixar claro que «as teses contêm uma autocrítica frontal e corajosa» em relação ao que se passa no Leste, e que se o PCP não tomou antes posição foi porque desconhecia a situação.

«Temos uma marca de classe», acentuou Luís Sá na defesa do marxismo-leninismo e do centralismo democrático que as teses para o 13º Congresso consagram no capítulo sobre «O ideal comunista e a natureza e identidade do Partido Comunista Português». E afirmou: o PCP «é um partido internacionalista, da classe operária e dos trabalhadores».

Júlio Rodrigues

Debate sobre privatizações

Octávio Teixeira diz não a um convite do INES

Octávio Teixeira não participará no debate sobre privatizações que o INES promoverá no próximo dia 24, em Lisboa. O deputado comunista afirmou ao «DL» ter recebido, ontem, um convite do Instituto de Estudos Sociais nesse sentido e que a sua resposta será negativa.

«A posição que assumi sobre a criação do INES foi muito clara, sou membro do Comité Central do Partido Comunista, pelo que o convite não tem razão de ser», salientou aquele economista ao DL.

Octávio Teixeira não se escusará, contudo, a debater a questão das privatizações, com membros do INES, em qualquer outro local ou situação, desde que não a iniciativa não seja daquele instituto em que preponderam elementos conotados com o PCP.

Pessoas ligadas aos processos de nacionalizações e das privatizações, além de representantes dos partidos políticos, participarão no debate público a realizar no próximo sábado no auditório do Instituto Franco-Português.

Os economistas João Abel Freitas, Carlos Pimenta e António Mendonça são os autores do texto que servirá de base ao debate, para o qual foram convidados Mário Murteira, Brandão de Melo e Ferreira do Amaral.

J.R.

INTERNACIONAL

Seis mortos e 300 feridos em confrontos étnicos na Transilvânia

Roménia à caça de instigadores

O Governo provisório da Roménia reuniu-se ontem de emergência e anunciou posteriormente a criação de uma comissão de investigação para apurar as causas das tensões e a identificação dos instigadores dos conflitos étnicos em Tirgu Mures, na Transilvânia, que originaram já seis mortes.

Os confrontos, os mais graves de origem étnica verificados nas últimas décadas na Roménia, começaram no sábado, quando um grupo de nacionalistas romenos atacou em Tirgu Mures uma farmácia com um letreiro em dialecto húngaro e culminaram ontem, na mesma cidade, onde quatro mil pessoas se envolveram.

Na segunda-feira à noite, nacionalistas romenos atacaram a sede de uma associação política húngara, cuja actividade visa conseguir uma maior autonomia cultural, incluindo o direito oficial de falar em dialecto húngaro, há muito negado.

Esta manhã o Governo da Roménia lançou um apelo aos habitantes de Tirgu Mures e da região da Transilvânia para que «mantenham a calma e o sentido da responsabilidade e retomem, quanto antes, as actividades normais».

Numa declaração lida na Televisão, o Governo anunciou também que aplicará firmemente as leis existentes para proteger a ordem pública. «A calma regressou a Tirgu Mures, assim que o exército tomou o controlo da situação, durante a noite», concluiu o Governo no seu comunicado.

A televisão, por outro lado, confirmou que o número de pessoas ontem falecidas na sequência dos confrontos entre nacionalistas romenos e elementos da etnia húngara em Tirgu Mures se elevou a seis. Mais de 300 pessoas estão feridas, 30 das quais gravemente, confirmou ainda a rádio.

O exército, socorrido por tanques e carros blindados, conseguiu separar ontem à noite elementos das duas comunidades e declarou o estado de emergência em Tirgu Mures.

Na capital húngara, Budapeste, 50 mil pessoas manifestaram-se ontem em solidariedade com os 1,7 milhões de húngaros da Roménia e o Governo lançou um apelo à ONU para que condene as «atrocidades» cometidas contra as minorias hungaras no país vizinho.

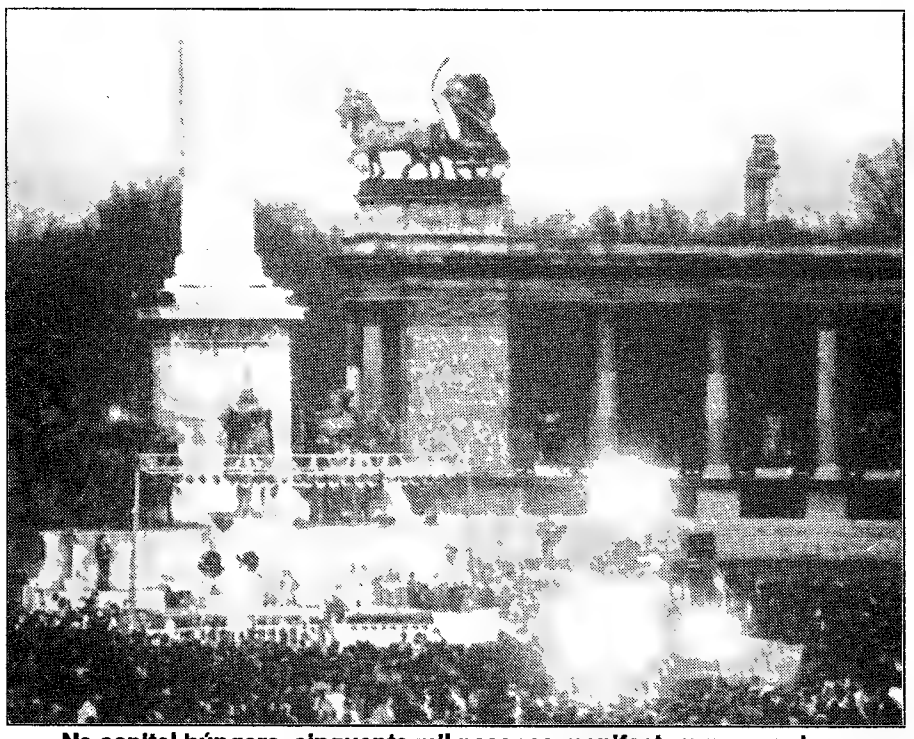
Numa carta enderecada ao secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, e publicada ontem na sede da organização, em Nova Iorque, o ministro húngaro dos Negócios Estrangeiros, Gyula Horn exprime «as graves inquietações do Governo húngaro quanto às flagrantes violações dos direitos humanos na Roménia».

A carta solicita ao secretário-geral a tomada de «medidas efectivas para proteger os direitos individuais e colectivos da mais importante minoria na Europa».

A Hungria não pretende intervir nos assuntos internos da Roménia, mas não pode permanecer silenciosa.

Aguarda do Governo romeno uma denúncia destas atrocidades e a adopção de medidas para evitar que situações como esta se repitam no futuro, acrescenta a carta.

«A comunidade internacional deverá condenar as acções dos nacionalistas romenos que violaram a Carta da Nações Unidas», conclui a carta do ministro húngaro.



Na capital húngara, cinquenta mil pessoas manifestaram-se, ontem, em solidariedade com os 1,7 milhões de húngaros da Roménia

Reuter/AFP

B R E V E S

URSS não fará uso da força na Lituânia

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, assegurou «muito claramente» que o recurso «à força não será a solução para o problema» da independência da Lituânia e das restantes repúblicas bálticas - disse James Baker à saída do encontro com o seu homólogo soviético, em Whindhoek. «Os soviéticos estão esperançosos que as questões referentes à Lituânia serão tratadas pela via do diálogo», acrescentou Baker. Shevardnadze, disse por sua vez aos jornalistas que Moscovo se opõe «ao uso da força em qualquer região e particularmente na União Soviética». O presidente Mikhail Gorbachov deu segunda-feira ordem ao seu Governo para tomar medidas para revogar a declaração de independência emitida pelo Parlamento lituano, depois de ter expirado um ultimato de três dias em que pedia aquela república para reconsiderar a sua posição. Desconhecem-se que medidas serão tomadas, mas um declaração do Governo soviético sugeria, segunda-feira, que poderiam ser enviadas tropas para pontos estratégicos, na Lutuânia. Ontem, as agências noticiosas internacionais faziam referência a numerosos tanques e soldados no Sul daquela república soviética. Shervardnadze, chamado a comentar em Windhoek estas informações, afirmou: «não tenho conhecimento disso. Existem tropas colocadas permanentemente na Lituânia. Isso é rotina e é essa a situação actual».

Em breves declarações à Imprensa, depois de um encontro que durou três horas e meia, o secretário de Estado norte-americano afirmou que a questão da unificação alemã também foi debatida, escusando-se no entanto a adiantar mais pormenores. Em suspenso está ainda fixação da data exacta da próxima cimeira Bush-Gorbachev, prevista para Junho, numa altura em que as duas superpotências concertam posições para uma solução dos conflitos no Afeganistão e de Angola.

Bush quer pressionar mudanças em Cuba

O presidente norte-americano, George Bush, acusou Fidel Castro de estar a aumentar o totalitarismo em Cuba e apelou ao Congresso para que pressione por mudanças naquele país. Falando na Casa Branca a líderes do Congresso, George Bush sublinhou que se tem verificado um aumento do isolamento a Cuba após as eleições livres na Nicarágua e a invasão norte-americana do Panamá, que derrubou o general Manuel Noriega. O presidente norte-americano realçou no entanto estar "terrivelmente desapontado" com o facto de que "Castro parece estar a intensificar a sua posição totalitária em vez de avançar para eleições livres e justas". Bush apelou a Castro para que realize eleições livres, estabeleça uma economia de mercado e reduza as forças armadas, para ter relações normais com os EUA. O líder cubano, que há dias assistiu à posse do presidente, Collor de Mello, voltou a reafirmar no Brasil as suas posições revolucionárias, embora essa viagem tenha tido o objectivo de minorar o cada vez maior isolamento diplomático de Havana.

Anti-trust avança no Senado italiano

Foi aprovada ontem , ao longo de uma sessão muito agitada no Senado italiano, uma alteração ao projecto de Lei contra as concentrações nos Meios de Comunicação Social do ministro da Telecomunicações Oscar Mammí. Com a aprovação do artigo votado pelo PCI, Esquerda Independente e a ala esquerda da DC, a publicidade nos canais privados e estatais não poderá interromper os filmes . A interupção publicitária apenas será consentida no intervalo . A aprovação da proposta avançada pelos comunistas criou um clima de tensão acentuada entre os partidos do governo, tendo levado os socialistas a afirmar que os acordos da maioria foram traidos.

Bona toma medidas para conter êxodo da RDA

Três dias depois da vitória eleitoral dos conservadores na RDA, o governo de Bona decidiu, ontem, tomar medidas para conter o êxodo de emigrantes. O governo de Helmut Kohl elaborou um projecto-lei que prevê a abolição, a partir do dia 1 de Julho, da legislação sobre o acolhimento de alemães de Leste, que datava de 1950. A partir dessa data, os «irmãos» do Leste que pretendam instalar-se na RFA já não poderão usufruir das ajudas financeiras, nem do acolhimento gratuito, oferecido pela RFA, enquanto não encontrarem trabalho. O ministro do Interior, Wolfgang Schaeuble, afirmou no entanto que «enquanto alemães federais, terão o direito à ajuda social e aos refúgios para os desalojados».

Apelo à calma

Esta normalização era há muito exigida pelo candidato a chanceler do SPD, Oskar La Fontaine, que perante o descontentamento das classes populares, face ao aumento da concorrência no mercado do trabalho, tinha lançado o debate sobre a questão. Helmut Kohl, que esperou pelo desfecho das eleições de domingo na RDA, conseguiu não só conquistar o agrado dos alemães de Leste pela hospitabilidade que demonstrou, mas também, com as medidas recém-tomadas, as classes populares da RFA. Renovando o seu apelo numa entrevista à televisão na segunda-feira à noite, Kohl disse: «Fiquem por favor em casa. Desfaçam as vossas malas, vão para as vossas fábricas e escritórios, e ajudem a construir em conjunto o país». No entanto, Bona sabe que não pode impedir fisicamente os alemães de Leste de entrar na RFA. Assim, Helmut Kohl insiste em melhorar as condicões ecónomicas na RDA o mais depressa possível.

Ninguém dúvida que a RDA entrará num período de boom económico após a sua inclusão no mundo ocidental. Mas quanto tempo será necessário para este processo arrancar? E, os quanto tempo aguentarão ainda todos aqueles que já estão de malas feitas para partir para a Alemanha Federal?

No imediato, a reforma monetária é a prioridade das prioridades. Após as promessas feitas durante a campanha eleitoral, o governo de Kohl está a reunir todos os esforços para estancar a hemorragia demográfica da RDA, que constitui em si um grave problema económico.

Sem querer adiantar uma data precisa para o início da reforma monetária na RDA, W. Schaeulbe disse que isso poderia acontecer «três semanas antes do dia 1 de Julho ou um mês depois». Depois de Bona ter proposto aos alemães de Leste um câmbio à taxa de um deutsche mark por um marco da RDA, para converter os depósitos bancários na RDA, o volume que cada alemão de Leste será autorizado a converter em DM ainda não está defenido.

Dois problemas subsistem. Por um lado, a RDA terá de modificar a sua constituição para poder aceitar uma união monetária.

Ora, esta alteração só será possível se os vencedores das eleições de domingo chegarem a acordo com os sociais-democratas do SPD, partido este que incialmente tinha rejeitado qualquer tipo de negociação com os conservadores mas que agora parece estar mais aberto ao diálogo. Por outro, e segundo Karl-Otto Pohl, presidente da Bundesbank - banco central independente do governo- ainda há muitos problemas técnicos por resolver, desaconselhando qualquer precipitação.

Redacção «DL»/ AFP/Reuter

CARTA DE MOSCOVO

O Presidente de todos os soviéticos

«O Presidente, a meu ver, deve sentir-se e actuar como representante não de uma camada ou tendência política, mas como o mandatário de todo o povo.» Foi assim que Mikhail Gorbachev, definiu o modo como entende vir a exercer o cargo de Presidente da União Soviética para que foi eleito, a semana passada, no Congresso de Deputados do Povo da URSS.

Até hoje, o líder da URSS era o dirigente máximo do Partido Comunista, e governava o país em seu nome. Essa era acabou e são muitos os que se interrogam sobre quanto tempo ainda o chefe do Estado soviético permanecerá à frente do partido, depois do 28.º Congresso, em Julho próximo. Dividido, paralizado pela sua burocracia, não parece ser mais o instrumento de que a «perestroika» precisa.

É nos Sovietes, disse Gorbachev, 5.ª feira passada, no seu discurso de tomada de posse — logo após o anúncio dos resultados da votação realizada na noite anterior — que reside «o mecanismo em que pode apoiar-se o Presidente do país no cumprimento das suas funções».

O PCUS já não é, depois das modificações introduzidas na Constituição pelo Congresso, a força política dirigente do país. Terá agora, «em igualdade com outras organizações políticas», que procurar, «através de métodos democráticos», o direito de ser Poder. Outros partidos políticos, alguns dos quais já embrionários, surgirão, e o Presidente com eles terá que tratar.

Foi tendo em conta esta nova realidade que Gorbachev assegurou aos deputados que, sem abdicar das suas convicções políticas, o Presidente «está pronto a levar em conta objectiva e imparcialmente todo o diapasão de opiniões e interesses legítimos existentes na sociedade».

Isso é tanto mais urgente quanto os consensos necessários, para realizar a colossal tarefa de reformar o país, vão faltando. Único candidato, depois da recusa de Rijkov, chefe do governo, e de Bakatine, ministro do Interior, propostos pelo grupo parlamentar conservador «Soyuz» (União), gorbachev recolheu 1329 votos, longe dos resultados por ele obtidos há pouco menos de um ano, quando foi eleito Presidente do Presidium do Soviete Supremo, com 2123.

Não foi aliás pacífico todo o processo de alterações à Constituição. Não houve grandes conflitos no tocante à abolição do papel dirigente do Partido Comunista. Apenas não vingou aqui a emenda que, tendo recolhido uma maioria de votos, mas não os necessários dois terços, pretendia retirar do texto qualquer referência ao partido.

Já no que toca à própria criação neste momento do cargo de Presidente se registaram agudos debates. O «Grupo Inter-regional», de que Boris Ieltsin é um dos dirigentes, dividiu-se, com alguns dos seus membros a aparecerem a defender, algo surpreendentemente, as posições de Gorbachev.

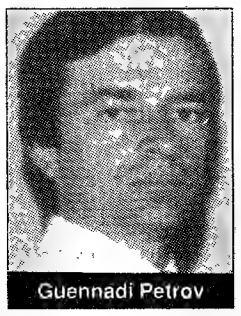
O grupo tinha expressado, anteriormente, a opinião de que, só depois de estar renovada a Federação soviética, se deveria criar o cargo. Um grupo de deputados georgianos manifestou-se no debate contra o projecto por recear que o Presidente, com os seus amplos poderes, sirva para contrariar os movimentos nacionalistas e separatistas. Os lituanos e outros bálticos colocaram-se mesmo na posição de «observadores».

O «Grupo Inter-regional» também temia que à concentração de poderes pudesse vir a abrir caminho a uma ditadura, e era pela eleição do Presidente por sufrágio universal, ou, quanto muito, se escolhido pelo Congresso, por um breve mandato, e não por cinco anos como acabou por ficar fixado.

Embora o mandato do Presidente possa ser revogado pelo Congresso, em caso de violação da Constituição, são de facto vastos os seus poderes. Dirige um Conselho presidencial por si nomeado, de que fará parte o primeiro-ministro, com funções executivas e legislativas. Poderá vetar decisões do Soviete Supremo, pedir ao Congresso a dissolução do mesmo, suspender a aplicação de medidas do Governo, instaurar o estado de emergência em zonas do país e nomear aí uma administração temporária. É o Presidente do Conselho de Defesa da URSS e comandante Supremo das Forças Armadas.

O líder soviético tornou-se, assim, virtualmente independente do Partido Comunista. Não mais terá que negociar cada nova medida a tomar. O poder ganha nova eficácia, pondo fim a um período em que o colectivismo das decisões levava, como frisou o próprio Gorbachev, à irresponsabilidade. A maneira como está a ser tratada a questão lituana, comprova uma mudança em relação à atitude anterior do Poder, que nos últimos tempos só agiu em situação de ruptura. No entanto, Gorbachev declarou que a sua concepção de Poder presidencial «subentende o diálogo e a cooperação com os representantes das diversas correntes do pensamento social, assim como a participação destas na elaboração de iniciativas e programas presidenciais».

Implícita está, nestas declarações de Gorbachev, que as diversas correntes políticas, e não apenas o Partido Comunista, vão ser chamadas a discutir com o Presidente a «radicalização» da «perestroika» por ele anunciada. Não se sabe de que forma esse diálogo se processará. O desejo dos sectores mais radicais seria que ele assumisse a forma de uma «mesa redonda», semelhante às havidas nos países da Europa de Leste.



Guennadi Petrov

CARTA DE WASHINGTON

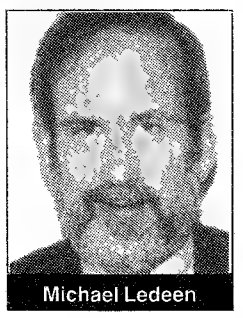
O logro do eurocomunismo

Muitos funcionários americanos sentiram-se levemente divertidos perante o espectáculo de o Partido Comunista Italiano (PCI) ter finalmente, mudado de nome - e de doutrina. Pois recordam que, há quinze anos, os líderes do PCI proclamavam ao Mundo que já se tinham transformado num «partido político normal, como qualquer outro», sendo, por isso, um parceiro aceitável para participar nos governos de Itália.

Estava-se na época do «eurocomunismo», quando os comunistas franceses, espanhóis e italianos alegavam terem sido sujeitos a uma transformação fundamental democrática. Os dois líderes carismáticos do eurocomunismo eram Enrico Berlinguer, de Itália, e Santiago Carrillo, de Espanha, e ambos se enraiveciam perante a recusa do Governo dos EUA em aceitar as suas proclamações de conversão à democracia e ao pluralismo, e de independência da União Soviética. O clima era tal que muitos, senão a maior parte, dos mais conhecidos intelectuais, europeus e americanos, olhavam com simpatia Carrillo e Berlinguer, e criticavam violentamente o secretário de Estado, Henry Kissinger, por se manter céptico relativamente ao fenómeno «eurocomunista».

Os acontecimentos deste último ano parecem constituir uma desforra total para Kissinger e para aqueles que duvidavam dos eurocomunistas. Pois, se estavam assim tão distanciados de Moscovo - e se tinham, efectivamente, alterado as suas posições políticas -, por que não formalizaram essas mudanças até 1990, numa altura em que as mesmas transformações se verificam na própria União Soviética, e quando os partidos comunistas da Europa de Leste estão em vias de desaparecer? Torna-se, agora, evidente que os eurocomunistas não tinham, afinal, «atravessado o Rubicon» - que separa os partidos políticos normais do comunismo -, nem tinham, verdadeiramente, cortado os seus laços ideológicos com o Partido Comunista da União Soviética. E, se bem que, em meados dos anos 70, o PCI tenha sido largamente aclamado como sendo o mais «liberal» de todos os partidos comunistas europeus, os acontecimentos vieram demonstrar que figurava, de facto, entre os que revelam uma menor autonomia. Longe de constituir a vanguarda da transformação do comunismo, o PCI tem sido arrastado na esteira da vaga de mudanças que percorre o mundo comunista. Do PCE espanhol, já quase não se ouve falar; e os comunistas franceses - que eram, também, incluídos no grande movimento de «reformas» dos anos 70 - só agora começam a aderir à «perestroika» e à «glasnost».

De todos os disparates que se disseram, e escreveram, sobre o eurocomunismo, o mais vergonhoso foi a chamada «teoria reformista», a qual defendia que o Kremlin tinha medo do PCI, pois o seu exemplo (de independência e de aceitação de alguns valores democráticos) poderia funcionar como um apelo herético junto dos comunistas da Europa de Leste. De acordo com este ponto de vista, o comportamento do PCI poderia sugerir aos polacos, húngaros e checoslovacos que estariam muito melhor sob uma forma mais liberal de governo do que sob os seus actuais regimes. Alguns de nós argumentámos, nessa altura, de que se tratava de uma atitude altamente insultuosa para com os europeus de Leste, os quais não precisavam dos sermões de Enrico Berlinguer para se convencerem de que estavam a ser mal governados. Não deixa de ser apropriado que tenham sido, precisamente, os polacos, húngaros e checoslovacos a indicarem, agora, o caminho aos comunistas italianos.



Michael Ledeen

De facto, o que os europeus de Leste demonstraram - perante a atrapalhação histórica dos eurocomunistas e das suas legiões de adeptos, em todo o Ocidente - é que o eurocomunismo não era, de modo algum, atraente para os populações dos países satélites. O que pretendiam - e estão, agora, a alcançar - é o fim, puro e simples, do comunismo.

Como puderam tantas pessoas cair no logro das promessas - que, agora, se revelam ocas - do PCI e dos outros partidos eurocomunistas? Um dos factores a ter em consideração é o antigo desejo de ver emergir, em qualquer parte, um comunismo de «rosto humano», sem nenhuma semelhança com o sistema leninista que foi implantado na União Soviética, Europa de Leste e outros países, que, como Cuba, tiveram a infelicidade de caírem nas suas mãos. Em vez de admitirem que o próprio comunismo constituia um erro monstruoso, muitos intelectuais «progressistas» insistiram que era, apenas, a sua «versão» soviética que não estava correcta, argumentando que o conceito básico de uma sociedade sem classes continuava a ser uma meta a atingir.

Tendo adoptado esta convicção, resolveram seguir a estratégia de que «não há inimigos à Esquerda», a qual significa que apenas a Direita representa uma ameaça para o bem da sociedade. Deste modo, mesmo no apogeu do terrorismo das Brigadas Vermelhas, em Itália, os comunistas transalpinos e os seus apoiantes mantinham que os «brigadistas» eram «camaradas»; «desencaminhados», é certo, mas, mesmo assim, «camaradas». O PCI e os intelectuais comunistas tardaram muito em combater o terrorismo, em grande parte devido a esta atitude de miopia política.

Em segundo lugar, vinha a insistência - que ainda permanece hoje - de que um bom sistema social tem que ser «socialista», pelo que não se podia pôr em perigo a luta por uma sociedade mais justa atacando aqueles que apoiavam o socialismo. Todavia, todos esses socialistas democráticos - e há muitos - deveriam ter tido consciência de que o «socialismo real», tal como era praticado no bloco soviético, constituia um desastre.

A recusa em aceitar a realidade do comunismo, e a aceitação da branda retórica dos eurocomunistas, contribuiu para obscurecer a verdade, e tornou mais difícil ultrapassar os males que o comunismo produziu. Nos Estados Unidos, a onda de apoio ao eurocomunismo fez com que o Governo americano tivesse maior dificuldade em conduzir uma política eficaz contra a expansão do comunismo, nos anos 70. E é por isso que há quem festeje, discretamente, em Washington, a visão e a coragem daqueles que se empenharam nesta luta impopular.

Tradução de Isabel Joyce

INTERNACIONAL

Entrevista com Karl Schiller, ex-superministro da Economia e das Finanças da RFA

«União monetária das Alemanhas não é motivo para receios»

SZ: *Senhor Professor, a esperança de que oferecendo à RDA uma união monetária se conseguiria travar o número dos refugiados, não se concretizou. Acha que tal união foi demasiado cedo oferecida - a cerveja ainda não tinha levedado?*

Schiller: Penso que a oferta, em si, não poderia sinalizar o fim da emigração. O que importa, agora, é saber como é que a união monetária se irá realizar. Só então é que poderemos falar num teste. Mas evidentemente que todos nós quisemos uma ordem de prioridades diferente.

SZ: *Primeiro, uma união económica, e depois a monetária que seria o coroar dos acontecimentos?*

Schiller: Sim. Eu sempre disse, e a tempo e horas, a Modrow: logo que começar a união económica, inicia-se o processo da integração com as regras da economia de mercado. E então os dois Estados estarão unidos.

Os rios das capitais virão tumultuosos, haverá, então um período de duas divisas paralelas até que a união monetária acabe por se impor.

SZ: *Seria, então, uma solução de emergência?*

Schiller: O que está em jogo é o sentimento de que se inicia um processo de repúdio por parte da população da RDA, da sua própria moeda. Nos compêndios chamamos a isto «o repúdio» - ninguém quer aceitar dinheiro que nada vale.

Quando isto se verifica só poderemos recorrer a uma nova moeda. E essa nova moeda é o marco ocidental. Por isso, repito: o caminho da união económica, seria a via real para chegarmos à unificação. Mas também se aceita o caminho da prioridade da união monetária. Mas é um caminho mais duro.

SZ: *Os mercados financeiros internacionais reagiram com medo à união monetária. Os cidadãos da RFA também temem que a estabilidade do marco venha a ser afectada. Você também partilha estes receios?*

Schiller: De modo algum. O Banco Central Federal, no caso de uma união monetária com a RDA, continuará praticando a sua política da rédea curta em relação às quantidades de dinheiro em circulação. Não vejo qualquer motivo de receio.

SZ: *Mas nós já estamos a exportar capital.*

Schiller: Com os 100 biliões de marcos de saldo excedentário nas exportações de capital, podemos bem, no decurso do processo, desviar um terço desse saldo positivo para a RDA, aplicando também o mecanismo dos juros. Não vejo quaisquer problemas.

SZ: *Acha que a economia da RDA, se se realizar uma união monetária ao câmbio de 1:1 não ficará ainda menos competitiva?*

Schiller: Essa é a questão fulcral. O difícil não é a quantidade de dinheiro em circulação, mas sim a adaptação aos caudais de capital.

Uma união monetária significa que no dia X, os preços, os impostos, o dinheiro que cada cidadão traz na carteira, e finalmente, os salários, passam de marcos orientais para marcos ocidentais. Ora para a capacidade económica, é muito difícil aceitar o câmbio de 1:1 nessa fase inicial. É que os preços e os salários serão valorizados.

SZ: *Mas tudo isso indica que não será de aconselhar um câmbio de 1:1.*

Schiller: Tal modelo indica a situação em que se encontra a economia da RDA: os produtos da RDA oferecidos em marcos ocidentais dificilmente se poderão vender porque a sua qualidade não corresponde ao que é normal no que vende a RFA em marcos ocidentais.

Karl Schiller, ex-superministro da Economia e das Finanças da RFA

SZ: *Mas os preços poderiam baixar, dado que os salários também descerão.*

Schiller: Na RDA os salários equivalem a um terço do valor nominal dos salários da RFA.

SZ: *Você não gosta de trabalhar com números tirados do caixote do lixo. Contudo, os cidadãos da RDA já fizeram as contas e sabem quanto é que vai custar a união mometária. Está em causa, sobretudo, o problema das infra-estruturas. É que estas são pagas com dinheiros públicos. Tem alguma ideia do que vai custar a unificação?*

Schiller: Não gosto de prognósticos desse género pois tudo depende do modo como se processar a reconstrução da RDA. Logo que ela avançar, muitas coisas se resolverão por si próprias. E então, na RDA, também as receitas fiscais aumentarão quer seja através de um sistema de IVA quer através dos impostos profissionais e de rendimentos.

SZ: *E como será o problema do desemprego?*

Schiller: Para se conseguir controlar o desemprego dentro de certos limites precisamos de ter em funcionamento um bom sistema de subsídio de desemprego. Esse subsídio andará à roda dos 60 a 70 por cento do salário líquido, como acontece na RFA.

SZ: *Infraestruturas, capital de arranque, desemprego - tudo isto custa muito dinheiro. Se você fosse o ministro das Finanças onde iria buscar o dinheiro?*

Schiller: Nós não poderemos, evidentemente, colocar já na RFA, ou dentro de poucos anos, um sistema completo de infraestruturas. Em 1948 também ninguém nos deu infraestruturas de borla!

Indústria na grelha de partida

SZ: *Mas nessa altura ninguém poderia prever os custos, e hoje sim.*

Schiller: Graças a Deus que ninguém, nessa altura, poderia prever os custos! Se alguém se pusesse a fazer as contas do que custariam autoestradas, habitação, hospitais, reparações devidas à guerra, todos desanimariam e diriam: nunca lá chegaremos. Foi o processo do crescimento que permitiu arranjarmos os dinheiros para financiar tudo isso. O mesmo se passará na RDA. Tudo irá, pois, depender da dinâmica da RDA.

SZ: *Mas de momento, na RDA não existe uma dinâmica. Por isso é que nós teremos de avançar com dinheiros. Pergunto novamente: se fosse ministro das Finanças, onde iria buscar o dinheiro?*

Schiller: Nós não poderemos oferecer, prontas, as infraestruturas. As fábricas terão de ser financiadas com capitais privados. Os dois aspectos estão inter-relacionados. Em parte, teremos de contar durante um período de tempo com fábricas sem as necessárias estradas e acessos, mas o problema ficará resolvido quando elas começarem a laborar em pleno.

Foi o que aconteceu connosco. As nossas fábricas iniciaram os seus trabalhos, exportaram, produziram riqueza, e só depois é que as infra-estruturas se completaram. No que diz respeito aos capitais privados só posso dizer que a indústria ainda está na grelha de partida.

SZ: *Não vamos ter portanto aumento de impostos para subvencionar a RDA?*

Schiller: Entendo perfeitamente que um ministro das Finanças sinta os cabelos em pé - a mim aconteceria o mesmo - por todos falarem em aumento de impostos.

Se fosse eu a mandar, aconselharia calma e esperaria mesmo com os cabelos eriçados antes de aumentar os impostos. Mas se devido à urgência - isso seria a *ultima ratio* - os aumentos de impostos se tornassem indispensáveis, eu só tocava no IVA. Se pretendermos manter o nosso crescimento a níveis tradicionais, não podemos tocar nos impostos sobre os rendimentos nem nos impostos profissionais. E no que diz respeito ao IVA, a CEE espera que o aumentemos, não drástica mas visivelmente no intuito de se conseguir uma melhor harmonia.

SZ: *Actualmente, no Orçamento Geral do Estado, temos 40 biliões de marcos destinados a subvenções. Ora poderíamos começar por aí.*

Schiller: Sim. E não esquecendo o sector militar, evidentemente.

SZ: *Os cidadãos da RDA há décadas que estão habituados a receber ordens «de cima». Numa economia de mercado as ordens não vêm de cima mas dos parceiros. Acha que será fácil a reciclagem?*

Schiller: As pessoas aprenderão tais normas muito rapidamente. Primeiro, a população é inteligente e laboriosa. Em segundo lugar, também já aprendeu os princípios fundamentais que regem a economia de mercado. Muitos gestores estatais já têm espírito de empresário. A burocracia da economia de plano que, *de facto*, ainda existe será colocada na prateleira, nem precisa de ser esquecida. Penso mesmo que a transformação de burocratas em empresários será muito mais rápida do que a maior parte das pessoas pensa.

União ainda este ano

SZ: *Vamos à última questão: prazos para a concretização da união monetária. Qual é a data que você prognostica?*

Schiller: Penso que a união monetária ainda chegará este ano, o mais cedo possível após as eleições do 18 de Março. É evidente que as conversações e negociações ainda levarão certo tempo, mas a união chegará: no Verão preferivelmente ao Outono ou no Outono preferivelmente ao Inverno. Penso que o ministro Genscher apresentou os problemas muito inteligentemente em Otava. É que as suspeitas e irritações vêm tanto do lado ocidental como do oriental. Com boa vontade, porém, as coisas poderão resolver-se.

SZ: *E qual é o seu prognóstico para a data da unificação política?*

Schiller: É muito difícil responder. Mas a médio prazo. Logo que a união monetária e a união económica se realizarem, parte da união política será, também realidade. Contudo será sempre necessária a política externa para ratificar os acordos. Pessoalmente acho que da nossa parte nas negociações políticas falta um certo profissionalismo.

Franz Thoma - Exclusivo Suddeutsche Zeitung/DL
Trad. J.S. Monteiro

(N.R.: Não obstante ter sido concedida em vésperas das eleições de domingo na RDA, o conteúdo desta entrevista mantém-se integralmente actual).

TRIBUNAL JUDICIAL DE LEIRIA

ANÚNCIO

Processo N.º 27/90
1.ª Secção 4.º Juízo

Faz-se saber que no dia vinte seis do mês de Abril, pelas 14 horas, no Tribunal desta Comarca, no processo de carta Precatória extraída dos autos de Inventário Obrigatório n.º 7/87, a correr termos no T. Judicial do Seixal, a que se procede por óbito de António Eduardo Gonçalves e desempenha as funções de cabeça de cabeça de casal Maria Alcina André M. Nunes de Sousa, residente em Rua Sociedade Filarmónica Operária Amorense, Lote 20-4.º Esq.º, na Amadora 2840 SEIXAL, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes

— Veículo ligeiro de mercadorias, da marca TOYOTA, DINA DIESEL, de matrícula SP-98-23. de caixa aberta, a qual vai á praça pelo valor de 650 000$00 (seiscentos e cinquenta mil escudos).

O referido veículo encontra-se em casa de VÍTOR PEDROSA FRIAS, conhecido pelo filho de Maria do Outeiro, residente em Sismaria — Monte Redondo — Leiria.

Leiria, 1 de Março de 1990.

O Juiz de Direito,
António Joaquim Piçarra
A Escrivã Adjunta,
Maria Preciosa Marques Oliveira

«DL» 21/3/90 — 1.ª Pub

INTERNACIONAL

Antigos inimigos, Nujoma e De Klerk homenagearam os lutadores pela liberdade

Namíbia dá os primeiros passos como país independente

O presidente Sam Nujoma, de mão dada com Nelson Mandela, à chegada deste ao aeroporto de Windhoek, para participar nas cerimónias da independência da Namíbia

«A Namíbia será para sempre livre, soberana e independente», afirmou Sam Nujoma, ao usar da palavra durante "a jornada mais memorável da história" da ex-colónia sul-africana, outrora designada por Sudoeste Africano. Às zero horas e 20 miutos locais (22 e 20 TMG) a Namíbia tornou-se oficialmente independente, com o arrear da bandeira de Pretória no "Estádio da Independência" de Windhoek, na presença do secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, e do presidente sul-africano, Frederik de Klerk.

Imediamente a seguir, a bandeira da Namíbia (três bandas diagonais em azul, vermelho e verde, separadas por filetes brancos, com um sol amarelo no canto superior esquerdo) foi içada no mastro sob os «vivas» da multidão.

Alguns minutos depois, o presidente eleito da Namíbia, Sam Nujoma, líder da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (Swapo), prestou juramento solene como chefe de Estado. Nujoma foi investido no mais alto cargo do país por Perez de Cuellar.

Um enorme fogo de artifício, reproduzindo as cores da bandeira namibiana, estralejou no céu de Windhoek, no meio de gritos de alegria de dezenas de milhar de espectadores.

No seu discurso de posse, Sam Nujoma, de 59 anos, sublinhou «a conduta de homem de Estado» e o «realismo» do presidente de Klerk. E acrescentou que essas duas qualidades «encontram prolongamento na própria África do Sul», uma alusão à vontade manifestada por de Klerk de procurar uma solução negociada do conflito entre a minoria branca no poder em Pretória e a maioria negra.

O discurso pronunciado por de Klerk foi igualmente moderado e conciliador. O presidente sul-africano apresentou uma imagem de "advogado da paz", ao afirmar, nomeadamente, que "a época da violência terminou para a Namíbia e o mesmo deverá acontecer no resto da África Austral". De Klerk foi ao ponto de render homenagem aos que "fizeram o sacrifício supremo" para obter a independência da sua pátria. "É justo que os homenageemos esta noite", disse. Estendendo à Namíbia "a mão da amizade", de Klerk augurou "uma relação mutuamente satisfatória" entre os dois países, que partilham uma fronteira.

A data da independência, 21 de Março, foi escolhida para assinalar o trigésimo aniversário do «massacre de Sharpeville», quando 69 manifestantes desarmados foram mortos na África do Sul ao protestarem contra o porte obrigatório do «passe».

Governo empossado

Hage G. Geingob prestou igualmente juramento como primeiro-ministro da República da Namíbia, momentos depois da proclamação da independência.

Até ontem primeiro-ministro designado, Geingob foi investido pelo presidente Sam Nujoma.

Regressado do exílio a 18 de Janeiro último, Geingob dirigiu a campanha da Swapo, que a conduziu em Novembro a uma vitória nas eleições supervisionadas pelas Nações Unidas.

Encontros de personalidades

Os 16 ministros e 16 vice-ministros escolhidos em Dezembro por Nujoma prestam juramento durante uma cerimónia que se realiza hoje. A Assembleia constituinte será transformada em Assembleia Nacional e os seus 72 membros também prestarão juramento.

A quase totalidade da comunidade internacional esteve a noite passada representada em Windhoek, para assistir ao nascimento de um novo Estado, a Namíbia, que ascendeu à independência após 106 anos de colonização, primeiramente pela Alemanha e, desde 1915, pela vizinha África do Sul.

Um carrocel diplomático

As personalidades presentes constituíram praticamente um «Who's who» da diplomacia mundial.

O único Estado que não foi convidado a assistir à festa namibiana foi Israel.

Para a comunidade internacional, esta independência equivale a um triunfo, visto que a ONU conduziu, desde Abril último, o processo de descolonização, depois de ter batalhado desde 1946 com o regime de Pretória.

O presidente sul-africano avistou-se em Windhoek com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, no contacto de mais alto nível de sempre entre os dois países.

Os dois homens reuniram-se, acompanhados de auxiliares, na Casa do Sudoeste Africano, até sexta-feira residência oficial do governador da África do Sul na Namíbia.

Políticos de vários quadrantes também se reuniram na capital namibiana, tendo tratado das questões angolana e moçambicana, numa apertada agenda de encontros bilaterais que se terão centrado na questão do cessar-fogo angolano e no diálogo directo entre a Frelimo e a Renamo.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Savimbi negociará auto-afastamento

Quando recomeçarem as conversações directas entre o Governo de Angola e da UNITA, na primeira quinzena de Abril, na capital cabo-verdiana - como o DL anunciou em primeira mão há duas semanas - Jonas Savimbi vai estar numa posição de veras singular: por proposta da África do Sul, que disso já deu conhecimento ao principal aliado e fornecedor de armas da UNITA - os EUA - o afastamento de Savimbi da vida política angolana, depois de alcançado um acordo, vai ser de novo um dos principais pontos da agenda.

A nuance introduzida pela África do Sul em relação ao que Luanda pretende que ficou estabelecido em Gbadolite é que Jonas Savimbi não terá que se afastar para que negociações de paz sejam entabuladas, sendo ele próprio, pelo contrário, a conduzir o processo pelo lado da UNITA, até ao período de transição. Sob pressão conjunta da União Soviética e do «Grupo dos Cinco», sobretudo do Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, Luanda aceitaria uma mudança constitucional para um regime multipartidário, em que a UNITA disputaria eleições em pé de igualdade com outras forças políticas. Luanda travaria, por outro lado, qualquer impulso dos seus militares de levarem a actual ofensiva até à Jamba.

Pretória pretende uma postura de mediador

Fontes diplomáticas sul-africanas disseram ainda ao «DL» que é pouco provável que o presidente De Klerk venha a ceder eventuais pressões americanas no sentido de apoiar de novo de forma activa a UNITA, a troco do levantamento de sanções económicas. «Seria um último caso, que só se verificaria se Mandela fosse completamente incapaz de controlar a ala radical do ANC e de uma extrema hostilidade dos países africanos. A postura de mediador é a que convém aos interesses sul-africanos».

Esse diplomata sul-africano disse que, pelo contrário, os sinais de boa vontade da parte dos regimes «revolucionários», como Angola, Moçambique e Cabo Verde, são decisivos para uma nova postura internacional em relação à África do Sul, sobretudo para a sua afirmação como potência africana. O prolongamento da guerra civil angolana poderá, por outro lado, prejudicar a estabilidade da Namíbia, que a RAS quer apresentar «como modelo económico e político para a África».

O «DL» soube entretanto que o antigo secretário de Estado da Cooperação, Luís Fontoura, é o elemento que ultimamente tem vindo a fazer a ponte entre o Governo cabo-verdiano e a UNITA. Luís Fontoura esteve discretamente, em Fevereiro, em Cabo Verde, simultaneamente com o actual titular do cargo que já ocupou, Durão Barroso.

M. D.

Shimon Peres indigitado para formar novo Governo israelita

O líder do Partido Trabalhista de Israel, Shimon Peres, tem 21 dias para conseguir reunir os consensos necessários para a formar um novo Governo. Peres foi ontem indigitado pelo presidente israelita Haim Herzog para formar uma coligação na Assembleia que viabilize um Executivo de centro-esquerda no país.

«Democráticamente, era lógico conceder a preferência ao Partido Trabalhista, que esteve na origem da queda do Governo de Shamir» afirmou Herzog, num discurso ao país transmitido pela televisão.

Mas a tarefa de Peres não vai ver fácil. De facto, tanto o líder trabalhista, como Yitzhak Shamir, líder do Likud, haviam conseguido o apoio de 60 deputados cada um, dos 120 que tem assento naquela Assembleia. Para além das razões «lógicas» apontadas pelo presidente Herzog, uma outra poderá ter feito pesar decisivamente na indigitação de Shimon Peres: os partidos religiosos, que vão por certo ter um papel importante na saída da crise política em Israel, acham que já é tempo de se iniciar uma dinâmica de paz no Médio Oriente, nomeadamente através de uma solução da questão palestiniana, um dos pontos que o Likud parece não estar disposto a ceder.

Shimon Peres poderá contar, pois, como os partidos de esquerda e centro-esquerda (Shinoui, Ratz, Mapam, Lista Judeo-Árabe, Lista Democrática Árabe, Khadash Comunista e o ex-deputado comunista Charlie Bitton), assim como o partido religioso ortodoxo Agoudat Israel. o líder trabalhista procurará ainda um entendimento com os deputados do Partido Nacional Religioso e com os partidos religiosos ortodoxos, o Deguel Hatorah e o Shas.

Rabin ameaça

Mas Peres vai ter que estar atento ao que se passa no interior do seu partido. Nos últimos dias, tem-se ventilado o nome de Yitzhak Rabin, trabalhista, e ex-ministro da Defesa, como a figura capaz de reunir mais consensos num futuro Governo de coligação. Inclusivcamente, a Imprensa israelita chegou mesmo a noticiar a existência de algumas cisões internas no Partido Trabalhista, opondo sobretudo Peres e Rabin, devido ao facto de este último ter tentado, mesmo quando tudo já estava perdido, salvar o Governo de união nacional entre os trabalhistas e o Likud.

Redacção «DL»/AFP

INTERNACIONAL

A derrota dos sandinistas nas últimas eleições na Nicarágua puseram de sobreaviso o Governo cabo-verdiano, desencadeando um amplo debate interno no PAICV que culminou com a reestruturação das forças armadas e da polícia

Cabo Verde «despartidariza» forças armadas

As estruturas do partido nas forças armadas e na polícia vão começar a ser desmanteladas, com vista à instauração do regime multipartidário, soube o DL de fonte daquele país africano. Essa decisão é, segundo a nossa fonte, «consequência de um debate sobre a actual situação na Nicarágua», em cujo processo eleitoral Cabo Verde teve como observadores dois embaixadores e um juíz.

A derrota imprevista dos sandinistas nas recentes eleições teria com efeito provocado um intenso debate no interior do partido governamental, levando alguns elementos da comissão política a opinar que a abertura deveria ser travada para só ter efeitos práticos em 1995. «Os camaradas da Nicarágua confiaram demasiado», confidenciou-nos recentemente um elemento da cúpula cabo-verdiana.

A decisão indica, porém, que venceu a linha diametralmente oposta, encabeçada por Pedro Pires, que acautela a eventualidade do PAICV vir a perder as eleições sem que isso implique uma crise ou quebra de confiança dos investidores na estabilidade do país. «Se o partido perder as eleições, deve retirar-se para merecer de novo o poder», disse publicamente Pedro Pires.

Polícia ineficaz

Embora a situação interna e internacional dos dois regimes não seja nem de longe comparável, a corrente reformista do PAICV entende que a «experiência governativa e de relações internacionais do partido é já património nacional cabo-verdiano» e deve estar disponível, em qualquer circunstância para garantir a paz interna e o desenvolvimento. «Cabo Verde não aguentaria uma semana de crise», lembrou o primeiro-ministro no final da última reunião do Conselho Nacional.

O peso das forças armadas na sociedade cabo-verdiana não é, contudo, significativo e dela já não fazem parte os antigos combatentes. Essa estrutura de cerca de dois mil homens é hoje enquadrada por jovens oficiais formados em Cuba e na URSS e enfrenta mesmo um debate aberto quanto à eventualidade da sua extinção ou reconversão numa guarda nacional.

Quanto à polícia, nunca conseguiu prestígio, por um lado, por integrar elementos vindos da velha polícia colonial e, por outro, lhe faltar competência técnica, o que determina um alto grau de ineficácia. O caso recente do assassínio do secretário de Estado Renato Cardoso, em que a polícia cabo-verdiana teria destruído, por incompetência, pistas que levariam à identificação segura do culpado - segundo confidências da polícia judiciária portuguesa e da Scotland Yard inglesa, chamadas a cooperar neste assunto - pode ser a gota a determinar uma mudança radical nessa estrutura do Estado de Cabo Verde. A baixa cotação dessas duas estruturas reflecte-se mesmo no interior do partido, tendo o ministro das Forças Armadas e segurança, Júlio Carvalho, registado uma medíocre votação no último congresso, em Novembro de 1988.

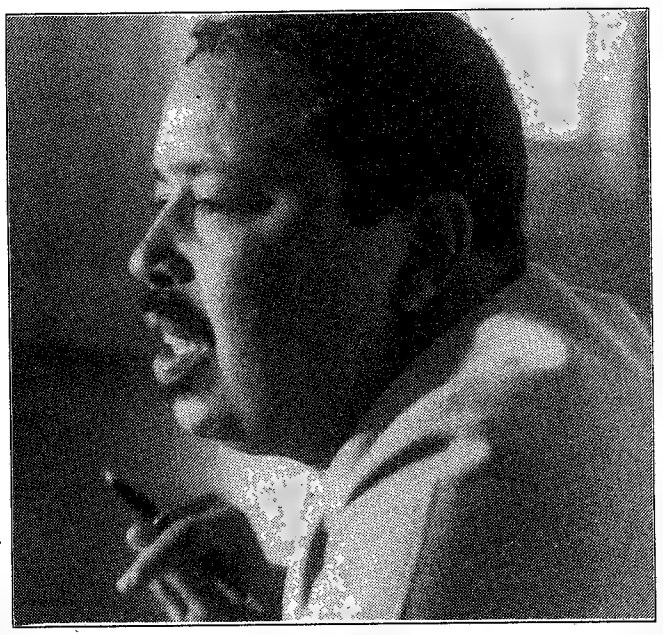
Novo impulso

Mas o impulso decisivo para as mudanças de Cabo Verde foi dado pelo presidente Aristides Pereira, que fez saber através dos seus próximos que anuciará no final do mês, oficialmente, a decisão de não se candidatar a um novo mandato e deu um claro sinal de confiança no seu «delfim», Pedro Pires, ao passar-lhe num momento decisivo o que tem sido até agora «domínio reservado» do presidente: o «dossier» África Austral. Aristides Pereira não conservará a liderança do partido, que aliás entregou na prática a Pedro Pires, no ano passado.

O que era uma densa nebulosa, ainda há dias, começou de súbito a clarificar-se. A lei eleitoral será revista em Maio, de modo a que listas independentes possam participar nas eleições de Novembro. O congresso extraordinário do partido será em Setembro. Já se sabe que, diferentemente do que tem vindo a ser dito, o próximo Presidente da República - que será Pedro Pires, se o PAICV conservar a maioria na Assembleia - não fará extinguir o posto de primeiro-ministro nem ocupará pastas ministeriais, pretendendo antes um regime semi-presidencialista. Sabe-se inclusivamente que o actual ministro do desenvolvimento Rural e Pescas, João Pereira Silva - «um duro na gestão e um liberal nas ideias, para pôr termo à bagunça nas empresas públicas», no dizer dos seus apoiantes - será com toda a probalidade o próximo chefe do Governo. E que o Governo vai ser profundamente restaurado, no sentido da eliminação e concentração de pastas. A revisão constitucional que apeará o PAICV do pedestal «de força dirigente da sociedade e do Estado», essa sim, só será feita em 1991 pela próxima legislatura da ANP.

Alteração da estrutura governamental

Aqui acabam as certezas e começam as especulações tão ao gosto dos cabo-verdianos.



Pedro Pires, o «delfim» de Aristides Pereira e seu provável sucessor

Curiosamente, retomando debates antigos e revelando uma notável sintonia entra as cúpulas e a parte mais esclarecida da opinião.

Quando se fala da eliminação de pastas, a mais visada é a da Informação - «que não faz sentido num regime democrático» - mas também o próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros, que é dado como podendo vir a ser absorvido pelo da Cooperação.

Todo o sector económico, incluindo o Plano, a Indústria e Energia, o Desenvolvimento Rural e Pescas e os Transportes, seria concentrado num super-ministério encabeçado pelo próprio chefe do Governo, de modo a facilitar os contactos com os investidores estrangeiros. Mas os secretários de Estado da Saúde daria lugar a um Ministério do Ambiente e Qualidade de Vida, abrangendo um amplo leque, desde as questões ambientais à condição feminina, e o cargo de ministro-adjunto para São Vicente seria extinto, para dar lugar a uma verdadeira descentralização. O Ministério das Finanças e o Banco de Cabo Verde mudaria de titulares, podendo José Tomás Veiga, um gestor da Shell-Cabo Verde, afastado do Governo em 1979, por ser considerado «trotskista», vir a ser chamado para um destes cargos. O seu irmão, Carlos Veiga, um prestigiado advogado e deputado independente, de 40 anos, ex-procurador-geral da República é dado como estando a movimentar-se para fundar um partido, poderia ser chamado para a pasta da Administração Pública, como continuador da reforma administrativa de Renato Cardoso, de quem, aliás, era muito próximo.

Uma «estrela ascendente» no aparelho do partido seria o comissário político de São Vivente, Manuel Inocêncio, que controla o jornal «Notícias», numa inovadora parceria com a Associação Comercial, e pôs a sua carreira em risco ao despoletar, em Maio de 89, o processo que culminou com o congresso extraordinário.

João Pereira Silva, 45 anos, agrónomo formado na Tapada da Ajuda, sobrinho de Aristides Pereira e comandante de artilharia, mas um *outsider* do chamado «grupo de Cuba» - até agora o «núcleo duro» do poder -, é dado como tendo a intenção de formar um Governo essencialmente jovem. De facto - e voltando às certezas - «as solidadriedades da luta acabaram», desabafava recentemente um elemento desse grupo.

Ocupar espaço

No plano externo, a candidatura à Internacional Socialista é vista como uma manobra extremamente ágil de Pedro Pires, destinada a fechar o espaço tanto àqueles que no interior do PAICV se têm colado a Cuba e ao PCP, bem como à futura oposição. Pedro Pires esteve no ano passado na RFA e deverá visitar este ano a Suécia para contactos com o Partido Social-Democrata. Sendo de excluir que venha a surgir um partido comunista duma cisão da «ala cubana» do PAICV, o espaço para novos partidos fica restrito ao da democracia cristã. Mas os sectores da Igreja que até agora tentaram polarizar a oposição ao regime não parecem particularmente felizes com a abertura, assim como já lhes tinha desagradado a visita do Papa em Janeiro, por a considerarem uma «benção» a Aristides Pereira e ao regime. O mesmo acontece com os «comunistas», que fizeram inserir na última edição do jornal controlado por Olívio Pires, até há meses como o «ideólogo» do partido, uma *charge* copiada do jornal português «O Diário» com caracois, caminhando para um precipício e os dizeres «por este caminho o futuro será risonho». E, nas páginas centrais, um artigo sobre a China intitulado «A Economia e o Coração do Povo está Contente». Para um partido que se candidata à Internacional Socialista, nada como apoiar o massacre de Tiananmen...

Manuel Delgado

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

CONVITE

Convidam-se os Antigos Alunos para participarem na cerimónia de posse dos novos órgãos de Governo e de Gestão, definidos pelos seus Estatutos de Escola Universitária Autónoma.

A sessão realiza-se no próximo dia **23 de Março, pelas 11 horas** e será presidida por S. Ex.º o Ministro da Educação.

O Conselho Directivo

QUOTIDIANO

Elemento das FUP/FP-25 condenado por homicídio

Alberto Teixeira de Carvalho, um dos arguidos do caso FUP/FP-25, foi ontem condenado no Tribunal de Monsanto, em Lisboa, a 20 anos de prisão, pelo homicídio do agente da PJ, Álvaro Militão. Os dois outros arguidos, António Batista Dias e Angélica Toquito, foram absolvidos desta incriminação.

Dos 20 anos de prisão por cúmulo jurídico aplicados a Alberto Teixeira, 14 anos, cinco meses e 17 dias correspondem a penas relativas a outros processos, refere o acordão da sentença, que o considera culpado da prática de dois homicídios tentados, de ofensas corporais com dolo de perigo, uso e detenção de arma proíbida e falsificação de documentos.

Quanto a António Batista Dias, embora absolvido do homicído do agente policial, foi, no entanto, condenado a 16 anos de prisão por cúmulo jurídico, dos quais 13 anos, seis meses e 22 dias correspondem a penas de anteriores condenações, no âmbito do caso FUP/ FP-25.

Angélica Toquito disse, depois, da sentença, que a decisão do tribunal constituia para si «uma surpresa». Além das acusações já referidas, a ré estava acusada igualmente do crime de adesão a uma organização terrorista. Companheira de Jorge Manuel Alves da Silva, detido por ser alegadamente membro das FP-25, Angélica Toquito referiu que, sem casa nem emprego, vai dar início a uma nova vida, «a partir do zero».

Negócio fictício leva sete a tribunal

A Polícia Judiciária de Lisboa enviou para o tribunal de instrução criminal um processo sobre as actividades relativas às chamadas «firmas fictícias ou fantasmas». Dos sete arguidos, quatro encontram-se já detidos no âmbito de outros casos semelhantes.

Segundo a investigação da PJ, os indiciados lesaram três empresas de Lisboa ligadas aos pneus para automóveis, no montante que ultrapassa os 22 mil contos.

Através de publicação de anúncios num jornal diário, sob o título «Compram-se firmas com dificuldades mas com viabilidade de recuperação», lograram adquirir por baixo preço as quotas de uma empresa na cidade de Lisboa, no ramo de construção civil.

No cumprimento do plano previamente estabelecido, refere a PJ, os arguidos procederam à abertura de uma nova conta bancáriae à actualização da já existente, após o que admitiram novos empregados, reduzindo os existentes à condição de presentes sem posição definida. De seguida, dirigiram circulares aos possíveis fornecedores (vítimas), propondo-se efectuar compras avultadas em nome de um grupo de migrantesdetentores de grandes áreas de terreno para a construção civil, interessados em investir em Portugal.

Através deste estratagema, os arguidos teriam conseguido adquirir grandes quantidades de pneus pretensamente destinados à sua frota automóvel, aos quais logo deram descaminho, abandonando a empresa assim que foi descoberta a sua verdadeira actividade. Restou, no entanto, a documentação comprometedora.

Clube de Futebol "Unidos da Glória"

FUNDADO EM 5-10-1976

CONVOCATÓRIA

Nos termos da Lei dos Estatudos e do Regulamento Geral Interno, convoco os Sócios do Clube de Futebol «UNIDOS DA GLÓRIA» para reunirem em Assembleia Geral Extraordinária em 30 do corrente, pelas 20 horas e 30 minutos, na Sede do Clube, a fim de deliberarem sobre alterações dos Estatutos e do R.G.I.

Também nos termos da Lei dos Estatudos e do Regulamento Geral Interno, ficam desde já convocados para reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no mesmo dia e local, pelas 21 horas e 30 minutos, para elegerem os Órgãos Sociais que hão-de gerir o Clube no exercício que decorrerá de 1 de Abril deste Ano até 31 de Março de 1991.

Lisboa, 19 de Março de 1990

O Presidente da Assembleia Geral

(assinatura ilegível)

Vale do Ave recebe injecção de milhões

Uma das regiões de mais alta densidade populacional da Europa vai ser sujeita a um programa operacional aprovado pelo Governo, com apoio da CEE

Um programa operacional para o Vale do Ave, no valor de 17 milhões de contos, foi aprovado ontem pelo Conselho de Ministros para os assuntos económicos. A este montante somam-se 3,5 milhões de contos destinados ao tratamento das águas residuais vertidas no rio Ave. A CEE comparticipa na maioria do capital dos investimentos.

Valente de Oliveira, ministro do Plano e da Administração do Território, estima em mais de 40 milhões de contos o valor dos programas, específicos e de âmbito geral com incidência local, destinados a esta região e em fase de aprovação.

O Conselho de Ministros enquadra esta acção no processo de desenvolvimento do vale do Ave e, simultaneamente, no conjunto de medidas dirigidas à reconversão da industria têxtil e de vestuário, perdominante na região.

O Vale do Ave é uma das regiões com mais alta densidade populacional da Europa, com cerca de 72 por cento da população activa a trabalhar na industria, dos quais 80 por cento no sector textil e de vestuário.

É uma das quatro regiões do norte que beneficiam de um programa de intervenção, sendo as outras três a área metropolitana do Porto, o Alto Minho,e Trás-os-Montes e Alto Douro.

No Vale do Ave, que engloba os concelhos de Guimarães, Santo Tirso, Famalicão e Fafe, são produzidos 95 por cento do têxtil algodoeiro do país, que por sua vez representa 47 por cento do total do emprego.

Os recursos hídricos e saneamento básico serão as áreas de maior intervenção do programa operacional que também prevê acções específicas para os concelhos de Vila Nova de Famalicão, Santo Tirso, Guimarães e Fafe, sendo a sua gestão da responsabilidade da Comissão de Coordenação da Região do Norte.

O programa está dividido em três subprogramas - infraestruturas, gestão e estudos e formação profissional e recursos humanos.

Sindicatos reunidos em plenário

Iniciou-se esta manhã um plenário geral de sindicatos convocado pela CGTP para «perspectivar uma convergência de esforços de modo a que as várias acções de luta, actualmente a decorrer, sejam conjugadas».

O encontro, que decorrerá durante todo o dia, destina-se igualmente a aprovar o relatório e contas de 1989, bem como analisar a situação político-sindical.

A realização deste plenário foi ontem comunicado pelo cordenador nacional da CGTP, Carvalho da Silva, ao secretário-geral do PS, Jorge Sampaio. Após o encontro, o dirigente sindical afirmou aos jornalistas que «o ano de 1990 tem que ser um ano de fortes movimentações reivindicativas».

Sindicalistas da CGTP-IN encontraram-se esta manhã para coordenar estratégias de luta

Neste sentido, Carvalho da Silva defendeu «a conjugação de todas as forças políticas e sindicais para que os trabalhadores consigam ver os seus ordenados aumentados, para além do direito às regalias sociais e à redução dos horários de trabalho».

Carvalho da Silva considerou que «não se pode adiar mais a luta porque não mais teremos as condições que hoje a CEE nos permite», acrescentando que a Comunidade impõe uma política mais objectiva e mais justa, e que os trabalhadores portugueses têm que estar bem preparados para 1992.

Jorge Sampaio, por seu turno, reconheceu que existem pontos paralelos entre a análise feita pela CGTP e pelo PS «os quais se saldam pelos sinais preocupantes na situação política e social, que obrigam a acções concertadas».

B R E V E S

Cooperação luso-francesa de informação jurídica

Portugal vai participar na rede europeia de informação jurídica, cuja base de dados estará localizada no Futuroscópio, um parque tecnológico em construção na região francesda de La Vienne. A cláusula consta de um protocolo de cooperação turística e tecnológica ontem assinada entre a Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo e a Delegação de La Vienne.

Coronel da Força Aérea punido com prisão

O coronel da Força Aérea Morais e Silva, comandante do Centro Logístico Aéreo, foi punido com cinco dias de prisão disciplinar, que cumpre nas instalações daquele ramo das Forças Armadas. Morais e Silva escreveu ao chefe do Estado Maior da Força Aérea, «o que está no seu direito de fazer, desde que o faça utilizando as vias hierárquicas. A gravidade é que a tornou pública, divulgando-a aos seus camaradas, sem autorização superior», divulgou uma fonte do ESFA. «Pelo papel que desempenhou -CEMFA no período revolucionário- Morais e Silva deveria ter uma actuação mais moderadora, até porque parte dos problemas que surgiram com os pilotos está em vias de solução. Além do mais, ele não está no âmago dos problemas», acrescentou a mesma fonte.

Ensaio de terramoto em Lisboa

A simulação de um abalo sísmico na capital portuguesa, entre quinta e sexta feira, vai permitir a testagem de material e equipamento bem como de treino ao pessoal da Região Militar de Lisboa. O exercício, denominado «Plutão-90», decorre através de um cenário fictício e não envolve movimento de tropas de exterior, servindo apenas para testar a actuação de postos de comando e das unidades às suas ordens.

No Dia Mundial da Floresta, o Governo torna pública a intenção de subsidiar as plantação de árvores de crescimento lento

O regresso das folhosas

A plantação simbólica de um pinheiro constituiu um dos actos com que foi hoje celebrado em Sintra o Dia Mundial da Floresta.

O secretário de Estado da Agricultura, Álvaro Amaro, esteve presente na cerimónia, realizada em Almoçageme, a seguir a uma sessão solene na Câmara Municipal de Sintra em que discursaram o governante e o Director-Geral das Florestas, João Soares.

Estas celebrações culminaram uma semana dedicada à temática florestal que decorreu no mesmo concelho, nomeadamente com uma exposição didáctica no parque de Monserrate, que se calcula ter sido visitada por mais de 3000 alunos de estabelecimentos de ensino de Lisboa e arredores.

A exposição compreendia uma mostra de maquinaria florestal, que originou uma notícia ontem difundida pela estação de rádio TSF, segundo a qual tractores e outros veículos pesados estariam a danificar a vegetação do parque. Como a reportagem do DL pôde verificar, tratava-se de uma apreensão sem fundamento, explicável por uma observação distanciada das máquinas, cujas evoluções se confinaram a caminhos de terra batida e a uma encosta coberta de erva.

Esta Semana da Floresta incluiu também um debate em torno do reflorestamento das áreas da serra de Sintra devastadas nos últimos anos por incêndios, visando opções quanto às espécies arbórias ali a plantar, operação prevista para 1991.

Promovido pela Associação de Defesa do Património de Sintra, o debate, realizado em 17 do corrente, reuniu representantes da Câmara e de associações cívicas interessadas, devendo ser retomado, segundo o Director-Geral das Florestas, depois da elaboração de um pré-projecto naquele sentido.

Subsídios para o sobreiro

O Director-Geral das Florestas, João Soares, anunciou que o Governo está a ultimar a regulamentação de um apoio financeiro à plantação de árvores de crescimento lento.

Em declarações à Lusa, João Soares revelou que os produtores florestais que se dediquem a folhosas como sobreiros, azinheiras, carvalhos, nogueiras e castanheiros, entre outras com aquela característica, irão beneficiar de um subsídio por hectare, durante vinte anos.

O valor desse prémio, a analisar em próximo Conselho de Ministros, será inferior ao limite fixado pela Comunidade, isto é, 150 ECU por hectare, cerca de 30 mil escudos.

Quanto à sua atribuição, de acordo com a mesma fonte, verificar-se-à no segundo semestre de 1990, inscrevendo-se no conjunto de medidas do Plano Nacional de Política do Ambiente anunciado na última semana pelo primeiro-ministro ao País.

Ameaça real

Assinalado em Portugal desde 1907, o Dia da Floresta constitui pretexto, hoje, para uma reflexão acerca da ameaça que impende sobre a árvore no nosso país. O património florestal português foi reduzido pelos incêndios, em, 1989, em 124 mil hectares, enquanto que a reflorestação avança apenas a um ritmo anual de cerca de 15 mil hectares.

Segundo valores globais, a floresta, que cobre cerca de 35 por cento do solo português, está a reduzir-se ao ritmo de 43 mil hectares por ano. A par dos incêndios, que na época estival do ano passado atingiram o número médio de 320 por dia, as empresas de produção de pasta de papel revelam ser o segundo grande inimigo da floresta.

Entre 1988 e 1989 a área florestal ocupada por eucaliptos aumentou en cerca de 4 mil hectares, donde se depreende que as novas florestas são criadas com objectivos industriais.

Com este panorama, se se mantiver o ritmo de redução da área florestal, no final deste século o cenário deixará de ser verde e a desertificação constituirá uma preocupação alarmante.

Redacção «DL» / Lusa

A mágica vence o tempo

Um mágico algarvio, com nome espanhol espera entrar para o internacionalizado livro britânico, o «Guinness Book of Records». O candidato, que já procedeu aos imprescindíveis processos de homologação, é o «professor Herrero» que, num espectáculo em Vilamoura, realizou 64 truques mágicos em apenas 3 minutos e 47 segundos, pulverizando a anterior marca do britânico Paul Daniels, que se cifrava em apenas 47 truques.

«Herrero» continua em treino, já que prometeu bater o seu próprio máximo dentro de pouco tempo.

Naufrágio na Madeira

Objecto não identificado terá afundado o atuneiro

Um objecto não identificado terá estado na origem do afundamento do atuneiro madeirense, «Marino», ocorrido ontem de madrugada ao Largo de Porto Santo, em condições dramáticas. Salvaram-se os 14 tripulantes.

O proprietário da embarcação, João José de Abreu, disse, à chegada ao Funchal, que o objecto embateu no leme deixando o barco à deriva durante algumas horas. Nesse período, foram infrutíferos os esforços desenvolvidos para alcançarem a Ilha da Madeira.

Entretanto, e durante as tentativas de governar o atuneiro, os tripulantes lançaram à água a balsa pneumática, com capacidade para 24 pessoas, mantendo-a pronta a ser utilizada.

Quando ao princípio da manhã se aperceberam do iminente afundamento, entraram na balsa e aguardaram socorros, que chegariam pelas 15.50 horas, com o navio-patrulha da Armada Portuguesa «Cuanza».

A balsa pneumática tinha sido avistada pelo Aviocar da Força Aérea no princípio da tarde, durante as buscas em que colaboraram também três navios da Armada francesa, que se encontravam na Madeira em visita de escala.

O acidente verificou-se quando o atuneiro se preparava para regressar ao Funchal.

A quanto a sede obriga

Calotes à EDP são o que se sabe... Mas como sem água ninguém vive, a EPAL lava as mãos de contente

Vá lá acreditar-se no bom comportamento dos portugueses, especialmente quando se trata de pagar as suas dívidas: sejam da mercearia, do dentista ou até do telefone.

Porém, a empresa pública que distribui água à Grande Lisboa não tem razões de queixa. De facto, a EPAL garante-nos que em cada 100 consumidores de água residentes na área metropolitana da capital apenas um vê o seus abastecimento suspenso por falta de pagamento.

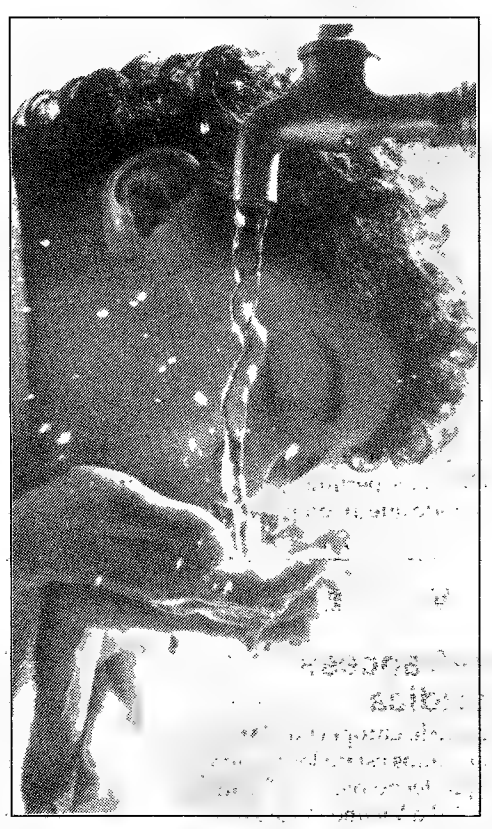
Uma *performance* notável, convenhamos. Segundo a companhia, os «cortes» duram apenas poucas horas, pois a maioria dos clientes, mal vêem a água cortada, deslocam-se nesse mesmo dia à EPAL e regularizam os seus débitos.

E não se pense que o volume de cobranças da EPAL é pequeno. Só em 1989, a empresa apresentou à cobrança cerca de 1,4 milhões de recibos em toda a Grande Lisboa. Cobrados à porta foram apenas meio milhão de recibos, já que mais de 850 mil facturas-aviso foram deixadas pelos funcionários da EPAL no local da cobrança (por ausência ou a pedido dos «clientes»), ou remetidas pelos CTT.

É que a profissão de cobrador é ingrata. Para a EPAL, é cada vez maior a ausência de gente em casa, apesar da companhia indicar previamente a data das visitas dos seus cobradores. Assim, justifica-se o esforço que a EPAL tem feito em substituir gradualmente os seus cobradores por carteiros dos CTT, pessoas muito mais vocacionadas para estas solicitações domiciliárias.

De qualquer modo, o aviso - chantagem do «corte» - funciona mesmo. Dos 875 101 «avisados» em 1989 para liquidarem o seu débito à EPAL, mais de 800 mil regularizaram a situação antes de chegar o dia da segunda e última apresentação.

Curiosamente, as estatísticas daquela empresa pública revelam que, em 1989, dos



51 308 recibos apresentados pela segunda vez à cobrança, apenas 13 975 deram origem à suspensão de abastecimento de água, o que representa uma percentagem de 1,02 por cento do movimento total de facturas.

Sem ironia, e «lavando» as mãos de contente, a EPAL mostra o seguinte perfil das suas actividades num dia-tipo do ano passado: apresentou à cobrança 7 mil recibos a clientes, «avisou» 4 300, apresentou à segunda cobrança 259 recibos e «cortou» a água a 70 prevaricadores.

Organismo da Administração Pública

CHEFE DE DIVISÃO DE SERVIÇO DE INFORMÁTICA (m/f)

EXIGE-SE:

— Licenciatura em Engenharia, Informática, e/ou Matemática, obtida há pelo menos 3 anos;
— vínculo à Função Pública;
— experiência profissional na área da gestão de sistemas de médio e grande porte;
— grande dinamismo e capacidade de chefia.

CONDIÇÕES PREFERENCIAIS:

— Experiência profissional em sistemas DIGITAL;
— conhecimentos de Redes de Comunicações;
— disponibilidade a curto prazo;
— domínio da língua inglesa.

OFERECE-SE:

— Nomeação por Comissão de Serviços, de acordo com as condições constantes da legislação da Função Pública;
— vencimento mensal correspondente a Chefe de Divisão;
— regalias sociais vigentes na Função Pública;
— possibilidade de actualização e desenvolvimento profissional.

MÉTODO DE AVALIAÇÃO:

— Análise curricular;
— entrevista.

MODO E PRAZO DE CANDIDATURA:

As cartas de candidatura deverão conter obrigatoriamente os seguintes elementos:

— Identificação completa (nome, morada, número e data de documento de indentificação);
— habilitações literárias e experiência profissional;
— cursos de formação.

As candidaturas, consideradas confidenciais, deverão ser acompanhadas de currículo detalhado e enviadas, no prazo de quinze dias a contar da publicação deste anúncio, para o n.º 2103 deste jornal.

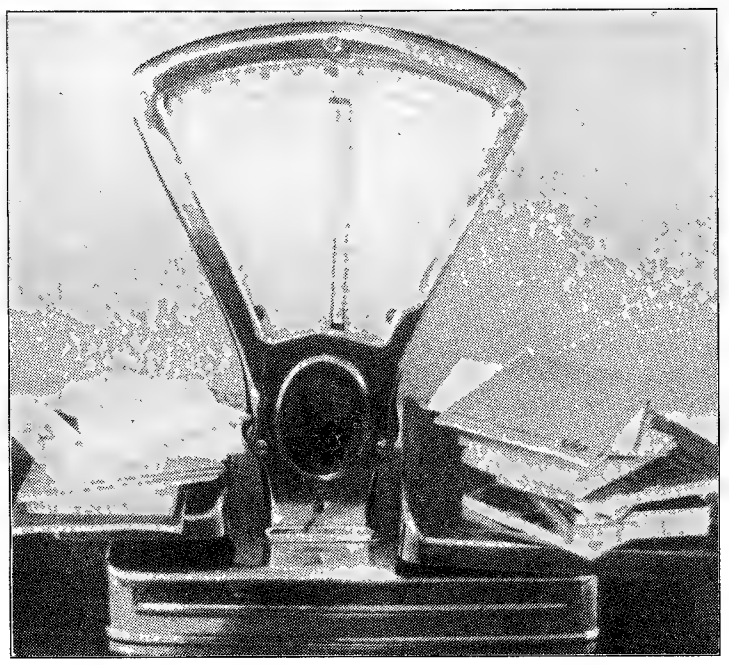
QUOTIDIANO

Os editores continuam a queixar-se dos custos da mão-de-obra, dos direitos e do papel para justificarem as quebras nas vendas. Mas as estatísticas não dão razão a tão grande choro

Até já lemos mais livros

A crise do livro e de leitura, registada nos últimos anos em Portugal, levou um já esquecido Governo a intervir, criando o Instituto Português do Livro. O objectivo era promover o consumo da obra literária impressa, de modo a que, em duas cajadadas, se matasse a fome dos editores e se abrisse o apetite das iletradas massas, em benefício da nossa agastada cultura e de outras bem mais prósperas. Tarefa que as más línguas dizem, no entanto, não ter tido o mínimo dos êxitos...

Por isso, a crueza dos números agora divulgados surpreende vivamente. É que o valor das vendas dos livros em Portugal subiu 31 por cento em 1988, relativamente ao ano anterior, reflectindo um aumento de 10 por cento em relação ao número de exemplares publicados em 1987.



Acabou a época da venda de livros a peso

Quem o diz é a insuspeita Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, cujas estatísticas revelam que o montante global das vendas de livros em Portugal atingiu os 15 milhões e 260 mil contos, distribuídos por 564 grandes, médios e pequenos editores, dos quais apenas 25 ultrapassaram os 100 mil contos em volume de negócios anual.

Curiosamente, o maior aumento das vendas de livros registou-se no sector dos chamados «livros práticos», com uma subida na ordem dos 582 por cento, seguido do sector do «livro escolar», com mais de um milhão de contos, e do «livro infanto-juvenil» que quase duplicou o valor das vendas.

Mas o «boom» não se ficou por aqui. A literatura também viu subir o valor das suas vendas, tal como a banda desenhada, mas não há bela sem senão: as enciclopédias, que registaram uma ligeira quebra nas vendas.

Note-se que quer os «livros práticos» quer os «livros escolares», os maiores ganhadores em vendas e receitas, apenas registaram ligeiras subidas no total de exemplares publicados.

Mas, globalmente, constata-se que o número total de títulos publicados teve um aumento considerável entre 87 e 88, passando de 3942 para 5499, acréscimo para o qual contribuiram, em especial, os sectores da literatura geral e da banda desenhada, com aumentos de 70 e 14 por cento, respectivamente.

Exportação insignificante

Mas não se pense que este novo fôlego da indústria editorial e livreira se deve à descoberta de novos mercados. Com efeito, o mercado interno continua a ser o grande consumidor da actividade editorial, com 98 por cento do volume de vendas, registando-se uma quebra em mais de metade das vendas para o exterior, que se tem acentuado desde 1986 (nem os Palop nos salvam !).

Na verdade, as vendas para o estrangeiro vão em primeiro lugar para o Brasil (cerca de 46 por cento do total), seguindo-se-lhe os países africanos de expressão portuguesa com 22 por cento e as nações comunitárias com 10 por cento.

E por cá, quanto às vendas propriamente ditas, vê-se que os quiosques são os principais canais de vendas de livros, com perto de 60 por cento do total. Mesmo assim, as outras «técnicas» de venda estão em expansão, cabendo aos clubes de livros 17 por cento, às vendas por correspondência 21 por cento e às vendas a crédito sete por cento.

Redacção «DL»/Lusa

Um opúsculo da Comissão da Condição Feminina desmente a passividade atribuída tradicionalmente às mulheres na epopeia dos Descobrimentos, respigando exemplos que deram de heroísmo

Mulheres de armas

Pessoa celebrou o papel das mulheres nos Descobrimentos com os famosos versos sobre o choro das mães e o sacrifício das noivas que «ficaram por casar», mas as feministas portuguesas não se contentam com esse protagonismo de carpideiras.

Um opúsculo agora editado pela Comissão da Condição Feminina, intitulado «Heroínas da Expansão e dos Descobrimentos», visa precisamente apresentar um balanço histórico da participação de mulheres na epopeia da nossa apropriação do mar, onde ela sobreleva largamente — isto para seguir a imagética do poeta — a produção de lágrimas que o salgaram.

Assinado pela presidente da Comissão, Regina Tavares da Silva, o mesmo estudo enumera feitos de armas que desmentem aquela passividade, não se quedando pelo mais conhecido caso de Antónia Rodrigues, que, disfarçada de homem, viveu uma meia dúzia de anos como soldado da guarnição de Mazagão. Natural de Aveiro, Antónia Rodrigues destacou-se pela perícia e coragem em combate, sendo os seus serviços recompensados pelo rei quando regressou a Lisboa e retomou o verdadeiro estado civil, antes de se casar.

Citando cronistas coevos, como Duarte de Leão, Diogo Aires de Azevedo e Damião de Fróis Perim, Regina Tavares da Silva refere por exemplo o heroismo de um grupo de mulheres que, também vestidas de soldados, para confundir o inimigo, se opuseram vitoriosamente a um assédio à praça de Cafim, no norte de África, após a morte do comandante.

Na Índia, Margarida Nunes mereceu mesmo o epíteto de «A Valerosa», contando-se entre as suas proezas a morte, depois de luta singular, de um salteador que pretendia roubá-la e violá-la.

Também aí registarão os anais a participação decisiva de uma tal Manuela Coelho numa batalha naval contra mouros.

Outros nomes mencionados, como Isabel da Veiga, Ana Fernandes, Bárbara Fernandes, Isabel Dias, Catarina Lopes, Isabel Fernandes e Graça Rodrigues obtiveram evidência nos cercos a Dio, isto quer como enfermeiras debaixo do fogo, quer conformando esquadrões de reparação das muralhas, quer, finalmente, lutando de armas na mão.

Redacção «DL»/ Lusa

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO

ACADEMIA MILITAR

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA CANDIDATOS MILITARES

Está aberto concurso para admissão de candidatos militares ao Curso Geral (1.º Ano) da Academia Militar, devendo a entrega de documentos ser feita de 26 de Março a 06 de Abril de 1990, nas respectivas unidades de colocação.

Para informações contactar a Academia Militar (Paço da Rainha, 1100 — LISBOA — Telef. 56 39 91 Ext. 213) ou qualquer Unidade ou Estabelecimento Militar.

Sentem-se discriminados

Portugueses de segunda no Conselho da Europa

Dos cerca de 200 funcionários de nível médio do Conselho da Europa apenas quatro são portugueses e mesmo esse escasso número sente-se discriminado. Por isso, Cândido Cunha apresentou queixa ao Tribunal Administrativo da organização, já que as coisas lhe parecem um tanto estranhas.

Cândido Cunha, natural da Madeira, que trabalha nos serviços jurídicos do Conselho da Europa desde há dez anos, assegura ter sido 13 vezes preterido quanto a promoções, em favor de outros funcionários menos antigos, mas oriundos de países com maior influência na organização, como a França ou a Grã-Bretanha.

O funcionário português pôs em evidência, nas sessões do tribunal, o facto de as organizações internacionais serem frequentemente dominadas por algumas nacionalidades, em detrimento de países menos influentes.

Cândido Cunha lembrou, na sua exposição, que Portugal é membro do Conselho da Europa desde 1976, mas que, apesar disso, nenhum cidadão português conseguiu ultrapassar os escalões mais baixos da hierarquia da organização.

Em nota distribuída aos jornalistas, Cândido Cunha criticou também os sucessivos governos portugueses por nunca terem estabelecido uma estratégia de fundo com vista a colocarem cidadãos nacionais em lugares de médio plano nas organizações internacionais, privilegiando a procura de postos no topo daquelas instituições.

A sentença sobre a queixa do funcionário português deverá ser conhecida apenas dentro de dois ou três meses.

«Os mais esquecidos da comunidade»

Reformados propõem conferência nacional

Os reformados portugueses continuam a sentir-se «cada vez mais esquecidos pela comunidade», ao que assinala uma nota à imprensa da União dos Sindicatos de Coimbra, ligada à CGTP-IN.

Reunidos em Coimbra, os elementos de uma pro-comissão de reformados consideraram que, «até ao momento, não têm tido organização e mobilização correspondente à necessidade de promoverem as suas justas reivindicações» . No encontro foi posto em evidência que, para além das débeis condições económicas, o maior problema para os reformados é o da assistência médica, agravado pelo pagamento das taxas moderadoras e o dos medicamentos não participados.

Na reunião foi decidido promover um encontro distrital de reformados para procurar projectar o reforço da organização e a sua capacidade de intervenção e, principalmente, dar os primeiros passos na organização de uma Conferência Nacional de Reformados, prevista para Novembro, em Lisboa.

Até à realização de um primeiro encontro distrital, proposto para a segunda quinzena de Abril, continuará a ser feito, por meio de um inquérito, o levantamento dos principais problemas dos reformados.

Um dos pontos fundamentais deste inquérito será o da justificação, ou não, da apresentação ao Governo da exigência de um aumento intercalar das reformas, com início já a partir de Maio.

Todo este trabalho será acompanhado pelo lançamento da brochura «115 Perguntas e Respostas sobre Segurança Social», que, brevemente, começará a ser distribuída, como apoio informativo e meio de ligação entre os reformados.

O ordenamento do território não é um chavão. Há que equilibrar interesses tão distintos como os das pescas, turismo ou obras públicas sem esquecer os ecossistemas

A componente ecológica

A Lei da Reserva Ecológica Nacional (REN), finalmente publicada na folha oficial, vem actualizar e reforçar o posicionamento e importância dos problemas ecológicos no âmbito da política do ordenamento do território.

Neste contexto, o actual director-geral do Ordenamento do Território, José Manuel dos Santos Mota, acaba de ser nomeado presidente da Comissão da Reserva Ecológica Nacional.

Uma função extremamente importante dado que, a partir de agora, o embargo ou demolição de acções que violem o disposto na REN caberá à Direcção-Geral do Ordenamento do Território (DGOT), às comissões de coordenação regionais (CCR) e aos municípios.

Note-se que as áreas integradas na Reserva Ecológica Nacional, bem como aquelas que fiquem sujeitas a um regime transitório, são demarcadas em todos os instrumentos de planeamento que definem ou determinem a ocupação física do solo. Nesta situação encontram-se os planos regionais de ordenamento do território, os planos directores municipais, os planos de urbanização e, ainda, outros de carácter sectorial.

Legislação transitória

A delimitação da REN decorrerá nos próximos dois anos, mediante portaria conjunta de vários ministérios, uma metodologia que se justifica porque é necessário coordenar a política de ordenamento do território com outras políticas de interesse nacional, como sejam as pescas, as obras públicas e o turismo.

No entanto, como ainda não é possível delimitar as áreas a integrar e a excluir da REN, esta legislação assume um carácter transitório de modo a preservar, desde já, todos os ecossistemas valiosos do território nacional.

Ao integrar áreas indispensáveis à estabilidade ecológica do meio e à utilização racional dos recursos naturais, a REN constitui parte da rede fundamental de protecção das potencialidades bio-físicas e culturais do território, afirmando-se como um instrumento de ordenamento da maior importância. De salientar que a REN abrange zonas costeiras e ribeirinhas, águas interiores e as chamadas áreas de infiltração máxima, bem ainda como zonas declivosas.

As zonas costeiras e ribeirinhas, onde se verifica a existência de situações de interligação entre ecossistemas contíguos mas distintos, são caracterizadas por uma maior diversidade e raridade dos factores ecológicos e, em simultâneo, por uma maior fragilidade em relação à manutenção do seu equilíbrio. Características que, em conjunto, conferem àquelas zonas um ambiente de excepcional riqueza, mas que também por isso são responsáveis por uma maior procura por parte das diversas actividades socio-económicas, tal como se tem visto pelas enormes pressões a que têm vindo a ser sujeitas, como é o caso de Vila do Bispo e outras áreas do litoral do Baixo Alentejo

Por último, de salientar que a agricultura e a silvicultura modernas, a par do crescimento urbano, exigem a criação de uma estrutura biofísica básica que garanta a protecção de ecossistemas fundamentais e o indispensável enquadramento das actividades humanas.

Direitos da criança

O «Guia dos Direitos da Criança», da autoria de Aurora Fonseca, vai ser lançado depois de amanhã para assinalar o sétimo aniversário do Instituto de Apoio à Criança (IAC).

Apresentando-se como uma obra «fundamental e urgente» ao serviço da criança portuguesa, da comunidade e de todos os responsáveis, o Guia oferece, de modo claro e rigoroso, a compilação da legislação que vigora em Portugal.

Integrando a Comissão da Condição Feminina, a sua autora, Aurora Fonseca, pretende com esta obra tornar «mais conhecida, usada, consultada e, sobretudo, vivida e aplicada a lei que existe sobre a criança».

O Instituto de Apoio à Criança (IAC), presidido por Manuela Eanes, tem vindo a desenvolver uma série de acções, entre as quais o «Telefone SOS» (para acompanhamento de crianças sózinhas em casa), as ludotecas (com que tem animado as bibliotecas itinerantes e os hospitais). Para além disso, o IAC pretende ter um estatuto de «Provedor da Criança, assumindo a sua defesa em todos os sectores, desde o nascimento, passando pela educação e desenvolvimento, até ao trabalho infantil e maus-tratos familiares.

Na cerimónia de lançamento do «Guia dos Direitos da Criança» intervirão os ministros da Justiça e do Emprego, Laborinho Lúcio e Silva Peneda e, ainda, o juiz desembargador Armando Gomes Leandro.

H_2O igual a quê? Silva Pinto, presidente do Núcleo Empresarial da Região de Lisboa (NERLIS) devolveu aos utentes, durante o primeiro Encontro Europeu para a Qualidade da Água em Portugal , a decorrer em Lisboa, uma boa parte da responsabilidade pela generalizada poluição.«Sabemos, disse, que existem indústrias químicas e agro-químicas muito poluentes, mas o uso doméstico de produtos perigosos, tais como lixívias, abrasivos e outros, é também feito de modo indiscriminado e é um contributo para aumentar a poluição» As donas de casa não foram chamadas a pronunciar-se sobre as razões que as levam a utilizar os poluentes produzidos pela indústria, agora carregada de «uma consciência moral» quanto à questão.

Informação

ALTERAÇÃO AO SERVIÇO FERROVIÁRIO NO PERÍODO DAS 00.00 HORAS DO DIA 90/03/12 E AS 24.00 HORAS DE 90/03/21, RESULTANTE DOS PRÉ-AVISOS DE GREVE DO SINDICATO NACIONAL DOS MAQUINISTAS E DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS FERROVIÁRIOS

Prevendo-se perturbações que afectarão gravemente a normalidade do serviço ferroviário no período compreendido entre as 00.00 horas do dia 90/03/12 e as 24.00 horas do dia 90/03/21, a CP concretizará um programa de circulações que, no mínimo, abrangerá:

1. **Comboios a realizar no eixo LISBOA/PORTO/BRAGA e BRAGA/PORTO/LISBOA**
   1.1 Comboios especiais rápidos
   São suspensas todas as circulações Alfa e Intercidades deste Eixo.
   A CP vai realizar neste percurso os seguintes Comboios Especiais rápidos (T 130) com paragens em Pombal, Coimbra, Aveiro e Gaia, e as seguintes horas de partida e de chegada:

Lisboa	Porto	Braga
7.20	10.55	
17.05	20.40	22.00
20.25	24.00	
Braga	**Porto**	**Lisboa**
	7.20	10.55
15.50	17.15	20.50
	20.30	00.05

   Estes comboios especiais realizam o percurso Lisboa-Porto em 03.35 h
   O comboio especial com partida de Lisboa-P às 17.05 h tem seguimento até Braga.
   O comboio especial que tem passagem no Porto às 17.15 h tem a sua origem em Braga às 15.55 h.
   1.2 Comboios Inter-Regionais
   A CP assegura a realização dos comboios inter-regionais 824 e 828 com partidas do Porto às 12.00 h e 18.45 h e, também, os comboios 825 e 827 com partidas de Lisboa às 11.35 h e 15.25 h.
   1.3 Serviço Regional
   Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis
2. **Eixo LISBOA/GUARDA**
   2.1 São suprimidos os comboios Intercidades 510 e 511.
   2.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Coimbra e Guarda, com paragem em Celorico da Beira, Mangualde, Nelas, Oliveirinha/Cabanas, Santa Comba Dão e Pampilhosa, com partidas da Guarda às 07.15 h e 17.40 h e de Coimbra às 10.15 h e 19.45 h.
   2.3 Serviço Regional
   Realizar-se-ão as circulações que se revelarem possíveis.
3. **EIXO LISBOA/COVILHÃ**
   3.1 São suprimidos os comboios Intercidades 540, 541, 542 e 543.
   3.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Lisboa e Covilhã, com paragem em Entroncamento, Abrantes, Alferrarede, Ródão, Castelo Branco e Fundão, com partidas de Lisboa às 08.30 h e 19.00 h e da Covilhã às 07.10 h e 15.00 h.
   3.3 Serviço regional
   Realizar-se-ão as criculações que se revelarem possíveis
4. **EIXOS LISBOA/LEIRIA/FIGUEIRA DA FOZ, PORTO/TUA E PORTO/VIANA DO CASTELO/VALENÇA**
   4.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Leiria 500 e 501, assim como os Intercidades Porto/Régua 560 e 561 e Porto/Viana 550 e 551.
   4.2 Comboios Inter-regionais e Regionais
   Serão realizados nestes eixos as circulações que se revelarem possíveis.
5. **EIXO LISBOA/FARO-LAGOS**
   5.1 São suprimidos os comboios Intercidades Lisboa/Faro 580 e 585 e Lisboa/Faro-Lagos 582 e 583.
   5.2 Serão realizados Comboios Especiais Inter-regionais entre Barreiro e Faro, com paragens em Tunes e Albufeira, e com partidas do Barreiro às 15.00 h e 18.50 h e de Faro ás 07.30 h e 14.05 h.
   As ligações de e para Lagos são asseguradas por comboios regionais.
   5.3 Serviço Regional
   Serão realizados os comboios que se revelarem possíveis.
6. **EIXO LISBOA/ALENTEJO**
   Serão realizados os comboios Inter-regionais e regionais que forem possíveis.
7. **LIGAÇÕES INTERNACIONAIS**
   Serão asseguradas todas a ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo, que será suprimida neste período.
8. **RESTANTES LIGAÇÕES DE LONGO CURSO**
   Nos restantes itinerários de Longo Curso serão asseguradas as ligações possíveis.
9. **SERVIÇO SUBURBANO**
   9.1 Zona suburbana de Lisboa
   9.1.1 Linha de Sintra
   Prevê-se a supressão de grande parte dos comboios entre as 06.00 e as 09.00 horas da manhã, pelo que o Serviço Ferroviário será complementado por Rodovia nas seguintes origens e destinos:
   de Amadora (Câmara Municipal) e de Queluz-(Estação) ambos em direcção à Estação do Metropolitano do Colégio Militar e de Barcarena (Estação), Cacém (Estação), Rio de Mouro (Estação), Mercês (Estação), Algueirão (Colégio Afonso V) e Sintra (Estação) em direcção ao Marquês de Pombal, serviço que se prolongará ao longo do dia, caso se justifique.
   Entre as 21.00 e as 02.30 h haverá igualmente um transporte complementar Rodoviário entre Lisboa-Rossio (Teatro D. Maria II) e os locais de origem anteriormente indicados.
   Todos os comboios têm paragem em Campolide.
   9.1.2 Linha de Cascais
   Prevê-se que seja praticado, com algumas surpressões, nomeadamente nas horas de ponta (manhãçtarde) o horário dos comboios que vigora aos Domingos.
   Todos os comboios têm paragem em Santos, sendo o primeiro comboio de Cascais às 05.15 horas da manhã.
   A CP desenvolve também a partir das 06.00 horas e ao longo de todo o dia um esquema Rodoviário complementar com origens e destinos em:
   Cascais / S. Pedro / Parede / Carcavelos / Oeiras / Paço D'Arcos / Cais do Sodré
   Não haverá circulação de comboios no sentido ascendente (Cais do Sodré/Cascais) nos períodos entre as 12.30 h e 14.10 h e entre as 21.20 h e as 24.00 horas.
   No sentido descendente (Cascais/Cais do Sodré) não haverá circulação de comboios nos períodos entre as 13.30 h e as 15.00 h e entre as 22.00 e a 01.00 horas.
   Nestes intervalos só haverá pois serviço complementar rodoviário.
   9.1.3 LISBOA-AZAMBUJA
   Prevê-se a realização do serviço normal.
   9.1.4 BARREIRO-SETUBAL-PRAIAS DO SADO
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.
   9.1.5 VIA FLUVIAL
   (LISBOA-T-BARREIRO)
   Será praticado o serviço normal.
   9.1.6 CACEM-TORRES VEDRAS
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal, com pontuais supressões nomeadamente na ponta da manhã.
   9.2 Zona suburbana do Porto
   9.2.1 PORTO-MARCO, PORTO-PÓVOA-GUIMARÃES, PORTO-AVEIRO
   Prevê-se a realização de parte do serviço normal o qual é complementado por rodovia, com origens e destinos de Cete, Recarei, Póvoa do Varzim, Oval, Espinho, Porto-S. Bento, Porto-Campanhã, V.N. Gaia (Jardim do Morro), Porto-Boavista (Rua de Agramont).
   9.3 Zona suburbana de Coimbra
   COIMBRA-FIGUEIRA DA FOZ E COIMBRA-SERPINS)
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.
10. Solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem as Estações ou Secções de Informações da CP para a obtenção de esclarecimentos complementares sobre a evolução dos serviços a prestar.

90 Março 09

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas

Caminhos de Ferro Portugueses

O projecto do World Trade Center, que o Conselho de Ministros deverá aprovar brevemente, vai transferir para a zona ribeirinha do Tejo a maior «área inteligente» de Portugal

Ano 2000 chega a Algés com dez anos de avanço

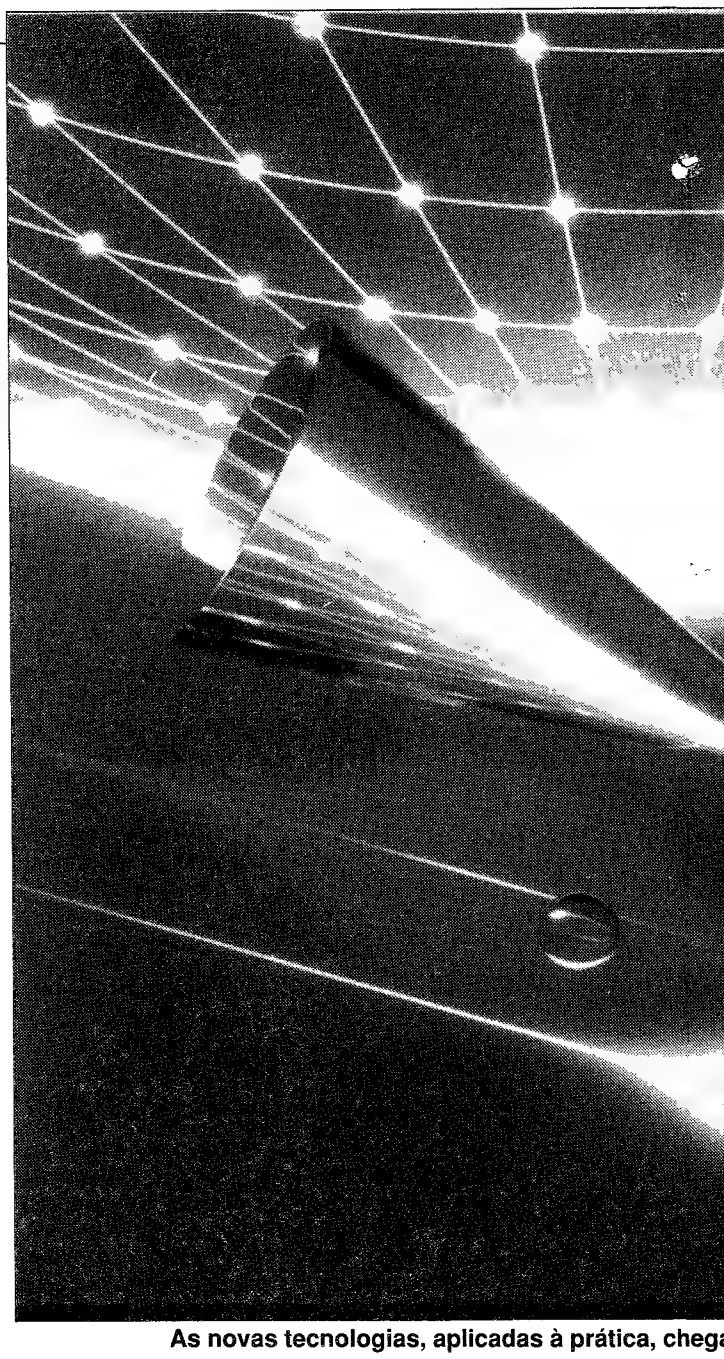
Maria Armanda Adão e Silva: «Vamos alojar uma reunião mundial em 93»

Algés vai deixar de ser o velho bairro vizinho de Lisboa onde em tempos idos ainda se podia ir à praia. Toda a gente se esquecerá dos problemas da terra - a Pedreira dos Hungaros onde a droga é rainha, ou simplesmente a degradação geral das estruturas públicas.

O Conselho de Ministros deverá aprovar, breve e finalmente, a concessão de uma área de 150 mil metros quadrados, onde se instalará o primeiro projecto do World Trade Center em Portugal.

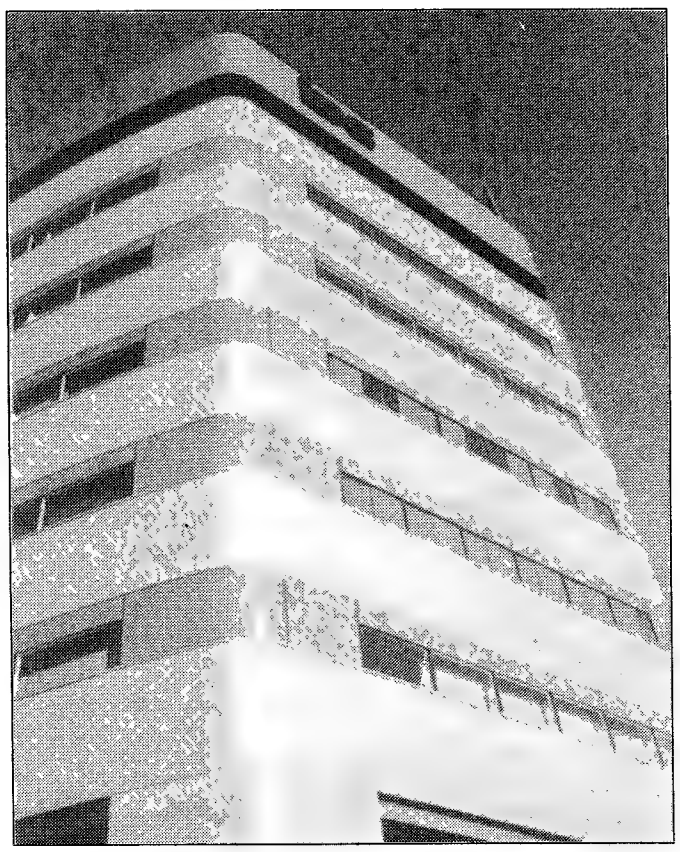
Na opinião dos representantes da multinacional, as instalações ribeirinhas do Tejo são apenas a materialização, no nosso país, de um serviço que está activo em 220 regiões de 57 países.

O complexo de Algés - que ascende a cerca de nove milhões de contos a preços actuais - permitirá a transferência para fora do centro da capital de uma rede de serviços perfeitamente comum no estrangeiro mas pioneira em Portugal. Trata-se «simplesmente» de trazer até nós os mais altos padrões das tecnologias de ponta, dotando Portugal de uma infraestrutura de que ele não dispõe.



As novas tecnologias, aplicadas à prática, chega

Não é por outra razão que a representante do grupo multinacional em Portugal, Maria Armanda Adão e Silva nos assegura que decorrerá, em Algés, na Primavera de 93, uma «reunião



Não haverá edifícios tão altos como no estrangeiro

Autarquia e moradores continuam apreensivos

Isaltino Morais, o presidente da Câmara Municipal de Oeiras não gostou nada do projecto da «área inteligente» de Algés que *lamentavelmente* está sob jurisdição da gerência do Porto de Lisboa. Mesmo sem poder vinculativo, o autarca terá conseguido, pelo menos, que a volumetria e extensão do conjunto do World Trade Center tenham sido repensados.

Morais disse ao DL que já lhe bastavam os problemas do concelho para não ter de acarretar com «as situações criadas por outras entidades, sobretudo quando se pode deduzir que a câmara tem responsabilidades no assunto».

A posição do autarca de Oeiras - que nos garantiu ter tido acesso a um único documento sobre o tema - sustenta que a zona litoral de Algés, e nomeadamente os jardins da zona central devem «ser protegidos e acarinhados».

O parecer de Isaltino Morais terá pesado (com peso) nas voltas que o projecto sofreu. Inicialmente dimensionado para edifícios altos, o complexo viu limitada a sua dimensão.

Tanto quanto pudemos apurar, os prédios a construir junto ao Tejo não terão mais de quatro pisos, o que levou a uma total reformulação do projecto inicial, de maiores dimensões.

A propósito, o presidente da Câmara de Oeiras disse ao DL que a sua principal preocupação era «não ser acusado de ter permitido a construção de edifícios que podiam realmente modificar a actual imagem de Algés».

O presidente da autarquia do concelho não foi a única pessoa a manifestar preocupações sobre o projecto do World Trade Center. Moradores da zona expressaram, por diferentes vias, incluindo o recurso à imprensa, a sua preocupação sobre o que se estaria a passar.

A preocupação dos autarcas e residentes é que a zona litoral de Algés seja substituida por um «grande complexo comercial com recursos de alta tecnologia».

Tanto quanto percebemos, não houve grande troca de informação entre os responsáveis do projecto e os gestores da região. O motivo parece, aliás, ser simples e lamentável: a zona onde se realizam as obras estão sob a responsabilidade do da direcção do porto de Lisboa que tem um compromisso escrito com o World Trade Center.

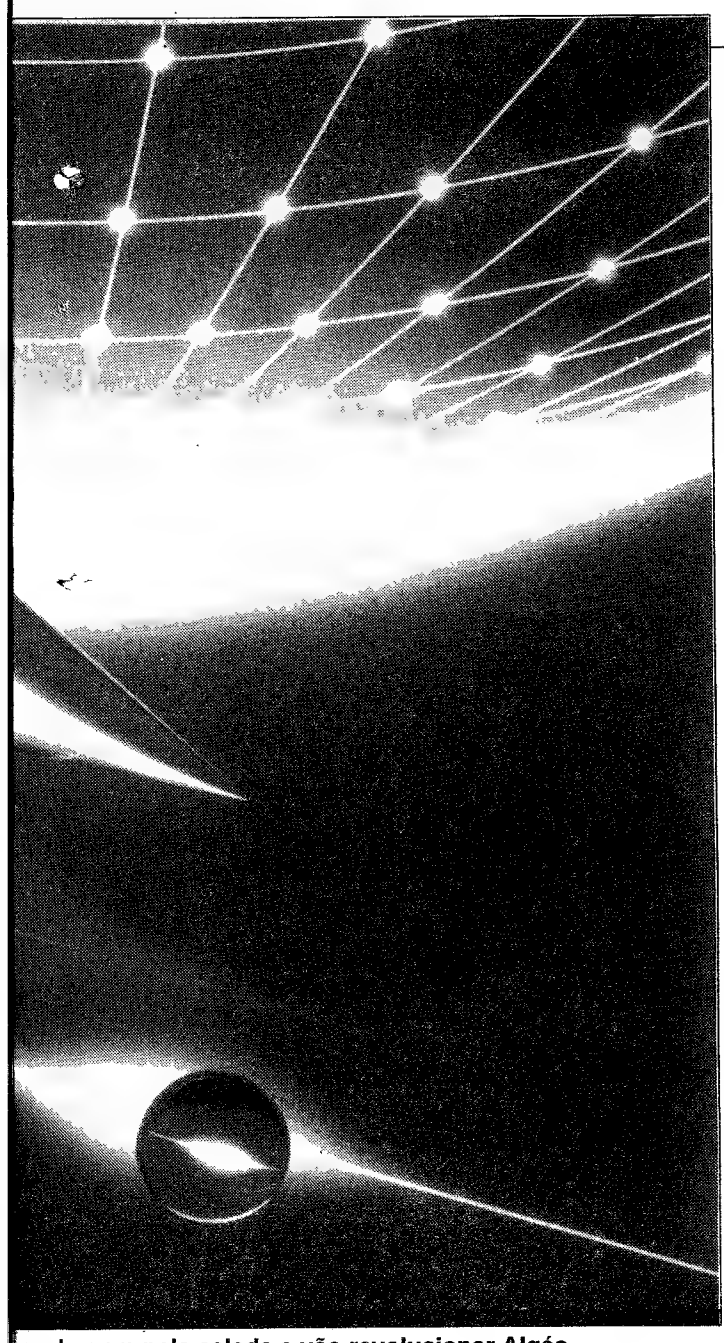
Esta organização garante, entretanto, que o seu projecto vai beneficiar, largamente, a zona, o concelho e a própria capital, pois está projectado para criar espaços largos de serviços, lazer e cultura.

Seja como for, Algés foi «traída» por uma revolução tecnológica que só se imaginaria para o ano dois mil.

TODO O ATENDIMENTO!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194

TODAS AS OFERTAS!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194

TODOS OS CRÉDITOS!
Banix / HONDA
MOTOCICLOS
☎ 23159 / 22194



ca, chegam pela calada e vão revolucionar Algés

po internacional organizada
gal, por nós». Ao contrário do
e que se possa imaginar, a im-
de- plantação da companhia em
Pri- Portugal não tem sido fácil.
ião Acomodado há dez anos num edifício «inteligente» situado na avenida do Brasil, o World Trade Center tem projectos que ultrapassam Lisboa. Um documento, a que tivemos acesso, confirma que há idênticas ideias para o Porto, onde se deverá montar a segunda unidade do grupo em Portugal.

Mas o que é que vão construir em Algés ? Perguntará o leitor. Basicamente, será construída uma nova área urbana - para lá da linha férrea - dotada de invulgares capacidades de prestação de serviços: a comunicação de ponta associada à arquitectura mais moderna para responder a uma necessidade de que Lisboa - tão acomodada está - nem sequer se apercebe.

Um bairro diferente

O complexo não se limitará, contudo, aos interesses da exploração comercial dos mais sofisticados meios da informática aplicada à informação. O projecto, em fase de conclusão, atribui especial atenção às actividades turísticas e culturais para além das evidentes intenções de fazer da zona - que hoje ainda é um baldio - o maior centro de actividades terciárias da grande Lisboa.

A responsável da multinacional em Portugal, Maria Armanda Adão e Silva afirma, sem hesitar, que as empresas a estabelecer-se no complexo «ganham dez anos em relação a todas as outras. Estudos e experiências efectuadas pelo *World* em diferentes regiões do mundo confirmam que nenhum outro sistema tem sido tão eficiente como o «pequeno» projecto de Algés. À semelhança de outros países, os potenciais clientes e utilizadores concentram-se nas empresas e organismos especializados em comunicações, finanças e investidores.

Os responsáveis do projecto confiam que grande parte das empresas de Comunicação Social - dos jornais às televisões privadas - se irão transfierir para Algés de modo a disfrutar de tecnologia que ainda não é utilizada em Portugal. «Pode produzir-se alí o que não pode fazer-se em mais lado nenhum,» assegura Maria Armanda.

Começar quase do zero

As suas intenções não são modestas apesar da discrição com que o grupo se tem vindo a implantar. «Talvez Portugal tenha de começar com um projecto pequeno que nos permita fazer alianças para concretizar outros programas» diz . Do ponto de vista comercial, o programa que o Governo viabilizou, recuperará os investimentos estrangeiros efectuados. Por essa razão, segundo a mesma fonte, «os espanhóis só têm que ter um pouco paciência pois deverão entrar de forma segura», afirma a responsável. Não é certamente por acaso que já têm em fase de projecto *Teleport's* em Sevilha, Barcelona e Bilbau.

A responsável pelo grupo em Portugal não esconde, apesar de todas as contrariedades, existirem amplas razões para apostar no nosso país, mesmo que a demora com que os processos decorrem, em todos os organismos, «sejam lentos» e *noutros casos* possam até levar à quebra da *confiança e do estusiasmo.*

«As empresas portuguesas terão de adoptar novas tecnologias»

Empresas portuguesas constroem o complexo

As empresas portuguesas de construção , que deverão ficar responsáveis pela construção do complexo do World Trade Center, em Algés, vão ter de modernizar-se para corresponder aos níveis de qualidade indispensáveis ao sucesso da obra - disse, ao DL, um responsável daquela multinacional.

Segundo a mesma fonte, ficou definido a nível interno da sociedade, que deverão ser nacionais as empresas de construção civil envolvidas na edificação do complexo de Algés.

Para isso, de acordo com as mesmas informações, será indispensável que os dirigentes dessas firmas se adaptem já às modernas formas de construção, indispensáveis à perfeita instalação de toda a rede de informática do centro.

Na opinião de técnicos do ramo, contactados pelo DL, é positivo que tenha sido dada preferência aos construtores nacionais, até porque eles têm de se adaptar às mais modernas normas de construção «compatíveis com o funcionamento das redes de informática dos edifícios».

A construção do complexo do World Trade Center envolve recursos cujos custos não são comportáveis, do ponto de vista técnico, por uma única entidade. Por essa razão os peritos optaram por uma política consensual.

COMENTÁRIO

Marinadas

Quando o almirante Tenreiro construiu a Docapesca, em Algés, nos anos 60, não foram poucas as vozes que se levantaram contra a megalomania e inoportunidade do projecto.

Os críticos mais conservadores gritavam que a velha Ribeira (Cais do Sodré) detinha uma capacidade mais do que suficiente para escoar o pescado que chegava à lota de Lisboa e armazená-lo no frio.

Por isso, contestavam um investimento fabuloso para a época, superior ao da Ponte sobre o Tejo.

De qualquer modo, o futuro veio provar que o «rei da pescada» tinha razão, sem antes se esquecer, para calar as más línguas, de incluir no projecto a construção de uma escola de pesca...

Mas quem o almirante não conseguiu calar, por mais que se tenha esforçado, foi um conjunto de notáveis detractores bastante avançados para a época. Pessoas cujas críticas não se prendiam com argumentos mais ou menos economicistas, mas sim com critérios paisagísticos e de salvaguarda do património.

A Docapesca, diziam, iria «esmagar» a monumentalidade da Torre de Belém e do Mosteiro dos Jerónimos.

Na circunstância, defendiam que as novas instalações pesqueiras fossem implantadas nos Olivais ou em Xabregas, e que toda a área histórica ribeirinha de Belém fosse destinada a amplos espaços verdes, aproveitando-se a ocasião para se remover as inestéticas (e inoperacionais) baterias de costa vizinhas da velha Torre.

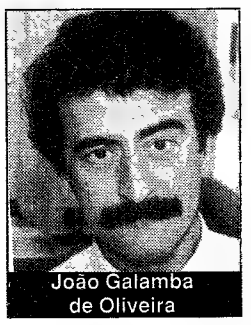
Críticas de peso, na altura caídas em saco roto, mas que agora retomam toda a oportunidade.

É que a projectada construção, no areal de Algés, de um enorme parque tecnológico, pode vir a pôr em causa os mais modernos critérios paisagísticos e urbanísticos.

De facto, o complexo do World Trade Center, por mais cuidada que seja a sua volumetria e enquadramento, vem comprometer a já super-saturada selva de cimento em que se transformou Algés, o Dafundo, Linda-a-Velha ou Carnaxide.

Toda esta imensa área, já com uma exagerada densidade populacional, merecia agora, ao contrário de mais um sobrecarga, um plano de reordenamento urbano que permitisse, no mínimo, amenizar a baixíssima qualidade de vida da maioria dos que ali residem.

Só que a Câmara de Oeiras, já de si submergida pelas montanhas de problemas nesta área, não tem voto na matéria no novo projecto. É que os terrenos em causa estão sob a jurisdição da Administração do Porto de Lisboa, sob a tutela do Governo e não da autarquia.



João Galamba de Oliveira

Mesmo assim, é lícito esperar que o bom senso, neste caso, acabe por congelar as marinadas que alguns insistem em nos impingir. Negócios da China ou de Algés ?

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

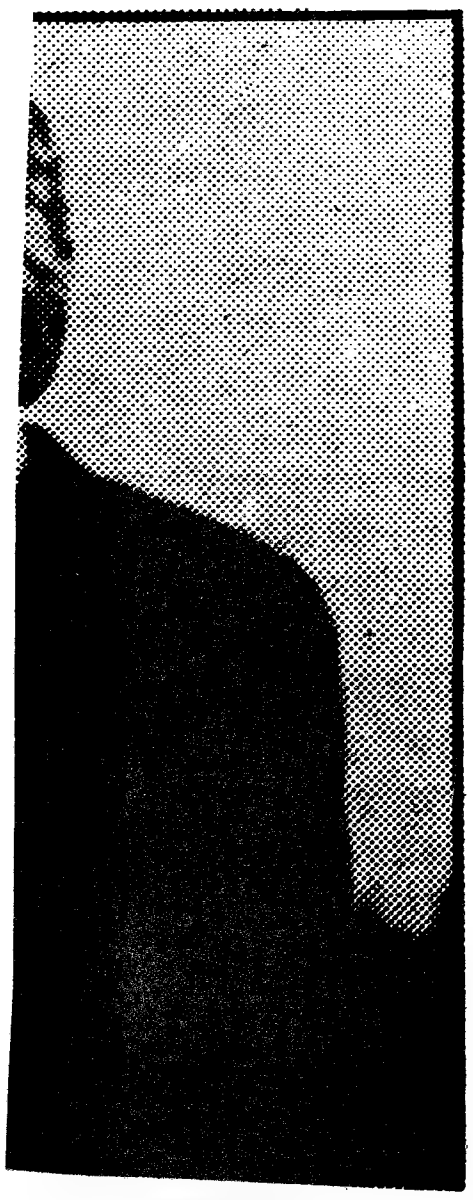
QUARTA - FEIRA, 21 MARÇO 1990

iário de

ANTENA (RDP)

HÁ 125 ANOS QUE O PÚ

nam
992



Nascemos h
Desde aí des
conhecimento

Aparecemos no ten
Há mais de 45 000
nhamos as mudan
mundo. Continua
página da informa
Somos o "Diário de

O PRESIDENTE iugoslavo, Janez Drnovsek,

QUARTA - FEIRA, 21 MARÇO 1990

Notícia

BLICO NOS CONHECE.

á 125 anos.
spertamos o
o do público.

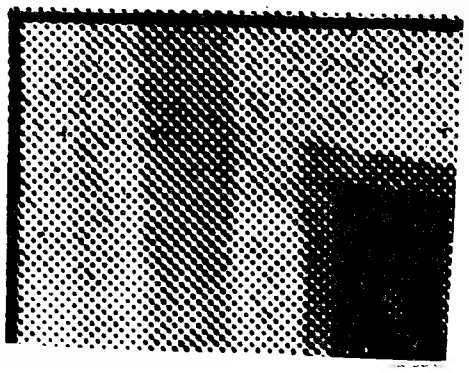
npo da monarquia. dias que acompaças do país e do mos na primeira ação portuguesa. e Notícias".

Coc

VEM O INVE
Sintra compli
seus serviços
no Verão, a
guns dissabo
çalves Costa
um grupo de
e dos quais n

«Não é a
acrescenta.
Pena, dizem
tam o palác
escapando-s

Mas, apes
bro não gar



Kosovo para manter conversações com as

ECONOMIA

BREVES

BPA vai lançar Mercados Futuros

O Banco Português do Atlântico está a realizar, até ao final do mês em curso, em Lisboa e Porto, sessões de formação destinadas a alguns dos principais clientes, com o intuito de lhes dar a conhecer os «Mercados Futuros». Trata-se de um serviço que o BPA vai pôr à disposição de clientes seleccionados, tais como negociantes e consumidores de mercadorias e matérias-primas, proporcionando novas modalidades de cobertura financeira contra o risco de flutuação de preços e instabilidade do mercado, através da intervenção nos principais bolsas de valores do mundo.

Formação e «marketing» tem Excepção

Está a operar no mercado uma nova empresa de formação profissional e gestão de recursos humanos e que pensa alargar dentro em breve a sua acção à realização de seminários, congressos e colóquios, bem como à produção e distribuição de publicidade. Trata-se da Excepção - Formação e Marketing, Lda, que tem como sócio maioritário Manuel Ramalho, que já controlava as empresas Lusogal e Promogal, ambas do ramo imobiliário.

A. Silva & Silva cotada na Bolsa

Com um volume de negócios que atingiu os 11,7 milhões de contos, a empresa A. Silva & Silva vai passar a estar, no princípio da próxima semana, cotada nas bolsas de Lisboa ePorto. Trata-se da quarta maior empresa do distrito de Setúbal, sendo simultaneamente empreiteira de obras públicas, industrial de construção civil, madeiras e cerâmica, comerciante de materiais de construção e armazenista de ferro.

Transferência de dados mais facilitada

Uma nova tecnologia para a transferência electrónica de dados vai ser apresentada hoje em Portugal pela Digital e pela Price Waterhouse. Trata-se da EDI (Electronic Data Interchange), que permite a troca de informação entre computadores de diversas empresas, utilizando formatos de dados pré-definidos.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$00	54$00
ALEMANHA FED. (marco)	87$60	88$80
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$021	4$271
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$80	129$30
(notas de 5 a 1000)	127$30	129$80
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA (peseta)	1$329	1$449
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149$70	153$20
(notas de 5 a 1000)	150$20	153$70
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$90	26$60
HOLANDA (florim)	77$75	78$85
IRLANDA (libra)	234$20	238$20
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$924	$979
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	239$05	243$55
SUÉCIA (coroa)	24$15	24$65
SUÍÇA (franco)	98$25	99$75
VENEZUELA (bolívar)	2$890	3$690

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Escola culpabilizada pelo trabalho infantil

Silva Peneda considera que o insucesso escolar é a causa principal da mão-de-obra infantil

«O fenómeno da mão-de-obra infantil deve-se principalmente ao insucesso escolar dos jovens».

Silva Peneda, ministro do Emprego e da Segurança Social, proferiu esta afirmação na passada segunda-feira, em Santo Tirso, durante as comemorações do vigésimo aniversário de uma empresa têxtil, divulgou a Lusa.

Na altura, enalteceu o espírito empreendedor dos agentes económicos da região que, em sua opinião, «têm corporizado as intenções e objectivos do Governo», em termos de política industrial.

Depois de recordar que o Governo já tinha discutido o trabalho infantil no Conselho da Concertação Social, Silva Peneda anunciou, para breve, a tomada de algumas medidas para «minimizar» o problema, após o que fez aquela afirmação, onde atribui ao «insucesso escolar» a «causa principal» do trabalho infantil. Quem manifestou a sua discordância com tal entendimento foram dirigentes da Juventude Operária Católica que, em afirmações ao **"DL"**, disseram que o contrário seria mais verosímil. Fonte do Ministério da Educação escusou-se, por seu turno, a comentar a frase de Silva Peneda: «O senhor ministro do Emprego é que pode explicar essa afirmação».

Os miúdos vão trabalhar porque são "burros" ou porque as famílias não têm condições económicas?

Apesar de solicitada, esta explicação não nos tinha chegado até à altura de fechar a edição.

Américo Monteiro, dirigente da JOC, que participou num estudo sobre este assunto, disse que «o trabalho infantil diz respeito igualmente às necessidades das famílias e ao meio onde se inserem».

Anunciou, por outro lado, a realização próxima de outro estudo sobre o trabalho infantil em Portugal, a pedido do Movimento Internacional para a Educação das Crianças.

Números elucidativos

Na edição do passado dia 28 de Fevereiro, o **"DL** publicou um depoimento de Elisa Taveira, vice-presidente da Comissão de Coordenação Regional do Norte, inserido num "dossier" sobre a questão têxtil, onde a autora, na qualidade de professora universitária, adiantava algumas quantificações do Vale do Ave, inserido numa das principais zonas do trabalho infantil.

No documento, Elisa Taveira precisava que no Vale do Ave, 80 por cento da mão-de-obra industrial trabalha na indústria têxtil e do vestuário, cujos salários reais são, em média, 30 por cento inferiores aos da indústria transformadora e não pararam de diminuir no início da década de 80.

Por outro lado, uma taxa de actividade superior à média continental (46,9 por cento contra 42,9) é "compensada" por taxas inferiores àquela média no que respeita a habilitações literárias: da população entre 15 e 19 anos, apenas 15 por cento possui o ensino secundário (no Continente são 25), no escalão entre os 20 e os 24 anos, só 9,5 por cento possui o ensino complementar (no Continente são 19,8) e no escalão dos 25 aos 29 anos, a percentagem da população com formação superior é menos de metade da do Continente (2,02 por cento contra 4,82).

Em termos de infraestruturas, a articulista afirmava que a percentagem de população servida de água por rede pública era, em 1981, de 23 (no Continente era de 52); a percentagem de população servida por rede pública de esgotos era de nove (no Continente era de 38); o número de camas de hospital por 100 mil habitantes era de 160 em 1984 (no Continente era de 417); por fim, o número de telefones por 100 habitantes era, em 1986/7, de 9,1 (no Continente era de 16,1).

R.N.

Turismo vai ter banco de dados

Investimento de 360 mil contos para desenvolver projecto Ulysses

Iniciou ontem os primeiros passos em Portugal o projecto Ulysses, que visa criar o primeiro banco de dados na área da informação turística, envolvendo um investimento de cerca de 360 mil contos (dois milhões de ECU).

Victor Gonçalves, presidente do Instituto de Promoção Turística, e César Torres, presidente do Automóvel Clube de Portugal, assinaram o protocolo que oficializa o projecto.

Na Comunidade Económica Europeia apenas Portugal, França e Irlanda foram seleccionados para concretizar o projecto piloto Ulysses, um programa específico para a criação de bancos de dados europeus no âmbito do turismo, área considerada prioritária pela Comunidade.

O Ulysses-Portugal vai ficar sediado no Instituto de Promoção Turística e ligado, através de terminais, à sede do Automóvel Clube de Portugal e a 14 postos de turismo. As Regiões de Turismo do País poderão também aderir ao futuro banco de dados.

Graças a este projecto, qualquer utilizador, seja um agente económico ou um turista, poderá ter acesso ao banco de dados e obter o mais variado tipo de informação sobre o País que pretende visitar: hotéis existentes, reservas numa transportadora aérea, locais típicos a visitar, cotação da moeda...

Além da actualização, diversidade e rapidez da informação obtida, este sistema informático poderá vir a substituir definitivamente a informação em papel: panfletos, guias, brochuras, desdobráveis.

Portugal, através do projecto Ulysses, ficará ligado aos bancos de dados congéneres da França e Irlanda e, mais tarde, aos restantes Estados membros da Comunidade Europeia.

O banco de dados fornecerá as informações em três idiomas: português, francês e inglês. Numa fase posterior o leque de línguas será alargado.

O recurso às novas tecnologias resulta do forte aumento do aumento das informações. Por outro lado, visa colmatar o défice europeu no mercado mundial da informação, que o leva a ter bancos de dados em número duas vezes inferior ao dos Estados Unidos.

Foi assim que surgiu o projecto Ulysses, subsidiado pelo Impact-1, um programa comunitário vocacionado para projectos experimentais de criação e comercialização da informação e que definiu como áeras prioritárias o turismo, os bancos de imagens, os transportes rodoviários, a informação sobre normas e os interfaces inteligentes.

Refere-se que o arranque do projecto Ulysses coincide com as comemorações do Ano Europeu do Turismo. Este sector, lembra-se, representa já mais de cinco por cento do Produto Nacional Bruto e do emprego comunitário. Há quem considere que no final deste sécula será a indústria mais importante da Europa.

CULTURA

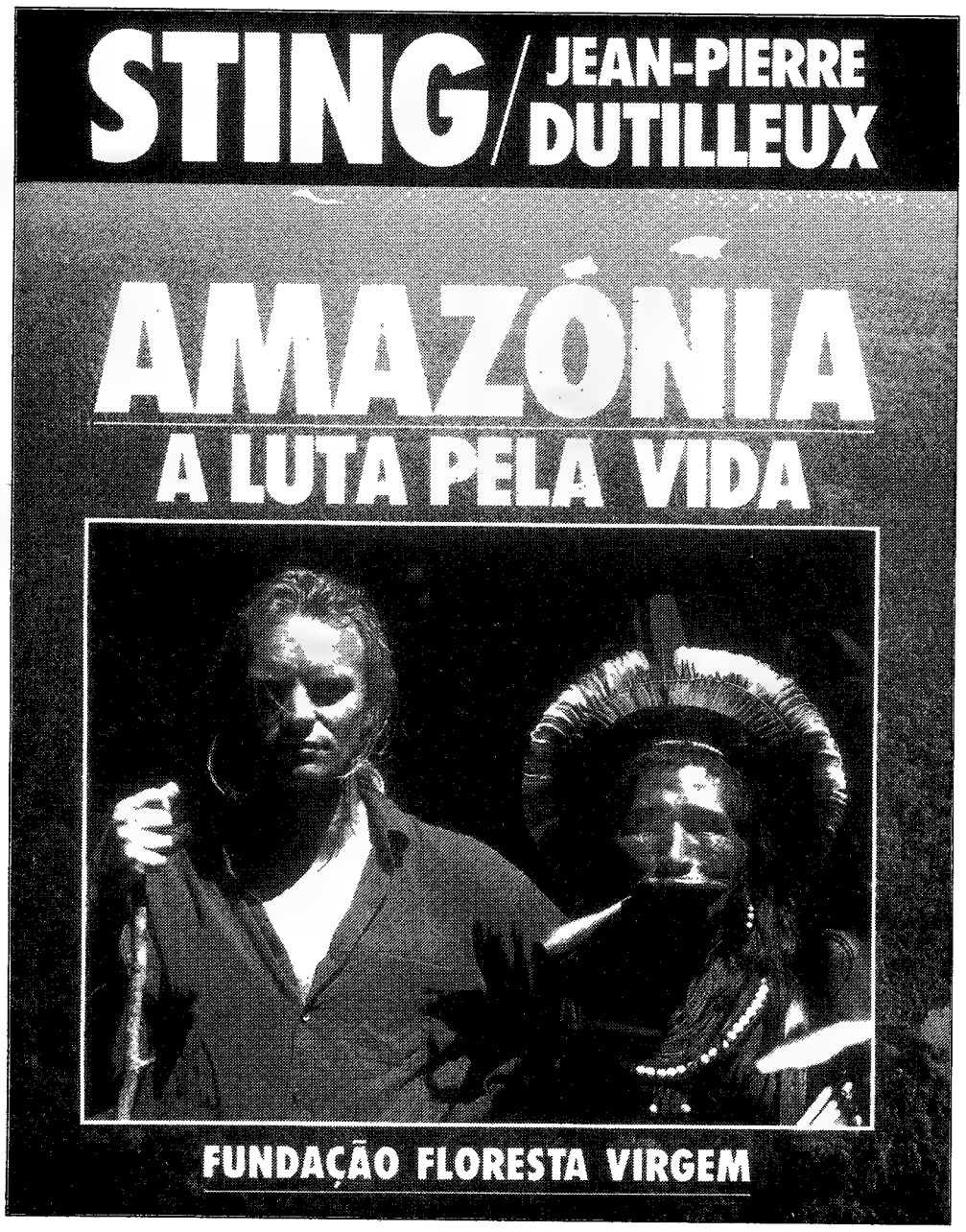
Um guia turístico torna-se o maior best-seller *de sempre do Círculo de Leitores: 110 mil exemplares*

Para melhor, está bem, está bem...

Nós, portugueses, somos assim: interessa-nos mais o que é nosso, com o mal dos outros - diz-se - podemos bem. É talvez uma conclusão apressada, ainda assim a única possível a partir destes dados, espelho de uma certa mentalidade: enquanto um guia turístico sobre Portugal vende 110 mil exemplares, um outro em defesa da Amazónia não seduz mais do que cinco mil leitores. Questão de preço? Não. O preço é o mesmo (3200$00) e mesma é a chancela (Círculo de Leitores), tudo foi revelado ontem num almoço com jornalistas.

O repasto não servia exactamente para saber dos portugueses, mas para dar conta de como vai andando o CL quanto a publicações e projectos. Só que, entre novas, outras se vão sabendo (ou deduzindo), que o mapa de uma editora com meio milhão de sócios diz mais dos nossos gostos, do que um livro de estatísticas.

E é assim que, comparando as vendas do «Guia Turístico de Portugal de A a Z» com «Amazónia, A Luta pela Vida», se conclui que estamos todos (ou o *todos* que a amostragem CL representa) mais interessados em passeios do que no destino dos índios. E tanto que, se mesmo sem autor na capa, o guia turístico se transformou no best-seller maior da história do CL, Sting, o do rock, a assinar sobre o futuro da Amazónia não chegou para impor o livro.



«História da Europa» de Jean-Baptiste Duroselle

De qualquer modo, o CL não desiste da defesa do ambiente e pode mesmo ter descoberto a fórmula de para tal mobilizar os seus sócios (em termos de compras, é óbvio). É simples: já que eles em passear se mostram tão ladinos, aí vão surgir já para o ano, novos guias, oito, agora de *defesa do ambiente português*, tudo como é, de Norte a Sul, mais Açores e Madeira, incluindo itinerários a pé... ou de como entre ecologia e turismo vá lá saber-se depois que diferença.

Diferenças há e de tomo entre alguns livros, preferências dos leitores do Círculo. Estas são interessantes: enquanto 6 mil gostam de ler «O Altar de Vénus», por 1200$00 o erotismo «soft» e anónimo, 7500 não se importam de pagar o triplo para saber da «História da Vida Privada» dos nossos avós greco-romanos, um clássico da historiografia.

Da História (e outras histórias) para ficção e romance. Assim: Gabriel Garcia Marquez e Kundera estão cotados no CL a 15 mil leitores cada livro, «Mulheres Apaixonadas», de D. H. Lawrence vende 10 mil (nada mau, tratando-se de uma reedição), Cardoso Pires com «República dos Corvos» não vai além de cinco mil, o mesmo, afinal, que a enéssima edição de «O Arco de Sant'Ana» de um Garrett que é tal e qual Camilo: «vende sempre».

Um salto agora no tempo para anunciar uma «História da Europa» de Jean-Baptiste Duroselle, edição simultânea na CEE toda. Em Portugal, a chancela é conjunta (CL/Publicações Dom Quixote), tudo ficará assinalado a 4 de Outubro, na Feira do Livro de Frankfurt.

E de Outubro próximo para um 1992 ainda distante. Nessa altura Manuel Teixeira-Gomes (grande escritor português, tão grande como esquecido) terá morrido já há 50 anos, fica-lhe a obra (é de lei) toda livre de direitos. Aqui vai em primeira mão: o CL irá editá-la. Como, depois se vê.

«Ler»/«Lire»

Coisas que se não vêem mas ontem se ficaram a saber foram estas: os maiores assinantes em Portugal da revista «Ler» são gestores e oficiais dos três ramos das Forças Armadas, empregados de escritório e professores e - imagine-se - operários, têxteis em especial.

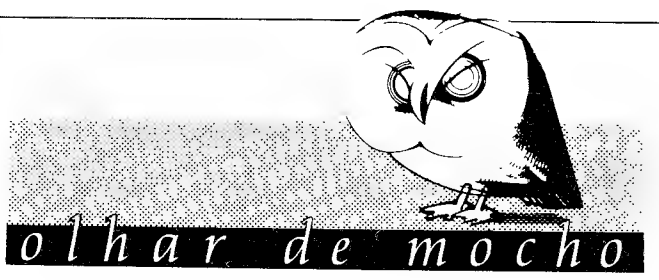
A razão parece ser uma e determinante: durante um ano a revista foi semi-oferecida aos sócios do CL, depois retraiu-se e passou à normalidade. Algumas raízes, porém, subsistem: estes assinantes de estratos sociais diferenciados que poucos suporiam encontrar juntos a ler... a «Ler».

A revista, que tem actualmente uma tiragem de 20 mil exemplares (6 mil na venda directa, 12 mil por assinaturas, dois terços no estrangeiro), é bem capaz de vir a subir. Porquê? Porque acaba de assinar com a sua congénere francesa «Lire» um acordo comercial de intercâmbio, assumindo ambas já a liderança de uma Federação das Revistas Literárias da Europa Latina (Roménia incluída).

No acordo, um desacordo todavia, ou uma questão ainda não resolvida. Enquanto a revista portuguesa pretende o exclusivo da catalã «Quimera» ou da castelhana «Urogallo», a «Lire» quer impor que a «Ler» utilize da Espanha a «Leer».

Mas tudo se resolverá a contento (espera-se...) ou não sejam estas coisas assim: a «Lire» pertence ao grupo Express, que pertence por sua vez à Presse de la Cité, que faz parte da France Loisir, que é do grupo Bertelsmann, que engloba o Círculo de Leitores, que edita a revista «Ler», que fez o acordo com a «Lire»... as coisas que a gente aprende nestes almoços literários!

Rodrigues da Silva



Assim falou Freitastustra

Quase parecia o Zaratustra lusitano, que por isso, terá de ser uma espécie de Nietzsche cristão: afirmação da vontade de Poder, Deus morreu mas ressuscitou - veja-se o islamismo e o fundamentalismo católico cada vez mais fortes -, libertação da decadência laranjista, e transformação radical dos valores básicos - na televisão, nas rádios locais, nas autarquias. O prof. falou e pelo menos durante essa hora de «Primeira Página» tivemos no ecrã uma pessoa inteligente diante dos olhos. Coisa bem rara nos tempos que correm em que cada vez custa mais distinguir a mensagem televisiva do detergente da do autonomeado chefe da ecologia nacional. Não resisto à tentação de, por breves momentos, fulanizar o problema. Mas tenho de recordar que na Alemanha, em discussões com amigos e companheiros de ideias, falando de política, sempre chegávamos à conclusão: mais vale o Franz Josef Strauss a chefiar o Governo de Bona que o chanceler Kohl. A opção era pela inteligência e pela qualidade da massa cinzenta.

O prof. Freitas ganhou por ter jogado ao ataque. E ganhou em duas frentes: primeiro, fez uma das críticas mais inteligentes - de um ponto de vista político e eleitoral, claro -, ao partido do Governo. Dos vários maratonistas da oposição, ele foi ontem, a Rosa Mota mais o Carlos Lopes, arrecadou o ouro e deixou para os outros a prata e o bronze. Em segundo lugar, ganhou no terreno do adversário - o edifício da 5 de Outubro, onde é sempre difícil obter vitórias.

Conseguiu demonstrar que o primeiro-ministro, «desconfia da liberdade», «da abertura à liberdade e ao pluralismo». O professor universitário defendeu com mestria a sua tese doutorando-se em política.

Não sei se os entrevistadores tivessem obrigado o prof. Freitas do Amaral a jogar à defesa, ele teria sido tão brilhante. Mas o facto é que ninguém lhe perguntou o que é isso de «democracia cristã» ou de «socialismo cristão» (um dos pilares da CDU alemã).

Mas fica a pergunta no ar: será ele o Zaratustra que vem anunciar com a sua «moralidade pública» o super-homem que irá pôr cobro ou pelo menos, aliado ao PS, ajudar a pôr cobro ao cesaropapismo reinante na República? É que em política não basta ser-se brilhante no *show* televisivo. Recordo, de novo, o Franz Josef Strauss que numa célebre entrevista da televisão explicou sem rodeios a sua táctica e estratégia: «Um político que tenha ideias muito inteligentes deve ficar em casa a escrever livros; um político que pretenda conquistar o Poder, tem de saber ganhar votos». Ora é esta a questão de Freitas: tem cabeça para liderar a oposição, mas conseguirá ele o *know-how* para conquistar votos? O Zaratustra, Freitastustra, anunciou, mas ainda não chegámos à vitória.

José Sousa Monteiro

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Casa da Cultura D. Pedro V inaugura no próximo sábado

Nem só do convento vive Mafra

Em Portugal é assim: quanto mais pequeno é o reinado, melhor é o rei. Ninguém, à excepção dos profissionais da História, recorda com admiração particular a figura de D. João II e, no entanto, ele foi entre os homens do século XV aquele que mais próximo esteve dos «altos» ideais renascentistas. Em contrapartida, D.Sebastião provocou o desvario secular que se conhece e D. Pedro V, rei de Portugal durante seis anos, é ainda objecto de curiosas homenagens, como a da Câmara Municipal de Mafra que, ao criar a sua Casa da Cultura, tratou também de a dedicar a um dos monarcas que mais e melhor amaram a vila. A inaugurar no próximo sábado, na presença de Pedro Santana Lopes, o Centro Cultural D.Pedro V é o corolário de um longo período de esforços dispendidos pela edilidade mafrense, sem que, entretanto, o governo se dispusesse a qualquer forma de auxílio. Foi em 1986 que, segundo José Ministro dos Santos, Presidente da Câmara local, se iniciaram as conversações com o Ministério da Administração Interna. Em vão. O mesmo resultado, de resto, seria obtido junto da Secretaria de Estado da Cultura. Ainda assim, as obras prosseguiram com a rapidez possível e um custo avaliado em trinta mil contos,o triplo do que o município consagra por ano à Cultura.

O «déficit» não matou o entusiasmo e foi com compreensível orgulho que a autarquia nos mostrou ontem ,ao princípio da tarde, as novas instalações. O orgulho municipal nem espanta:uma casa totalmente reconstruída, dotada de duas salas nobres para exposições e de um auditório para sessenta pessoas é a mais bela prova de vitalidade que o poder autárquico pode oferecer a um Terreiro do Paço demasiado voltado sobre si mesmo.

As iniciativas do Centro já agendadas estão todas elas subordinadas à necessidade de restabelecer um vínculo inteligível entre a actual vila de Mafra e o rico passado por ela vivido nos últimos dois séculos. É o caso da exposição sobre a Escola Real que, no fim de contas, pretende explicar o porquê deste nome para a Casa da Cultura. É que, tal como nos disse o Presidente da Câmara, «Mafra não pode ser somente a figura de D. João V», pelo que importa lembrar quer aos mafrenses, quer aos futuros visitantes, o valor das heranças deixadas por El-rei D. Pedro nesta localidade.

A mais notável dessas heranças é evidentemente a fundação da Escola Real em 1855, estabelecimento que englobando os dois graus de instrução primária, se destacava das escolas estatais pelo elevado número de pequenos estudantes que a frequentavam. O acontecimento caíria, porém, no esquecimento e a História de Mafra continua a limitar-se a um rei magnânimo, coberto de glórias auríferas que, um dia, desesperado pela falta de herdeiro, tratou de erguer aos céus um voto à medida da sua ostentação. No entanto, nem só do Convento vive Mafra. O importante, para já, é que o Centro Cultural D. Pedro V conta entre os seus objectivos a criação de um «atelier» de escultura, onde mestre Soares Branco iniciará todos os interessados nos segredos desta arte que, em tempos há muito idos, foi ensinada, e de que maneira, na vila de Mafra. O século XIX ao pôr termo a este ascendente, em proveito das Caldas, não deixou, todavia, de ser marcante quanto mais não fosse pelo facto de Bordalo haver recorrido aos serviços de oleiros mafrenses.

Claro que , como dissémos acima, Mafra não se resume ao Convento, mas a verdade é que ao visitar a vila também não se pode deixar de falar dele, até porque nem tudo vai bem com o belo monumento ali erguido no século XVIII por absoluta vontade de D. João V.

Gerido pelo Instituto Português do Património Cultural, o Convento de Mafra é tratado, segundo José Ministro dos Santos, «como um parente pobre dos monumentos nacionais». O carrilhão norte não funciona, os seis orgãos existentes estão inoperacionais, à excepção de um que também já vai ameaçando desastre e, «last but not the least», a biblioteca encontra-se encerrada à leitura desde 1954. Esta circunstância torna-se, de resto, tanto mais lamentável quanto é certo estar-se diante de um dos mais preciosos espólios bibliotecários existentes em Portugal. Entre as suas mais inestimáveis jóias contam-se, por exemplo, alguns livros proibidos ou visados pela censura inquisitorial. Há partes importantes dos fundos que nem sequer estão inventariados e, no entanto, há milhares de estudiosos que trocariam uns bons anos de vida por uma tarde nesta biblioteca.

Ao município, depois dos protestos dirigidos ao IPPC, cabe a ingrata tarefa de esperar. E quem espera, desespera. Porque se , como diz o presidente da Câmara de Mafra, «eles deixam cair o tecto aos Jerónimos, quando é que vão olhar para um Convento, a hora e meia de distância?»

Maria João Martins

Convento de Mafra: o último órgão operacional

Informação

COMUNICADO

A CP voltou a reunir-se com o Sindicato Nacional dos Maquinistas, no dia 15 de Março, numa tentativa de se encontrarem soluções para os problemas decorrentes das greves declaradas por este sindicato e que têm vindo a afectar significativamente o serviço ferroviário prestado pela empresa.

No decurso daquela reunião voltaram a verificar-se posições irredutíveis do sindicato que, ignorando as obrigações de serviço público da CP, mas a coberto dessas responsabilidades, visam a conquista de benefícios exclusivos para classe de maquinistas, desequilibrados no quadro de uma empresa detentora de uma força laboral de 22 000 trabalhadores, todos com legítimos anseios, mas só possíveis de satisfazer se o transporte ferroviário gerar os meios financeiros indispensáveis.

Em oposição a um comportamento que vise a salvaguarda dos interesses públicos, tem vindo o sindicato, num claro aproveitamento da sua posição determinante na condução dos comboios, a realizar greves parciais que não conduzem a nada, a não ser ao sacrifício dos utilizadores do Caminho de Ferro e à destruição da própria empresa.

A CP tem limitações financeiras que não permitem o aumento dos encargos com o seu pessoal para além do já acordado e posto em vigor desde o passado dia 1 de Fevereiro, pelo que terá de continuar a manter todo o rigor e equilíbrio nas negociações com os sindicatos.

Entretanto, a CP está plenamente consciente dos incómodos e saturação que as recentes greves têm provocado junto dos seus passageiros e clientes e vai continuar a procurar assegurar as melhores condições de transporte possíveis.

Lisboa, 16 de Março de 1990

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Caminhos de Ferro Portugueses

BREVES

Gloria Estefan sofre acidente de viação

A cantora "pop" Gloria Estefan, vocalista do popular grupo "Miami Sound Machine", foi sujeita a uma intervenão cirúrgica, após ter sofrido um acidebnte de viação na Pensilvania - anunciou a sua editora discográfica.

O estado de saúde de Estefan não é ainda conhecido, disse um porta-voz da editora, mas, segundo fonte hospitalar, os seus ferimentos podem ser graves.

Estefan e outros cinco membros do grupo ficaram feridos quando a carrinha onde viajavam ficou entalada entre dois camiões numa autoestrada perto de Scranton, Pensilvania. Gloria emigrou de Cuba para os Estados Unidos em 1962, tendo frequentado a Universidade de Miami, onde conheceu aquele que viria a ser seu marido, Emilio Estefan, em 1974.

Anthony Perkins atacado de sida

O mundo do cinema comoveu-se novamente ao conhecer ontem, dia 20, a notícia de que o famoso actor de «Psico», Anthony Perkins, se encontra com sida, a terrível doença que, até ao momento, não tem cura.

A revista sensacionalista "National Enquirer" informou que o actor negou que esteja doente, mas fontes médicas asseguram que Perkins teve consultas com Joel Wiesman, um especialista daquela doença, com consultório em Los Angeles (Califórnia), a quem confessou ter tido relações homossexuais.

A notícia fez estrenmecer Hollywood por ter sido divulgada exactamente uma semana antes da cerimónia anual da entrega dos Óscares que vai juntar na Califórnia o mais selecto do mundo do cinema.

Brigitte Bardot vítima do seu mito...

A advogada de Brigitte Bardot, a senhora Gilles Dreyfus, desmentiu ontem categoricamente as informações surgidas no magazine romeno, segundo as quais a célebre actriz francesa regressaria em breve à actividade cinematográfica a fim de interpretar um papael impopular, o de Elena Ceausescu, a mulher do ditador da Roménia, executada, com o marido, em 25 de Dezembro do ano passado. A senhora Gilles Dreyfus disse ainda que iria intentar um processo ao jornal inglês "Daily Express", por perda e danos, pelo facto de ter noticiado, no dia 23 de Janeiro último, que BB iria vender as suas «memórias sexuais» à sua velha amiga Jacky (Onassis) pela quantia de 18 milhões de francos (3,2 milhões de dólares). Segundo aquele jornal, os editores franceses tinham oferecido à actriz 920 mil francos para publicação das suas memórias, tendo o Governo francês, ao mesmo tempo, protestado contra a intenção de Bardot se virar para compradores estrangeiros.

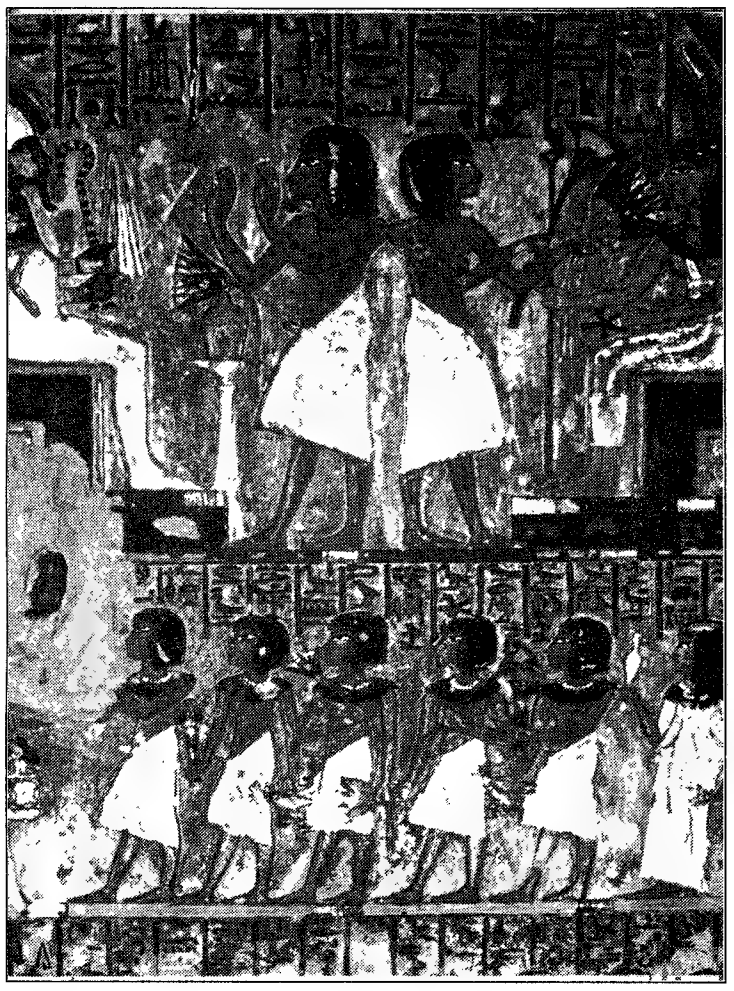
«Tudo isto é absurdo - afirmou à AFP a advogada. - Tendo em conta este delírio imaginativo, é caso para perguntar se aqueles que põem a correr tais rumores não estarão a brincar com o público ou a agir com a intenção de prejudicar Brigitte, que, embora retirada do cinema, continua a ser uma personagem de primeiro plano...

Talvez que a sua luta pela defesa dos animais crie problemas a alguns, quem sabe!»

LIVRO ABERTO

«Hathor / Estudos de Egiptologia»: primeira revista de especialidade a ser publicada em Portugal. Directora: Maria Helena Trindade Lopes, docente da Universidade Nova de Lisboa. Numa palavra: a esfera do Mundo no interior de um cubo feito de estudo, pesquisa e trabalho. A todo esse esforço, o leitor que somos dedicamos o texto que segue...

A esfera dentro do cubo



Atmosfera do Antigo Egipto

O que por vezes nos torna silenciosos, afastados uns dos outros, é a nossa incapacidade no que toca ao desenho íntimo das coisas. Ao desenho das suas estruturas, dos seus números secretos, das suas proporções mais escondidas. Porque não basta o que vem só à superfície dos olhos: é-nos também necessário o que de modo invisível sustenta as nossas visões.

Suponhamos, na lousa negra do nosso raciocínio, um cubo no espaço. Será que efectivamente o construimos no espaço (ponto a ponto, linha a linha, face a face) ou será que no espaço o colocamos automaticamente por mera existência na nossa memória? Em suma: abstracção ou transposição...?

E é já por aqui, no relâmpago desta interrogação, que o silêncio nos invade e nos afasta de nós próprios. De repente, vai-se-nos o chão dos pés, e logo hesitamos entre a ideia pura e o peso do objecto. Só areia! Entramos pelo monólogo, de olhos fechados, até uma solução clara. E se o monólogo é difícil, moroso, o diálogo com os outros, e com as coisas, também o é. Entre nós e outrém, não há regras definitivas para eleições - e as afinidades são muito raras.

Quem na assembleia que todos nós somos, ouvindo o orador essencial e escutando o objecto escondido, os acompanha ao íntimo desenho das coisas...? Poucos - e dos poucos transitoriamente muitos. Esta, enfim, a nossa percentagem de comunicação.

Se frios, se não hipócritas, temos de aceitar que não bastam só as palavras à superfície das coisas. Nunca nos entenderemos por aí: por aí só delicadamente nos cumprimentaremos. Mais friamente ainda: por aí, e perdidos no espaço que a Terra percorre, seremos satélites dessa mesma Terra na mais glacial e distante harmonia.

Tantas línguas - e que silêncio de palavras!

Apetece (o papel assim o exige num grito branco) envolver a Terra num cobertor, embalá-la, adormecê-la numa fonética qualquer, e deitá-la, por fim, numa estrutura por inventar do espaço enorme. E com ela todos os números que a habitam, todos os números que dão por um nome, todos os números que se cruzam à sua superfície... E haver um dia um despertar diferente do despertar de todos os dias: a assunção plena da intimidade de todas as coisas!

E é já por aqui, no relâmpago desta exclamação, que de novo voltamos à concepção de um cubo no espaço (ponto a ponto, linha a linha, face a face), cumprindo uma ideia puríssima de construção abstracta, de olhos fechados, a fim de compreendermos a estrutura secreta dos volumes que nos rodeiam - e que são uma arca, um armário, o nosso próprio sarcó-fago... Vida e morte, numa palavra.

Somos ou não capazes desse raciocínio que toma a intimidade de tudo para tudo explicar? Não cabe aqui a resposta que o branco do papel exige. Mas se não quisermos ficar à superfície das coisas, dos sinais, das palavras, teremos todos de ser um lápis espacial que no espaço um cubo construa, amplo e generoso, pronto a receber dentro a esfera toda da Terra.

E só então serão íntimos a forma e o conteúdo da nossa existência, da nossa soma, do nosso saber - e o Egipto, dentro de nós, abrir-nos-á em delta, ao longo de quilómetros de busca, através do Nilo que o percorre...

Pedro Alvim

BREVES

Vértice: a questão da crítica literária

"Vértice", número 24, agora nos escaparates.

Sumário:

«A crítica da crítica literária» (um "dossier" constituído por artigos de Fernando Martinho («Os dois pássaros dos *Upanishads*»), Hans Skei («A função da crítica»), Neria De Giovanni («Com respeito ao andrógino - os princípios do conhecimento matriarcal na interpretação do texto literário»), Desidério Navarro («Crítica da crítica nestes tempos pós-modernos da pós-crítica»), António Blanch («A importância de uma crítica ética») e Maria Alzira Seixo («Por uma crítica dialógica»); «Filosofia e reflexão» (José Barata-Moura); «O problema do "Oeste" norte-americano - fonte de reflexão de K. Marx e F. Engels sobre o igualitarismo agrário» (Hernâni Resende); «Reler Portugal em Pessoa e Camões - Uma leitura de "O Ano da Morte de ricardo Reis" e de "Que Farei com Este Livro?» (Teresa Cristina C. da Silva); «Uma pintura mural - símbolo do poder local» (Maria Amélia F. de Almeida e Maria Jorge V. Rodrigues); «Para um sistema da pintura» (António Quadros Ferreira); «A fome "polaroid"» (Pascal Bruckner); «Camponeses» (crónica de Armando Pereira da Silva); «O marxismo e os intelectuais portugueses» (João Arsénio Nunes); «Pequeno panorama da Física no Brasil» (Mário Pinheiro); «O problema dos antecedentes da 2ª. Guerra Mundial» (Manuel F. Seabra); «O "topos" da utopia - A propósito de um colóquio na Gulbenkian» (António Martis Gomes); «RDA: a alternativa alemã». (Ana Calapez Gomes); «Os princípios de 1789 e o Direito Económico: propriedade, liberdade, igualdade, fraternidade» (A. Carlos dos Santos); e Crítica Literária sobre diversos romances policiais.

Mello e Castro na SPA

O ciclo "O Poeta na Casa dos Autores" prossegue no próximo dia 29, às 18 e 30, na Sociedade Portuguesa de Autores, com uma sessão dedicada à obra de E. M. de Mello e Castro, cuja apresentação estará a cargo de Casimiro de Brito. Os poemas de Mello e Castro serão ditos por João d'Ávila.

Da extensa obra poética de Mello e Castro destacam-se títulos como «Ignorância da Alma» (1956), «Ideogramas» (1962), «Versus-in-Versus» (1968) e «Álea e Vazio» (1971).

O ciclo "O Poeta na Casa dos Autores", que a SPA tem vindo a promover com grande êxito desde o ano passado, prossegue nos próximos meses, estando já confirmados, para datas a anunciar, as presenças, entre outros, dos poetas António Ramos Rosa, António Barahona da Fonseca, António Gedeão, José Fanha e Yvette Centeno.Pode afirmar-se que, pela primeira vez, um ciclo de poesia proporciona a amostragem das principais correntes, vozes e estilos da poesia portuguesa contemporânea.

«Ensaios de Domingo», Mário Sacramento

A palavra límpida

O que de imediato nos toca nestes «Ensaios de Domingo», de Mário Sacramento, é a aparente simplicidade com que tudo nos surge exposto, explicitado, escrito, analisado. Homem de grande cultura que foi - e também de uma clara generosidade que todos os horizontes dele aproximava -, nunca se fechou em termos herméticos, em juízos embrulhados, em meandros de custoso seguimento. No papel de crítico literário (e o "Diário de Lisboa" foi uma das suas tribunas), Mário Sacramento, julgando os mais diversos títulos, emitiu sempre opiniões claras e distintas, não raras tocadas de um certo tom de ironia. Sem qualquer espécie de petulância, fluente na palavra, ele foi, sobretudo, um grande pedagogo.

O volume que a editora Vega agora nos oferece, inserto na Colecção Outras Obras, mais do que uma recolha de escritos sobre poesia, ficção e ensaio, é antes de mais um exemplo de simultaneamente bem compreender os outros nas suas realizações e transmitir aos eventuais leitores (desses mesmos outros) linhas de apreensão que, profundas embora, sempre conduzem a uma límpida clareira onde todas as questões se apresentam de feição bem delineada.

«Ensaios de Domingo», para além do que acima ficou dito, abre com uma nota, de experiência feita, sobre o papel da Crítica, que nunca deve ser ingénua, da qual não nos eximimos de extrair alguns pontos capitais.

Os seguintes, por exemplo:

«Seja qual for a margem de ascensão compreendida na crítica, é inútil negar que a anima um espírito profundamente polémico - no melhor sentido -, e ao qual dificilmente se resigna quem quer que ponha seriedade e devoção no seu interesse pela arte...» Ou, então, este: «Ser injusto por irremediável satisfação dos fados, é odiar a venalidade e a suficiência, e aceitar as limitações da crítica tão só porque um verdadeiro amor da arte - da vida - não pode satisfazer-se pelo circunlóquio, pela reticência ou pela discrição contemplativa.» E finalmente: «Enquanto o mundo for de homens e os homems bípedes com vagas auras de anjo e positivas filogemias de antropoide - ai do crítico por quem o escândalo vem ao mundo!»

Dentro deste modo de ver as coisas, Mário Sacramento, no volume em questão, escreve, por exemplo, sobre Alain Robbe-Grillet, Alberto Ferreira, Adolfo Casais Monteiro, Alexandre Pinheiro Torres, Alexandre Cabral, António Borges Coelho, António Coimbra Martins, António Sérgio, Armando de Castro, Arnaldo Saraiva, Eduardo Lourenço, Jacinto do Prado Coelho, João Gaspar Simões, Joel Serrão, Jorge de Sena, José Régio, Manuel Ferreira, Mário Cesariny de Vasconcelos, Mário Dionísio, Miller Guerra, Nuno Teixeira Neves, Óscar Lopes, Raúl Brandão, Rodrigues Lapa, Almada Negreiros, Erico Veríssimo, Joaquim Lagoeiro, Natália Nunes, Bernardo Santareno, Luís de Sttau Monteiro, Romeu Correia, Egito Gonçalves, Manuel Alegre...

A tempo ainda: a maior parte dos escritos de «Ensaios de Domingo» foram publicados no "Diário de Lisboa" nas décadas de 50 e 60. - Capa de Jorge Machado Dias.

Nas edições Calmann-Lévy, acaba de sair em França «André Breton, o Grande Indesejável», uma biografia de Henri Béhar, sobre o pai do surrealismo. O livro, por coincidência, saiu quase em simultâneo com a morte de Philippe Soupault, outro dos fundadores do surrealismo também evocado nestas páginas

André Breton ou a tentação do silêncio

Henri Béhar atrás de um escritor «demasiado humano».

«André Breton, O Grande Indesejável», de Henri Béhar, edição Calmann-Lévy, 475 p.

«Embora a vida me tenha infligido algumas derrotas, como a qualquer outra pessoa, o essencial para mim é que nunca transigi relativamente às três causas que à partida abracei e que são a poesia, o amor e a liberdade.», declarava André Breton (1896-1966) alguns anos antes do seu desaparecimento. Numa biografia subjectiva, Henri Béhar - que dirige o Centro de Pesquisas sobre o Surrealismo e é animador da revista «Mélusine» - propôs-se demonstrar, apoiando-se em provas e factos, a justeza deste propósito de André Breton.

O êxito da biografia é total porque, apesar da paixão que o anima, ele nunca se deixa descambar na hagiografia. Longe dos mitos e dos clichés, a maior parte das vezes negativos, que à hagiografia são inerentes, Henri Béhar seguiu a par e passo a vida de um homem complexo e contraditório, «infinitamente humano, demasiado humano, com tudo o que isso implica de risos e lágrimas, de paixões e desesperos, de grandezas inconscientes e manifestas fraquezas».

Raras são as infâncias que não são um poço de aborrecimento. A de Breton - que, na sua maior parte, decorreu em Pantin, nos arredores de Paris - não foi muito entusiasmante, entre um pai ateu convicto e uma mãe beata com quem sempre teve relações difíceis. Nas suas «conversas» com André Partinaud em 1952, André Breton situava nos dezassete anos a idade dos grandes entusiasmos e das grandes resistências.

Uma única aberta neste período cinzento: a fórmula de Blanqui «nem Deus nem mestre» que ele, ainda criança, leu numa lápida num cemitério e cuja recordação não mais o abandonaria. Terá sido nesse dia que nasceu a sua vocação de «descodificador de sinais»? Talvez! Mas o mais importante não é isso e resume-se numa simples frase: durante toda a sua vida, Breton considerou Deus como um «porco» e, além disso, seria impensável atribuir-lhe um mestre que o ensinasse a viver ou a pensar. Os seus entusiasmos, intelectuais ou políticos, nunca fizeram dele um devoto, por mais inflexíveis que fossem. Foi sempre a dúvida que orientou a sua inteligência.

André Breton, auto-retrato

Tal como todos os que antes dele escreveram sobre André Breton, (1) Henri Béhar considera a obra como um prolongamento da vida e sublinha muito justamente o quanto o poeta quis ser um homem virado para a «acção colectiva», fossem quais fossem as dificuldades e as desilusões que uma tal opção fatalmente origina. Que peso tem, afinal, a presença de um Vaché, que lhe irá ensinar a «embriagar-se de vida para afogar a angústia» ou de um Benjamin Péret, o da revolta irredutível? De resto e contrariamente a uma lenda que se criou, André Breton jamais rompeu com um amigo num impulso de momento. Muito pelo contrário, de todas as vezes que a situação ocorreu ele não se decidiu a romper antes de ter esgotado todas as possibilidades de reconciliação. Foi o que aconteceu com Aragon, Desnos, Éluard e outros. André Breton sofria menos por ser traído por um companheiro do que por vê-lo trair o «seu» passado ou abdicar do «seu» futuro.

Na sua obra, Henri Béhar denuncia muitas outras lendas. Assim, como o seu pudor o impedia de se lamentar, alguns concluíram daí que, ao fim e ao cabo, André Breton tivera uma existência fácil.

A realidade foi completamente diferente. De saúde frágil, o poeta foi continuamente vítima de dificuldades materiais.

«Não pode admitir-se que o pensamento esteja às ordens do dinheiro.» Esta frase, extraída de um panfleto, resume bem a opção poética de Breton. Inútil, portanto, procurar distinguir, nesta perspectiva, o período dada do surrealismo. Do mesmo modo, não existe qualquer diferença entre o Breton que, em 1925, condena a guerra do Rif e o que, em 1960, se junta a Maurice Blanchot, Dionys Mascolo e Jean Shustea para redigir a «Declaração sobre o Direito à Insubmissão na Guerra da Argélia». Entre estas duas tomadas de posição, opondo-se completamente ao fascismo e ao nazismo, ele esteve entre os primeiros que denunciaram os processos de Moscovo e os crimes do estalinismo.

Ao ler a biografia de Henri Béhar, perguntamo-nos se todos os combates deste homem, presa de um «sombrio pessimismo», não fizeram também parte da sua luta contra a «tentação do silêncio», que muitas vezes o assaltava. «Vencer o tédio. Só penso nisso noite e dia», confiava ele a Tzara em 1920.

Sob pena de cair no ridículo, já ninguém hoje em dia contesta a importância da obra de Breton. Parece mesmo que, com o correr do tempo, ela ganha em juventude, certamente porque a revolta e a beleza são as suas energias criadoras. «Quando a menina for grande, tentarei explicar-lhe o que aprendi sobre o amor, sobre a vida, sobre a revolução e sobre o resto. Vai achar que não era muito prático, mas que, apesar de tudo, era digno», escrevia André Breton, a 12 de Agosto de 1936, a sua filha Aube, de poucos meses de idade...

Pierre Drachline
Serviço Exclusivo «Le Monde»/«DL»

(1) «Breton», de Philippe Audoin, Gallimard, 1970; «André Breton, naissance de l'aventure surréaliste», Corti, 1975; «André Breton a-t-il dit passe?», «Lettres Nouvelles», Denoel, 1969; «André Breton», de Julien Gracq, Corti, 1948; «André Breton en son temps», de Gérard Legrand, «Le Soleil Noir», 1976.

Tradução de Maria Otília Moreira

A Morte de Philippe Soupault

Poeta, romancista e também jornalista, ele foi, com Breton e Aragon, um dos fundadores do surrealismo.

Na sua casa, em Paris, faleceu em 12 de Março o poeta Philippe Soupault, último sobrevivente do primeiro grupo surrealista. Tinha noventa e dois anos.

Em Março de 1919, sob a direcção conjunta de Aragon, Breton e Soupault, aparecia a revista «Literatura», em cujas páginas iriam ser publicados os primeiros textos dada e surrealistas. Dos três - unidos pela paixão comum por Rimbaud e Lautréamont - era (na opinião de Breton expressa nos seus «Entretiens) Soupault quem possuía mais invejáveis tendências naturais: ele parecia sobretudo ter-se libertado da «velharia poética» que Rimbuad - segundo ele próprio confessava - nunca tinha conseguido eliminar... Onde quer que estivesse - mesmo que fosse no café, era só o tempo de pedir «por favor, arranje-me com que escrever» - ele podia responder ao apelo de um poema.

Mas quem era Philippe Soupault, o menos conhecido dos «três mosqueteiros» fundadores do surrealismo? Nascido em Chaville a 2 de Agosto de 1897, era oriundo de uma família da grande burguesia. Seu pai, que perdeu aos sete anos, era um médico conhecido. Seu tio era um dos irmãos Renault, cujo retrato feroz ele viria a fazer mais tarde no seu romance «Le Grand Homme». Recisando-se a ser notário, Soupault procurou durante toda a vida afastar-se deste meio, no qual se sentia como «ovelha negra». Todavia, as «nursery rhymes» cantadas pela sua governanta inglesa e as viagens que na adolescência fez à Inglaterra e à Alemanha determinaram a sua vocação de viajante e de poeta. Foi num hospital militar que Soupault - que estava então no 33.º de Artilharia em Angers - escreveu o seu primeiro poema, «Départ» («Partida») e o enviou a Apollinaire. «Sem eu saber porquê, começou a andar uma frase às voltas na minha cabeça», conta ele em «Histoire d'un Lac» («História de um Lago»). «Fazia um barulho de insecto. Insistia. Que mosca insuportável! Isto durou dois dias. Então, agarrei num papel e escrevi-a. Nessa altura, algo que não reconheci explodiu em mim». Em 1917, surge o pirmeiro livro, «Aquarium». Foi o início de uma actividade poética que iria prosseguir durante mais de meio século, paralelamente a muitas outras. Porque Philippe Soupault foi igualmente romancista, editor, ensaísta, jornalista, homem da rádio.

Se bem que se considerasse toda a vida como surrealista, a sua participação no grupo propriamente dito durou apenas alguns anos. E pode dizer-se que esta participação começou magnificamente, com a redacção, em conjunto com André Breto, do primeiro livro surrealista, «Les Champs Magnétiques» («Os Campos Magnéticos») (1920).

No mesmo ano, na sala Gaveau, sob uma chuva de ovos e tomates, os mesmos autores interpretavam uma outra obra comum, o sketch «Vous n'Oublierez» («Vocês não esquecerão»). Recusando-se a «desesperar de Dada» após a ruptura de Breton e de Tzara, cansado das reuniões quotidianas do grupo surrealista, independente, curioso a respeito de tudo, Soupault afasta-se muito antes de, em 1926, ser expulso por Breton, juntamente com Artaud e Vitrac. O seu primeiro romance «Le Bon Apôtre» («O Bom Apóstolo») inaugurou, em 1923, a «Colecção Europeia» da editora Kra, de que nessa altura Soupault era conselheiro literário e director da referida colecção. «Acabou tudo», afirmava ele no seu postfácio. «Escrevo romances, publico livros, mantenho-me ocupado. Vamos a isto!». Em dez anos escreve uma dezena de romances, de entre os quais «Les Frères Durandeau», «Le Voyage d'Horace Piroulle», «En Joue!», «Corps Perdu», «Le Nègre» e «Les Dernières Nuits de Paris». Na sua «Antologia da Nova Poesia Moderna» (1924), que teve enorme sucesso, ele demonstrava o seu ecletismo. Ainda na Kra, dirigia também uma «Revue Européenne», notável pela sua abertura à literatura estrangeira, onde figuravam textos de Gorki, Joyce e Virginia Woolf.

Grande repórter

Despois, a partir de 1929, começaram uma série de viagens que afastaram Soupault do meio literário parisiense. Fez uma quantidade de reportagens para «L'Intransigeant», «L'Excelsior» e «Le Petit Parisien», nomeadamente sobre o incêndio do Reichstag e sobre a eleição de Franklin Roosevelt. Director da Rádio Tunes, foi demitido das suas funções pelo governo de Vichy. Na prisão escreveu um ensaio sobre Labiche, único autor que o autorizavam a ler. Depois de ter dirigido a Rádio Argel, percorreu a América doNorte e do Sul como jornalista da AFP. Soupault passou a maior parte da sua vida a viajar por todos os continentes. Escreveu artigos, prefácios, ensaios, sobre cinema, pintura, literatura.

Mas foi sobretudo à poesia que ele mais se «devotou». Enquanto que com o resto da sua obra era mais que descuidado, com os poemas passeava-se o oposto: compilou os seus poemas,primeiro em 1937, para uma edição de Guy Levis Mano e depois, muito mais tarde, em 1973, para uma coelctânea dos «Poèmes et Poésies», da Grasset. Nota-se nesta poesia elegíaca, ligeira e melancólica a influência de poetas viajantes como Cendrars ou Larbaud e a marca das viagens do autor, quer das efectivamente realizadas quer das com que apenas sonhou. Os títulos das primeiras colectâneas acusam o desenraizamento - «Rose des Vents», «Westwego», «Georgia». Foi também à poesia que, depois de 1954, Soupault consagrou a sua actividade radiofónica, em emissões como «Prenez Garde à la Poésie», «Poètes à vos Luths» ou «Poètes Oubliés, Amis Inconnus».

Injustamente esquecido durante longos anos, Soupault foi tardiamente descoberto. Após a reedição de «Champs Magnétiques» e de «Poèmes et Poésies», vários romances foram sucessivamente reeditados. Os seus escritos sobre cinema foram compilados. Foram-lhe consagrados um estudo e vários números especiais de revistas. Por fim surgiu um livro de «conversas» com Serge Fauchereau, «Vingt Mille et Un Jours», cheio de anedotas e retratos, que permitiu seguir a sua longa vida, as amizades e as actividades diversas deste poeta em liberdade, discreto e inatingível, que soube levar às últimas consequências o espírito de «aventura» de que estavam imbuídos os primeiros tempos do surrealismo.

Monique Petillon
Serviço Exclusivo «Le Mond»/«DL»
(Tradução de Maria Otília Moreira)

Discos

Duas tentativas de fuga na New Albion

Sucedem-se as tentativas de fuga. «Deep Listening» e «Three Voices», o primeiro obra do trio constituído por Pauline Oliveros, Stuart Dempster e Panaiotis e o outro agrupando composições de Morton Feldman interpretadas pela voz de Joan La Barbara, contar-se-ão entre os títulos ultimamente postos no mercado das músicas «diferentes», poucos diga-se de passagem, que ainda conseguem romper com as ortodoxias académicas sabendo rumar ao largo dos novos conformismos instalados na dissidência.

Dupla virtude que justifica uma chamada de atenção para estes trabalhos em particular, dois dos muitos que a Você Gosta de Música, loja situada em frente do Jardim do Príncipe Real, recebeu agora com selo New Albion. Ilustrativos da consagração dos seus protagonistas, não é a lógica do experimentalismo ou a proposição vanguardista o que os caracteriza. Está em causa, sim, a tendência registada nos últimos anos, que alguns definem como sendo a introdução da pós-modernidade nos terrenos da música (mais ou menos) erudita, de um regresso aos valores da tonalidade e do modalismo, se bem que mediante trajectórias radicalmente novas.

A questão fora aberta pelos minimalistas, mas se é essa a escola que dá substância às músicas pouco conhecidas, porque ostensivamente «alternativas», do triângulo Oliveros/Dempster/Panaiotis e de Morton Feldman, este falecido em 1987 sem a badalação de um Glass ou um Reich mas com o justo reconhecimento de ser dos principais compositores americanos do século, a verdade é que grande parte do que os caracteriza é, já, uma ultrapassagem de tal espartilho. Curiosamente, o que une as duas obras em questão não é sequer uma convergência pela forma, hoje demasiado comum para se tornar num sinal de distinção por si só, mas o facto de tanto «Deep Listening» como «Three Voices» acentuarem particularmente a formulação tímbrica.

Apenas um apontamento técnico para explicar a peculariedade: as práticas tonal e modal não centram habitualmente as suas considerações em torno do timbre, se entendido este como a configuração das vibrações sonoras, um fenómeno acústico determinado, dizem todos os manuais de estudo, pela «intensidade, número e diferenciação dos sons harmónicos». Ora, o que surge acidentalmente no minimalismo, ou seja, por decorrência inevitável mas secundarizada, nos dois discos de que tratamos é uma constante e um objectivo primordial.

Pauline Oliveros com Stuart Dempster

Composição acelerada

A acordeonista Pauline Oliveros, o trombonista Stuart Dempster e o percutor de «pequenos instrumentos» que é Panaiotis levam-nos a constatá-lo imediatamente. «Deep Listening» foi gravado sem nenhum recurso à electrónica numa cisterna que lhes providenciou a desafiante vantagem de 45 segundos de reverberação natural. Tratou-se pois de explorar um espaço acústico que pudesse dominar por completo a música, de tal modo que cada instrumento perdesse a sua individualidade e, a meio da nuvem tímbrica resultante, se confudissem as identidades sonoras, na aproximação da pureza musical.

Não é uma fantasia gratuita. Seguindo o princípio stravinskyano segundo o qual «a composição é improvisação congelada», quiseram os três músicos provar que «a improvisação pode ser entendida como composição acelerada». E se os quatro temas incluídos parecem mover-se lentamente, na tradição do minimalismo americano nascido na década de 60 - que como se sabe foi hábil na associação de uma rigorosa economia musical com os preceitos libertadores das derivações improvisacionais, até se tornar no dogma limitativo da criatividade que agora é -, serve esse quase imobilismo vagueante para dimensionar a grande quantidade de «coisas» que acontecem (e acontecer no sentido do movimento, da dinâmica) em simultâneo.

O espaço acústico funciona assim como uma «presença unificadora» e verificando-se uma boa diferença entre esta prática e as demais que se norteiam pela improvisação, deve-se tal a não importar a escuta reactiva entre os músicos, mas sim, como os próprios intervenientes fizeram questão em expressar (leiam-se as notas incluídas), «uma escuta das modulações espaciais transformativas», fazendo com que o verdadeiro instrumento musical desta sessão seja a cisterna, «tocada» pelos três músicos.

«Deep Listening» tem portanto, no seu impulso de fuga, a virtude de concretizar um objecto musical personalizado e inventivo, consciente de que a reverberação sonora «pode exceder o som directo». A estranha alienação instrumental a que procede, o jogo tímbrico que completa aproveitando sabiamente as faculdades da «deformação» sónica, para o que também contribuiu o «sound designer» e técnico Albert Swanson, só foram possíveis porque todos os intervenientes têm conhecimentos e experiência na área da música electrónica. É o modelo da electrónica que aqui está investido, aliás, usufruindo dos muitos anos de trabalho de Panaiotis com computadores ou as ideias que Pauline Oliveros foi somando sobre o interface dos instrumentos acústicos com as máquinas, levando-a a escrever o volume «Software for People». O interesse que tem surgido relativamente ao timbre é, aliás, uma consequência destas aquisições.

Mas intervém neste ponto um outro aspecto, que cobre e justifica a redescoberta da produção sonora acústica por parte dos protagonistas do disco em causa. Oliveros, no aprofundamento das suas preocupações pela improvisação, interessou-se pela música ritual. Dempster descobriu o didjeridu aborígene nas suas buscas de novos valores musicais, em contraposição às colaborações com Berio , e toca-o bastas vezes neste trabalho. Panaiotis estudou as técnicas vocais e instrumentais não-tradicionais e alheias ao Ocidente. O próprio Swanson tirou um curso de etnomusicologia. Verifica-se em comum o desejo de um retorno às raízes, e se «Lear», «Suiren», «Ione» e «Nike» são as designações de temas que não podemos caracterizar geográfica ou temporalmente, prosseguindo um padrão abstraccionista que o instituído minimalismo excluiu por completo (oiça-se «Piano Solos» de Philip Glass, por exemplo), a verdade é que «Deep Listening» surge como a enunciação possível do arquétipo, através da projecção do seu horizonte.

Entre vida e morte

«Three Voices» beneficia de semelhante sustentação nos primados da música, dadas as capacidades únicas de Joan La Barbara no uso da voz, o primeiro de todos os instrumentos e o último. Considerada uma rival considerável de Meredith Monk com um vocabulário de sons e uma flexibilidade notável no trabalho da glote, La Barbara conhece todo o espectro possível entre a «voz étnica» e a voz acrescida à electrónica, tendo já trabalhado com um dos mais fascinantes compositores deste segundo género, Morton Subotnick, que a New Albion Records também editou.

Neste compacto, os dotes da cantora (e também escritora, artista multimedia, performer e compositora, à maneira renascentista) foram três vezes registados, segundo os preceitos de Feldman. Pela sobregravação vocal confluem as três partes, ou os três papéis assumidos por Joan La Barbara, na obtenção de efeitos tímbricos e vibracionais particularmente impressivos. A composição, dividida em dez partes, foi concebida por Morton Feldman para funcionar ao vivo, com a presença de uma única intérprete e as outras duas vozes em banda magnética, permitindo «uma troca entre a voz viva e as que estão mortas, uma mistura entre a vida e a morte», segundo o seu autor.

A noção tem os seus pressupostos ideológicos. Feldman tem uma linguagem composicional intuitiva, uma linguagem que evolui de momento a momento, de som a som. Resulta uma música imediatista e muito física, empática mesmo - conceder uma relativa liberdade aos executantes, evitar as escalas académicas, substituir a notação precisa por um grafismo seu, é a maneira de Morton Feldman saltar para fora. O seu percurso foi uma constante efabulação do factor improvisacional, ora adoptando-o com empenho ora renegando-o para mais tarde a ele voltar, e se nesta interpretação de Joan La Barbara a subtileza tonal e a estruturação por fragmentos de repetição é a contramedida para um balanço rítmico energético, a preocupação revelada pela qualidade tímbrica é a maior das evidências.

Sabe-se que o timbre, na sua expressão mais simples, está privado de sons harmónicos. É preciso que seja acompanhado por outros movimentos de vibração para que o consideremos completo, harmónico e musical: «Three Voices» encontra a unidade na ressonância, ou dizendo melhor, no choque entre os vários elementos. Como em «Deep Listening», o instrumento (no caso a voz) é alienado em função do som puro. A genialidade de Feldman e o virtuosismo de La Barbara iludem o ouvinte a tal ponto que aquilo que inicialmente se identifica como uma voz humana depressa se transmuta no concreto registo mezzo-soprano.

Indiferencia-se o que emite na matéria do que é emitido e razão tem Swanson, em última análise, quando afirma que isso de «realidade musical» é uma questão muito escorregadia. Se há característica que mais distinga a música contemporânea é este jeito de baralhar os dados.

Rui Eduardo Paes

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

AVISO

(PAGAMENTO DE TAXAS DOS ANÚNCIOS LUMINOSOS)

Dá-se conhecimento público que por deliberação da Assembleia Municipal de 15 de Março de 1990, foi aprovada a proposta que altera o art.º 18º da Tabela de Taxas e outras Receitas Municipais relativo a ANÚNCIOS LUMINOSOS cuja taxa para o ano de 1990 será de 8500$00 por metro quadrado e por ano.

Mais se informa que a cobrança desta taxa decorrerá durante os próximos meses de ABRIL E MAIO para o que a Câmara Municipal de Lisboa antecipadamente fará o envio aos contribuintes dos correspondentes avisos de pagamento.

Findo aquele prazo e tratando-se de renovação de licenças, o pagamento poderá ser ainda efectuado com a taxa acrescida de 30% nos termos do art.º 2.º da Regulamentação Geral da Tabela de Taxas e Outras Receitas Municipais.

Paços do Concelho em Lisboa, aos 16 de Março de 1990

O Vereador
Luís Simões

Stockausen em Lisboa

O *duelo* entre Barbara Hendricks e Maria João Pires, e a presença em Lisboa de Stockausen, são dois dos principais aliciantes da temporada de concertos e espectáculos Abril/Junho da Fundação Gulbenkian.

O concerto que reúne a pianista Maria João Pires e a soprano Barbara Hendricks, inicialmente previsto para Outubro de 1989, realiza-se em 28 de Junho e nele serão executadas obras de Mozart e Schubert.

Karlheinz Stockausen vai ser a figura central dos "14º Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea", estando prevista a presença do compositor alemão-federal em Lisboa.

Para além de onze espectáculos diferentes dirigidos pelo autor, Stockausen dará três conferências e a sua obra será motivo para nove seminários.

Os "Encontros de Música Contemporânea" darão igualmente origem a um acontecimento inédito: uma instalação audiovisual no parque da Fundação, intitulado «Music in colourscape».

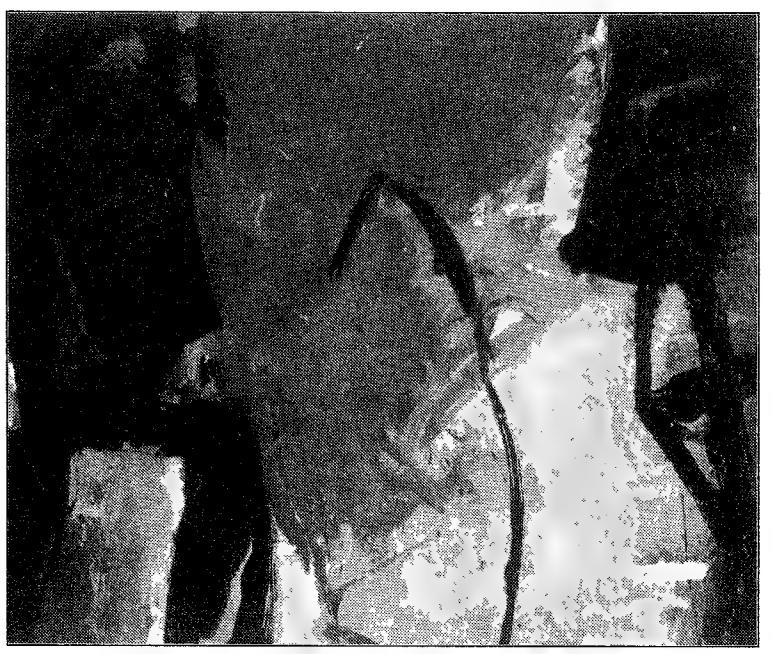
Na temporada de Abril/Junho, o Ballet Gulbenkian, dirigido por Jorge Salavisa, vai estrear uma nova coreografia de João Fiadeiro sobre música de Meredith Monk.

As presenças em Portugal dos maestros Claudio Scimone, Michel Corboz, Andreas Ligeti, Max Rabinovitsj e Ivan Fischer e ainda de Shlomo Mintz (violino), David Lively (piano), Cleveland Quartet (cordas), Yves Castagnet (orgão), Sergei Babayan (piano) e Ballet Frankfurt são outros dos atractivos da temporada. Estão igualmente previstas as presenças dos pianistas portugueses Pedro Burmester, Tania Achot, Adriano Jordão e Sequeira Costa.

Eleni Nicodemou é uma pintora grega, natural de Chipre, que vive e trabalha em Paris vai para treze anos. Depois da consagração na capital francesa e de várias exposições na Grécia, Suécia, Noruega, Jugoslávia e Alemanha Federal, trouxe a Lisboa duas dezenas de trabalhos (óleos e acrílicos), patentes até ao final do mês na Galeria Ygrego

Eleni Nicodemou

«Lumière sur le Chantier», técnica mista



«Oiseau de Fer», acrílico sobre tela

O percurso do sentido

É geralmente conhecida a dificuldade de trazer a Portugal artistas plásticos estrangeiros, designadamente quando se trata de nomes consagrados. Daí, o interesse que está a despertar a apresentação, em Lisboa, na Galeria Ygrego, dos mais recentes trabalhos de Pintura da cipriota grega Eleni Nicodemou, uma artista que expõe regularmente nas mais conceituadas galerias europeias e, em Paris (onde fixou residência), na conhecida Galeria Jacob.

Diplomada pela Faculdade de Ciências Económicas de Atenas, Eleni Nicodemou inscreveu-se em 1978 - um ano após a sua chegada a França - na Escola Nacional Superior de Belas-Artes de Paris, onde trabalhou com os professores Lagrange, Hadad e Nallard.

Em 1983 obtém o diploma de Pintura e de Gravura com a menção de "Muito Bom". Reside entretanto na "Cité International des Arts", em Paris, como bolseira do governo francês, entre 1981 e 1984.

Entre outras distinções, é designada, em 1986, como «Lauréate du Prix Matisse», pela Embaixada de França em Chipre.

Eleni Nicodemou participou, nos últimos dez anos, em mais de 40 exposições colectivas, a maior parte delas em França e as restantes na Grécia, Chipre, Jugoslávia, Noruega, República Federal da Alemanha e Bélgica.

A primeira apresentação individual das suas obras, ocorreu em 1982, justamente na Cité International des Arts, onde era então residente. Depois disso, um percurso que regista: em 83 uma exposição na "Galeria Gloria" de Nicósia (Chipre) e outra em Atenas, na Galeria «3»; em 1985 na «Maison des Beaux-Arts» de Paris; em 86, três exposições: duas em Chipre e uma na Grécia; igual número em 1988: duas em França (Paris e Caen) e a outra na Suécia; em 1989, de novo três exposições: Clermont-Ferrand (França), Atenas (Grécia) e Nicósia (Chipre); este ano, a primeira exposição de Eleni Nicodemou em Portugal (Galeria Ygrego, Lisboa).

É evidente que Eleni Nicodemou não é suficientemente conhecida no nosso país, mas também é verdade que a sua obra já vinha sendo cobiçada por vários coleccionadores portugueses, designadamente por Martins da Silva, que a propósito desta exposição da Ygrego, afirma que «Com uma barreira de algumas décadas, Eleni Nicodemou fez e está fazendo percurso semelhante ao de Vieira de Silva, se bem que com pontos de partida diferentes e, na verdade, quase a meio século de distância».

Mas Martins da Silva vai mais longe, ao relatar a forma como "descobriu" a pintura de Eleni, há cerca de dois anos, no decorrer de uma visita que fez à parisiense Galeria da Rua Jacob.

Diz Martins da Silva que «Uma só exposição bastou para considerar Nicodemou profissional de 1ª classe. Classificar a artista, apenas face a uma exposição, parecerá excesso de confiança, fanatismo ou ignorância no domínio das Artes Plásticas, nada disso. Excesso de confiança ou fanatismo não, porque se trata de uma artista bastante nova com caminho de cores fortes, movimento gestual que nos agrada, e grande sensibilidade. Movimentos bem ordenados, utilizando cores pessoais, bem conjugadas, harmónicos, que atraem até os menos bem preparados, o que é um passo importante para vencer a nossa expectativa (...) Em nosso entender, as suas obras, especialmente acrílicos, são admiráveis, cheias de vigor, exigindo respeito e consideração de quem as apreciar e, mais ainda, daqueles que as inserirem no seu ambiente diário».

O que diz a crítica

A Pintura de Eleni Nicodemou não poderia - evidentemente - passar despercebida em terras francesas, uma vez que a artista grega ali vive e trabalha há mais de uma dúzia de anos. Por essa razão, nada temos contra as opiniões que, sobre os seus trabalhos, têm nos últimos anos sido divulgadas em Paris.

Por exemplo, a crítica de Arte francesa Malvina Bompart teceu há cerca de um mês, a propósito de Eleni Nicodemou, considerações suficientes para o entendimento de uma obra.

«Face às pinturas de Eleni Nicodemou - escreve Malvina Bompart - as raízes gregas da palavra pintura se reactualizam. Com efeito, é essencial saber que o termo "zografiki" põe em relevo a dimensão vivida na pintura, como "écriture du vivant". A pintura como autobiografia, equivalente a um diário íntimo, mostra magistralmente toda a sua riqueza, como exemplo de Picasso. No fundo, seria integralmente artificial e absurdo querer ocultar sistematicamente a infiltração do quotidiano no simbólico, as suas ligações recíprocas».

E depois de se referir às diferentes fases por que passou a pintora grega (séries vermelha, branca e negra, por exemplo), Malvina Bompart sustenta que «Muito cedo na pintura de Eleni, o quadrado focaliza a geometria simples das cores estruturantes. Suspenso no vácuo ou em levitação, está em contradição com a densidade das asperezas desta geometria pictural, em contraste com os planos vizinhos que corrompem os seus contornos, numa fusão limítrofe e conexa (...) Depois, a geometria rigorosa tornada variável, ganhou em ligeireza, sem nunca perder a sua força inicial. Sempre um ponto de energia central, faixa de luz branca, ecrã e capa de relevo acidentado, eco de um Sol que aquece ao rubro as outras cores, até à sua explosão. Por sua vez o quadrado explode, torna-se triângulo, figura muito mais percutante, que os seus homólogos ora escondem, descobrem, afundam, percorrem».

Por fim, a crítica de Arte que temos vindo a citar afirma, sobre a pintuta de Eleni Nicodemou, que «Nos antípodas da estética, a cartografia do quadro faz o sismógrafo do vivido, a sua morfologia revela a verdade da "Aesthetique". O trabalho dos sentidos sobre o sentido».

Vale a pena - dizemos agora nós - passar pela Galeria Ygrego (Av. António Augusto de Aguiar, 13-C), quanto mais não seja para admirar as vinte telas de Eleni Nicodem

Rodrigues Borges

GREVE DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

Face ao pré-aviso de greve apresentado à ANA, E.P. — Aeroportos e Navegação Aérea, pelo SINCTA — Sindicato dos Controladores de Tráfegop Aéreo — que levará à paralisação parcial do transporte aéreo em Portugal, entre os dias 22 e 27 de Março de 1990, no período das 10.00 às 14.00 horas, a TAP AIR PORTUGAL vê-se assim obrigada a introduzir algumas alterações na sua operação.

Pedimos a todos os passageiros o favor de contactarem os escritórios da TAP AIR PORTUGAL mais próximos, no sentido de obterem informações sobre os novos horários de partidas e chegadas dos voos sujeitos a alteração.

TAP AIR PORTUGAL
DIRECÇÃO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

Carlos Araújo lança-se na «Terramar»

«Terramar» é o nome da nova aposta editorial de Carlos Araújo, e o Clube de Jornalistas foi o local escolhido para a apresentar.

Fundador e, até há poucos meses, director literário da «Teorema», este conhecido profissional do livro considera, pela sua parte, aquele projecto esgotado. Mas para ele, isto só faz sentido em termos de edição. Daí, encontrar em Fernando Silva (director de produção), João Varão Lopes (director comercial) e José Miguel Ferreira (gerente) a capacidade para lançarem o novo desafio.

«Onde está Wally?», é o título aperitivo do catálogo da Terramar, e a que o «DL» já fez referência. À parte isto, o catálogo - ambicioso - conta lançar no mercado, até ao fim do ano, mais oito colecções. Privilegiando a ficção (porque os editores, salvo poéticas excepções, continuam a adiar a poesia), a Terramar propõe-se, para já, continuar a divulgar os autores norte americanos que Carlos Araújo lançara na anterior chancela e que para esta, naturalmente, não quis revelar.

Disse apenas, que «A organização Bellarosa», de Saul Bellow, é o primeiro título para a colecção com o nome da nova editora. Os autores de ficção destinada aos jovens adultos, como prefere dizer o autor do projecto, farão parte da Rosa dos Ventos. Uma selecção de contos de Ana Castro Osório inaugura a literatura para crianças, Abracadabra. O romance de aventuras terá lugar na colecção do mesmo nome, constiuindo-se a "Sete Partidas" pelos relatos das grandes viagens empreendidas pelos portugueses. «Inventar o homem», de Albert Jacquard, e «O fim da natureza», de Bill McKibben, são os títulos para a colecção 2001, numa tentativa de fazer o balanço do século a partir de temas de diferentes áreas: a sobrevivência ecológica, por exemplo, sem esquecer o confronto audiovisual.

Como o próprio título indica, ainda que provisoriamente, a colecção «Margens da História» tratará temas marginalizados, como "O amor e a sexualidade", apresentado por Georges Debuy.

No entanto, este catálogo de intenções da Terramar, apenas a dois meses da Feira do Livro, não define uma política editorial que lhe permita estar presente na única manifestação editorial colectiva, deste país.

Jorge Fallorca

Rui Vasco

Ontem na, Aula Magna, o público armou-se em compositor...ou foi convidaddo a armar-se em tal por Miguel Graça Moura. Foi o tal "concerto insólito" que, em termos de presença de público resultou: a sala estava cheia e esteve participativa. A Sinfonia do Novo Mundo, de Dvorak, foi interpretada normalmente. Onde o público foi convidado a entrar em cena foi na interpretação de duas obras do próprio maestro regente. Com elas concluiu-se o concerto, o qual reuniu cerca de cem músicos provenientes de orquestras várias. Voltando ao público diga-se que nele se incluía o ministro da Educação, o secretário de Estado da Cultura, Maria Barroso e Maria Cavaco Silva

«Salada» sai de cena na Cornucópia

Termina já no próximo domingo dia 25, a carreira do espectáculo «Salada», que o Teatro da Cornucópia tem vindo a apresentar no Teatro do Bairro Alto.«Salada» é uma peça inesperada e que sai dos hábitos da Cornucópia. Construída não a partir de textos de teatro mas sim a partir de textos dos números tradicionais dos palhaços de circo, este espectáculo consiste num trabalho colectivo de encenação dos actores da companhia.

Através desses textos simples, esquemáticos, que tanto dizem à memória afectiva de cada um, a companhia levantou um espectáculo divertido, uma brincadeira que acaba por se tornar num elogio poético do trabalho do actor.Tanto a crítica como o público tem tornado este espectáculo num dos maiores êxitos da companhia. Todavia, a «Salada», que também tem sido vista por numeroso público bastante jovem, vai sair já de cena para permitir a preparação de novo espectáculo, de acordo com a programação da Cornucópia.

Em «Salada» intervêm: Adriano Luz, António Fonseca, Cristina Cavalinhos, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Márcia Breia e Rogério Vieira. A montagem e a tradução dos textos é de Luís Miguel Cintra e o cenário de Cristina Reis.

Até 25 de Março no Teatro do Bairro Alto (Rua Tenente Raul Cascais, 1-A), de 5ª a sábado às 21.30, domingo às 16 horas, terças e quartas-feiras matinées especiais para escolas.

Museus e palácios encerram nos próximos feriados

Os trabalhadores dos Museus e Palácios decidiram fazer greve em todos os feriados nacionais e municipais, até que seja solucionado o problema dos horários.

Em comunicado emitido após uma reunião efectuada recentemente, o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Ilhas refere que esta decisão foi tomada face à «falta de resposta do secretário de Estado da Cultura a um pedido de entrevista que lhe foi dirigido».

Na citada reunião foi ainda decidida a deslocação de representantes dos trabalhadores dos Museus e Palácios ao gabinete de Pedro Santana Lopes, a fim de exigir a marcação de uma entrevista.

O Governo pretende abrir nos dias feriados os Museus e Palácios na sua dependência, o que é motivo de contestação por parte dos trabalhadores.

Esta medida deveria ter sido iniciada em 27 de Fevereiro (terça-feira de Carnaval), mas uma greve dos trabalhadores impediu a abertura dos referidos museus e palácios.

Francisco Paraíso

Actuou ontem, na Comuna, o Quinteto António Ferro, constituído por António Ferro (baixo eléctrico), Claus Nymark (trombone), Eduardo Santos (trompete), João Courinha (saxone alto, tenor e WX 11) e João Paulo "Paleka" (bateria). Palavras comuns a todos: «Pretendemos criar uma forma de arte viva...»

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

SECRETARIA

AVISO

RECONVERSÃO DE ZONAS DE CONSTRUÇÃO CLANDESTINA

A existência de diversas zonas de construção clandestina na área do Concelho de Odemira constitui um problema que a Câmara Municipal pretende resolver, socorrendo-se para o efeito dos estudos do Plano Director Municipal, que se encontra em curso.

O Departamento Técnico da Câmara Municipal está a proceder ao levantamento das zonas de construção clandestina, nomeadamente:

a) Freguesia de Vila Nova de Milfontes
- — Freixial
- — Lagoa dos Gansos
- — Brunheiras / Foros do Galeado
- — Brejo das Figueiras
- — Pousadas Velhas
- — Foros da Pereira
- — Pereirinha
- — Malhadinhas

b) Freguesia de Zambujeira do Mar
- — Brejo da Lagoa

Para as zonas referidas foram estudadas e aprovadas normas especiais e está a incentivar-se a criação de Associações de proprietários.

Para que sejam obtidos os melhores resultados solicita-se a colaboração de todos os interessados (proprietários, arrendatários, promitentes compradores e titulares de outros direitos, ónus, encargos ou responsabilidades) para apresentarem até ao dia 31 de Março de 1990 na Câmara Municipal de Odemira os documentos comprovativos dos direitos que reclamam sobre as parcelas.

De salientar que não serão aceites os documentos que sejam entregues em data posterior a acima mencionada, sendo os respectivos interessados excluídos dos Planos de Reconversão Urbanística que venham a ser elaborados.

Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, vinde e dois de Fevereiro de mil novecentos e noventa.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Justino Abreu dos Santos

DESPORTO

Mónaco e Colónia: em frente

Ontem realizaram-se dois encontros respeitantes à ronda ueferia que hoje prossegue em 9 palcos europeus e que amanhã terminará com a realização do confronto entre os italianos do Sampdoria e os suíços do Grasshopper para a Taça das Taças.

Para as «Taças» o Mónaco eliminou o Valladollid com muita dificuldade já que o encontro terminou com o zero-zero no «placard» (repetição do resultado da primeira «mão») havendo necessidade de recorrer à marcação de grandes penalidades com os monagascos a converter três, enquanto os espanhóis se ficaram por um único remate certeiro.

Para a Taça UEFA, o Colónia resistiu, no recinto do Antuérpia, empatando a zero e, porque no anterior confronto tivesse vencido por 2-0, segue em frente na competição.

Vejamos o quadro da eliminatória:

Taça dos Campeões

	1.ª mão	2.ª mão
Dnepr Dneprpropetrovsk (URSS) - Benfica (Portugal)	0-1	
Olympique de Marselha (França) - CSKA Sredets (Bulgária)	1-0	
PSV Eindhoven (Holanda) - FC Bayern de Muchen (RFA)	1-2	
AC Milan (Itália) - FC Malines (Bélgica)	0-0	

Taça das Taças

Mónaco (França) - Valladolid (Espanha)	0-0	0-0 (a)
Admira Wacker (Áustria) - Anderlecht (Bélgica)	0-2	
Partizan (Jugoslávia) - Dínamo de Bucareste (Roménia)	1-2	
Grasshopers (Suíça) - Sampdoria (Itália)	0-2	amanhã

Taça UEFA

FC Antuérpia (Bélgica) - FC Koln (RFA)	0-2	0-2
Juventus (Itália) - Hamburger SV (RFA)	2-0	
Auxerre (França) - Fiorentina (Itália)	0-1	
Werder Bremen (RFA) - FC Liège (Bélgica)	4-1	

(a) Mónaco apurado após a marcação de grandes penalidades (3-1).

Por cá

Farense segue na «Taça»

Fazendo mais uma demonstração do momento excepcional de todo o seu elenco, o Farense venceu, ontem, no Estádio de S. Luís, o União da Madeira, por 2-0, passando aos quartos-de-final da Taça de Portugal, onde terá como opositor o Valonguense. Eis a ficha do jogo:

FARENSE: Lemajic; Eugénio, Orlando, Luisão e Nelo; Sérgio Duarte, Helinho (Vitinha, 75) e Ademar; Pitico (Marco, 78), Fernando Cruz e Ricardo.
Golos — Sérgio Duarte (42) e Pitico (55).

UNIÃO: Valente, Nelinho, Jorge Costa, (Renato, 51), Perduv e Casimiro; Ricardo Jorge; Jairo,Markovic e Hajri (Rogério, 72); Edilson e Monteiro.

Árbitro: Vítor Pereira (Lisboa), que mostrou o cartão amarelo a Edilson, Pitico e Fernando Cruz.

A próxima eliminatória realiza-se no próximo dia 28 (quarta-feira) e integra os seguintes confrontos: Vitória de Guimarães-Maia e Farense-Valonguense.

Magnusson, Aldair, Thern e Valdo : pedras basilares da estrutura benfiquista

O «DL» na Ucrânia com o Benfica

Eriksson tranca a porta

Do nosso enviado especial

«Se todos jogarem como sabem, podemos ganhar o jogo e seguir em frente». Autor do conceito: Sven Eriksson. É isso. Se Valdo abrir o livro, se Jonas Thern ressurgir na plenitude das suas potencialidades físicas, se Silvino não se deixar surpreender por qualquer veleidade protagonizada pelo perigoso Son e seus pares; se José Carlos e Veloso guardarem bem as alas; se Aldair e Ricardo evidenciarem o somatório das suas capacidades, montando forte dique na frente do companheiro das balizas, se Hernâni montar o «trinco» na zona certa; se Paneira continuar no ritmo mostrado nos tempos mais recentes; se Lima finalmente despontar as credenciais que o empresário Manuel Barbosa teima em apregoar e se Magnusson não vergar perante o demolidor «massacre» que irá ser alvo, teremos como certo que o Benfica estará representado por Luís Tadeu, Jorge de Brito e Gaspar Ramos no sorteio da próxima sexta-feira.

Conclusão: ao Benfica bastará que todos joguem o que sabem. É essa a convicção do técnico Eriksson com aval de todos nós. O espírito que reina entre os jogadores, técnicos, dirigentes, jornalistas e dos 154 portugueses que connosco viajaram até a esta longínqua Ucrânia, é de que em termos de aptidões técnicas e de craveira futebolística, o conjunto benfiquista é francamente superior aos seus parceiros do Dniepr e se existissem dúvidas, bastaria atentar na demonstração evidenciada no passado dia 7, no palco da Luz, onde faltou que essa superioridade fosse materializada. Hoje poderia ser um dia de calma e santa Primavera...

Naturalmente que, quando nos referimos ao ambiente de confiança, que gira em torno de toda a comitiva lusa, não se pense que os benfiquistas pensam em «favas contadas» porque não ignoram a real capacidade do opositor e Sven Eriksson tem sido um dos mais moderados nas afirmações feitas, quer aos jornalistas portugueses quer aos demais aqui presentes. A propósito da imprensa soviética, diremos que ela está dando bastante importância ao acontecimento que dentro de escassas horas (16 em Portugal, 19 aqui) ocorrerá no Estádio Meteor, perante 35 mil testemunhas «in loco» e milhões de soviéticos e portugueses e isto porque, o encontro será transmitido directamente para aqui e para Portugal. As negociações entre os dirigentes do Dniepr e a RTP foram concluídas com êxito e o amigo leitor pode preparar-se para assistir ao espectáculo.

O guarda-redes Silvino é dos mais optimistas e não se mostra minimamente preocupado quanto ao labor que o espera. *«Creio que este encontro poderá significar o retorno do Benfica às boas exibições. Muita gente tem insistido na incorrecção de que o Benfica atravessa uma fase negativa, e esta tarde todos nós pretendemos demonstrar o inverso. Somos uma equipa confiante e vamos demonstrá-lo».* Um optimismo partilhado pelos demais parceiros do bloco rubro. É bom que assim seja. Pela minha parte e pelo que tenho escutado, não receio enfileirar no grupo dos mais optimistas, mas desde que os jogadores façam como diz Eriksson: joguem o que sabem.

•

O técnico Eriksson teima em não revelar o onze inicial mas nas «entrelinhas» das suas afirmações, imagina-se que vai procurar segurar, com toda a cautela, o golito que traz na bagagem e que é quanto basta para seguir em frente. Mas não pense o leitor de que irá implantar um estilo «Rierista» com trancas colocadas na frente da porta de Silvino. A avaliar pelo que vimos na «peladinha» de ontem e porque Silvino na guarda das redes, José Carlos e Veloso na «fiscalização» das alas sejam elementos com «lugar cativo» o Resto do xadrez deverá figurar do seguinte modo: Ricardo ocupará o lugar de central de marcação, Aldair reocupa o sector do «libero», e na frente dos centrais, mais dois elementos (Hernâni e Jonas Thern), mais adiante no apoio a Magnusson (ele será o ponta-de-lança) Paneira do lado direito e Valdo e Lima no pólo oposto. Um esquema de preocupação com a esperança de que o genial Valdo e o reencontrado Lima (Paneira terá ordem para não entrar em aventuras), tenham um ou mais rasgos de engenhos, arte e talento. O plano-Eriksson parece fincado na agressividde a meio campo. Compreende-se porquê. Voltando aos soviéticos também eles estão confiantes de que o seu «team» reúne o cabedal bastante para eliminar o lendário Benfica e Viktor Shapolov (secretário técnico do clube) é peremptório na convicçãop de que a passagem à fase seguinte é possível. Diz ele: *«Não tenho dúvidas de que a passagem à fase imediata da prova está ao nosso alcance, mesmo compreendendo que a tarefa é muito difícil porque o Benfica é um dos mais fortes clubes mundiais».*

Ontem os dirigentes do Benfica fizeram questão de convidar os 22 jornalistas que aqui se deslocaram, para se sentarem à volta da sua mesa, num gesto a que o executivo de João Santos nos tem vindo a habituar. Como «convidado especial» esteve o presidente do Portimonense (Manuel João). Foram momentos de boa disposição que serviram para cimentar as boas relações entre dirigentes e jornalistas, e João Santos fez questão de enaltecer a maneira fidalga como os dirigentes do Dniepr receberam a comitiva benfiquista. O nosso companheiro, Homero Serpa («A Bola») falou por todos nós. Palavras de circunstância para agradecer a simpática atitude das gentes da colectividade da águia.

Na tarde de ontem os jogadores deram uma volta pela cidade e por lá ficaram alguns dólares.

Meus amigos, o jogo vai começar. Que seja um jogo de Primavera para todos nós. Amanhã quero aqui enaltecer mais uma «epopeia» do clube que Cosme Damião fundou no dia 28 de Fevereiro de 1904.

Neves de Sousa

Equipas prováveis

DNIEPR: Gorodov; Yudin, Guerachenko, Sidelnikov e Lediakov; Kudritsky, Bagmut, Kulish e Benko; Son e Zhidkov.

BENFICA: Silvino; José Carlos, Ricardo, Aldair e Veloso; Hernâni e Thern; Vítor Paneira e Valdo; Lima e Magnusson.

TORRES da BELA VISTA
(Planalto S. António dos Cavaleiros) Lisboa Informações: 988 0646/0489
TORRES do SADO
Setúbal Informações: 065 721144
Compre o seu apartamento de 2, 3 ou 4 assoalhadas
Preços baixos e entradas facilitadas. Empréstimo tratado por nós junto C.G.D.
ESTIL ESTUDOS, INVESTIMENTOS E URBANIZAÇÃO, S.A
TETRA CONSTRUÇÃO, S.A
TRIGERE GESTÃO IMOBILIÁRIA, Lda.

Arrasta-se uma solução

Câmara de Cascais «versus» Autodril

Charles d'Argent, presidente da Câmara Municipal de Cascais, admitiu a hipótese de este município ceder o Autódromo do Estoril para a realização de duas corridas do «Nacional» de Velocidade. «Embora não haja nada falado nesse sentido, admitimos a hipótese de cedermos ao Automóvel Clube de Portugal os dois eventos que temos direito de organizar no autódromo», disse à Agência Lusa o presidente da edilidade.

A cedência teria como objectivo proporcionar condições para a realização do Grande Prémio de Portugal de Fórmula Um, marcado para Setembro, mas Charles d'Argent colocou como condição «ser o ACP a propô-la». Um protocolo assinado em 1984, entre a CMC e a Autodril (proprietária do Autódromo do Estoril) confere ao Município de Cascais o direito de utilização da pista para a realização de quatro acontecimentos anuais, dois dos quais têm sido o Grande Prémio de Portugal de Fórmula Um e a 1.ª classificativa do Rali de Portugal. Estas duas provas são (contudo) organizadas pelo ACP, que, para isso, beneficia da cedência por parte da Câmara de Cascais do direito de utilização do Autódromo do Estoril, mantendo esta entidade a possibilidade de realizar mais dois eventos por ano, no circuito.

Após sucessivas reprovações de projectos turísticos para «rentabilizar» o autódromo, a Autodril proibiu a realização das corridas do «Nacional» de Velocidade e dos Troféus Monomarca na única pista permanente portuguesa, levando o ACP a abdicar do direito da sua utilização para o Rali de Portugal, disputado na semana passada.

O ACP transferiu a «superespecial» do rali para o Jamor e ameaçou cancelar o Grande Prémio de Portugal de Fórmula Um, impondo o dia 11 de Março, data do início do «Mundial» da especialidade, como prazo limite para a resolução da questão. Contudo, apesar de o prazo imposto pelo ACP já ter sido ultrapassado, ainda não é conhecida a sua posição definitiva, uma vez que o seu presidente (César Torres) está em Paris, em reuniões no âmbito da Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA), da qual é vice-presidente.

Além deste conflito, a Autodril viu, recentemente, o Tribunal de Cascais negar provimento a uma acção que movera contra a CMC, onde era pedida a anulação do protocolo assinado com o município, mas a proprietária do autódromo já anunciou a intenção de recorrer da sentença para o Tribunal da Relação de Lisboa.

«Como o ACP não utilizou o autódromo para o Rali de Portugal deste ano, pode servir-se dele para qualquer outro acontecimento, além do Grande Prémio de Fórmula Um» — disse o presidente autárquico de Cascais, acentuando que nada está ainda decidido quanto ao direito tido pelo município para utilização da pista em mais duas ocasiões. Charles d'Argent acrescentou não duvidar «que se tenha de realizar o Grande Prémio de Portugal, pois, como o protocolo se mantém e é válido, a Autodril tem de ceder o autódromo para a CMC fazer o que entender». O presidente do Município de Cascais frisou (ainda) acreditar na necessidade de o conflito terminar através de um «acordo a conseguir fora dos tribunais», considerando que «as 'guerras' apenas prejudicam as instituições e o desporto».

Autodril: posição

Ao mesmo tempo, a Administração da Autodril, em resposta à sentença do processo que a opõe à Câmara Municipal de Cascais, difunde o seguinte comunicado:

«Acabou de ser proferida a sentença no processo que opõe a Autodril à Câmara Municipal de Cascais, em que era pedida a rescisão do protocolo celebrado entre as duas partes em Junho de 1984.

«Este protocolo (como é conhecido) estabelecia no essencial a utilização pela câmara quatro eventos desportivos, entre os quais o Rali Vinho do Porto e o Grande Prémio de Fórmula 1.

«A decisão do tribunal dá largamente como provados os factos em que a Autodril fundamentou a sua acção e, nomeadamente, que a Autodril construiu o autódromo entre 1967 e 1972, sem qualquer subsídio; que as obras de reconstrução das pistas que a câmara se obrigara por aquele protocolo foram objecto de cumprimento defeituoso; concluídas aquelas obras com custos financeiros muito acima dos previstos no protocolo; e que a câmara propôs ao Governo a expropriação do autódromo após deliberação da sua marcação (em 10 de Dezembro de 1984), seis meses depois da assinatura do referido protocolo.

«Contudo, não retirou o tribunal destes factos as consequências que a Autodril continua a entender que delas seria lógico retirar. Ou seja: o seu direito de ver rescindido por justa causa aquele protocolo.

«Entendeu o tribunal que o pedido de expropriação 'não passou de uma proposta' e, como tal, não alcançou resultados práticos que fossem susceptíveis de inviabilizar a vida e os efeitos do contrato. Se é verdade que a proposta não foi viabilizada pelo Governo e se o protocolo não sobreviveu, o facto é que a câmara fez tudo o que podia para obter a expropriação e como tal para 'matar' o protocolo. Assim (e, no entender da Autodril) o tribunal terá absolvido a câmara do atentado cometido contra o protocolo só porque o 'crime' não foi consumado, ainda que por razões inteiramente alheias àquela câmara.

«Neste enquadramento a Autodril não pode deixar de confirmar o seu entendimento de que houve violação do protocolo e do direito que lhe assiste de, por esse motivo, rescindir o contrato, pelo que não se conformará com a decisão agora conhecida, e dela irá recorrer para o Tribunal da Relação de Lisboa.»

Andebol: campeonato escolar

Miúdos de Estarreja com «melhor nota»

A Escola Secundária de Estarreja foi a vencedora do Campeonato Nacional Escolar de Andebol (juvenis masculinos), cuja fase final decorreu no passado fim-de-semana na cidade de Tomar.

Esta foi a primeira grande realização do Gabinete Coordenador do Desporto Escolar do Ministério da Educação, tendo a (impecável) organização local pertencido à Escola Preparatória n.º 1 de Tomar. Colaboraram igualmente o Hotel dos Templários, a Comissão Regional de Turismo dos Templários e a Câmara Municipal de Tomar.

Participaram nesta fase final as escolas secundárias Rodrigues de Freitas (Porto), Estarreja, Pedro Nunes e Diogo de Gouveia (Beja), vencedoras das fases zonais do Norte, Centro, Grande Lisboa e Sul, respectivamente. Antes destas fases mais selectivas, tinham dado provas na fase distrital (concelhia e final) e nas competições interturmas, num total de mais de 300 equipas.

Presenciaram as partidas que se realizaram no Pavilhão Municipal de Tomar o prof. Mirandela da Costa (director-geral dos Desportos), Luís Santos (presidente da FP Andebol) e o prof. Eduardo Monteiro (assessor do ministro da Educação), juntamente com muito público a quem foi do apreciar andebol de boa qualidade e nível técnico elevado. Tudo acabou por se decidir nos últimos momentos do derradeiro encontro. Como dissemos no início, a sorte acabou por sorrir aos jovens de Estarreja, seguindo-se-lhe os portistas de Rodrigues de Freitas, os lisboetas do Pedro Nunes e dos alentejanos de Diogo de Gouveia.

Num encontro em que o convívio foi o principal, podemos considerar que todos foram vencedores. No entanto, só os campeões nacionais escolares vão marcar presença no Campeonato Mundial Escolar que se vai disputar em Israel, entre 1 e 8 de Abril próximo.

Jorge Marques

Contas do Porto e do Benfica

Adeptos do FC Porto e do Benfica estão em fase de contas, com os portistas na convicção de que os três pontos de avanço (42 sobre 39) são o bastante para que o Artur Jorge conduza os seus comandados ao trono, enquanto os benfiquistas alimentam (muito legitimamente) a esperança de que os «dragões» venham a baquear nos palcos de Braga ou Santo Tirso, na Madeira ou no Restelo e até em Guimarães. Acrescentemos que, para o Benfica passar para o comando da pauta, terá de não ceder qualquer ponto e esperar que o Porto perca quatro e isto porque, no conjunto dos dois confrontos entre si, a vantagem (triunfo nas Antas e empate na Luz) é dos portistas.

Para melhor facilitar as «continhas» de uns e outros, aqui lhes deixamos o que resta para completar a prova:

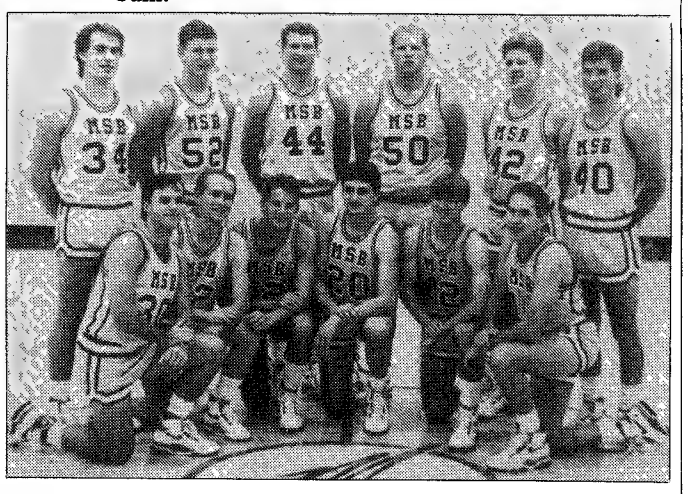
	FC PORTO		BENFICA	
Jornada	Casa	Fora	Casa	Fora
25		Sp. Braga	Sporting	
26	Feirense		D. Chaves	
27		Tirsense		Marítimo
28	Boavista		Sp. Braga	
29		União		Feirense
30	E. Amadora		Tirsense	
31		Belenenses		Boavista
32	V. Setúbal		U. da Madeira	
33		V. Guimarães		E. Amadora
34	Beira-Mar		Belenenses	

B R E V E S

Basquetebol: MSB entre nós

Encontra-se em Portugal a equipa de basquetebol do Instituto Multnomah, de Portland (EUA) Multnomah Sports Ambassadors, que defrontará as equipas do Barreirense (amanhã), Belenenses (dia 24) Galitos de Aveiro (25), FC Gaia (27) e a Assoc. Avenesses de Santo Tirso (31), participando no torneio da Póvoa de Varzim que decorrerá nos dias 28 e 29 do corrente.

Esta é a segunda digressão que os Ambassadors efectuam em Portugal já que a primeira foi realizada em 1984 tendo defrontado o Queluz, Benfica, Ovarense, Francisco da Holanda, FC Porto, Sangalhos e Illiabum.



Torneio de ginástica do Ginásio Clube Português

Os principais ginastas portugueses dos escalões masculinos e femininos vão participar, no próximo fim-de-semana, no IV Torneio de Ginástica Desportiva do Ginásio Clube Português.

Integrada nas comemorações do 115.º aniversário do Ginásio Clube Português, a prova terá lugar nas instalações do clube, em Lisboa, e conta com o apoio da Federação Portuguesa de Ginástica.

Participam na competição atletas do Futebol Clube de Gaia, do FC Porto, do Ginásio Clube do Sul e do Lisboa Ginásio Clube, para além de equipas do GCP.

Seis mil crianças fazem desporto

Cerca de seis mil crianças do distrito de Coimbra estão a praticar desporto regularmente, no âmbito de um programa dinamizado pela Delegação da Direcção-Geral dos Desportos (DGD).

A iniciação à prática de diversas modalidades e actividades de animação desportiva são as principais áreas do programa, que se estende actualmente a 11 dos 17 municípios do distrito.

A contribuição da DGD traduz-se em apoio técnico, cedência de material desportivo às escolas e na gestão de espaços para a prática desportiva. O programa conta igualmente com o apoio da Direcção Escolar de Coimbra, clubes, autarquias, associações de várias modalidades, estabelecimentos de ensino e associações de pais.

Galina Tchistiakova atleta do ano na URSS

Galina Tchistiakova, campeã e recordista mundial de salto em comprimento, foi eleita a Atleta do Ano na URSS. O júri do concurso, organizado pela revista moscovita «Liogkaia Atletica», deu-lhe a preferência por ter vencido todos os torneios em que participou no ano passado: Campeonatos da Europa e do Mundo de Inverno, Taça da Europa e do Mundo de Verão e as finais do Grand Prix.

Natural de Ismail, no mar Negro, filha de um navegador de longo curso, Galina iniciou aí a prática do atletismo sob a orientação de Tatiana Mardachova, técnica da escola desportiva infantil, que hoje treina também a sua filha de 7 anos de idade.

Possuidora de uma técnica perfeita de salto e de um estilo muito próprio, a atleta soviética pouco tem em comum com as suas mais directas rivais, Drechler e Joyner. A primeira é uma alemã da RDA, loira, alta, de pernas compridas, que desenvolve uma grande velocidade; Joyner é uma negra norte-americana forte com a morfologia ideal de uma saltadora. Ao lado destas, Galina parece uma miúda, o que não invalida que o recorde mundial da soviética (7,52) seja uma marca que não está facilmente ao alcance das duas concorrentes.

Além de recordista do salto em comprimento, a atleta soviética aposta forte no triplo salto feminino, onde detém a marca de 14,52 metros.

I Série N.º 67
Dia 21 de Março
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 9/90:
Situação financeira da LISNAVE.

Ministério das Finanças

Declaração:
De terem sido autorizadas alterações no orçamento do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto-Lei n.º 101/90:
Procede à reformação das estruturas representativas das comunidades portuguesas, criando conselhos de país, o Conselho Permanente e o Congresso Mundial das Comunidades Portuguesas.

Decreto n.º 6/90:
Aprova, para ratificação, o Acordo de Transoporte Aéreo entre o Governo da República de Portugal e o Governo da República Helénica.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 209/90
Aprova o Programa Nacional de Produção de Materiais de Propagação Vegetativa.

Portaria n.º 210/90:
Dá nova redacção ao n.º 3.º da Portaria n.º 242/89, de 1 de Abril, que define o processo de atribuição das indemnizações compensatórias.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 102/90:
Disciplina o regime de licenciamento do uso privativo dos bens do domínio do Estado e das actividades desenvolvidas nos aeroportos e aeródromos.

Ministério do Comércio e Turismo

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério para o ano de 1989, no montante de 103.375 contos.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o teritório: - Céu por vezes muito nublado por nuvens altas. Vento geralmente fraco do quadrante Sul. Neblina matinal.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação Sueste de 2 a 3 netros na Costa Sul.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado e vento moderado de Sueste. Aguaceiros.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã: - Céu geralmente muito nublado e vento fraco a moderado de Leste, por vezes com rajadas.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Leste, soprando fraco no Funchal.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Céu geralmente muito nublado e vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Períodos de chuva fraca. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupos Central e Oriental: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco ou moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.

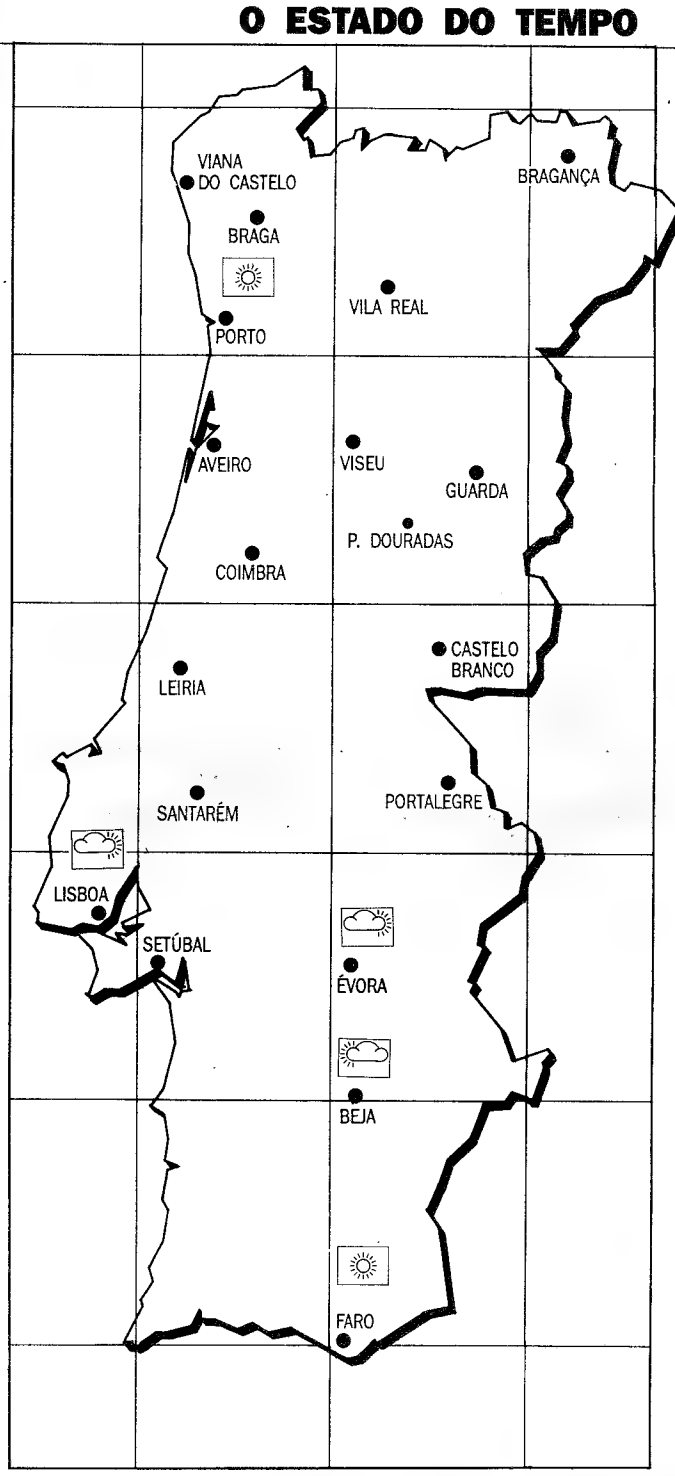
Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento moderado a forte de Noroeste. Aguaceiros fracos.

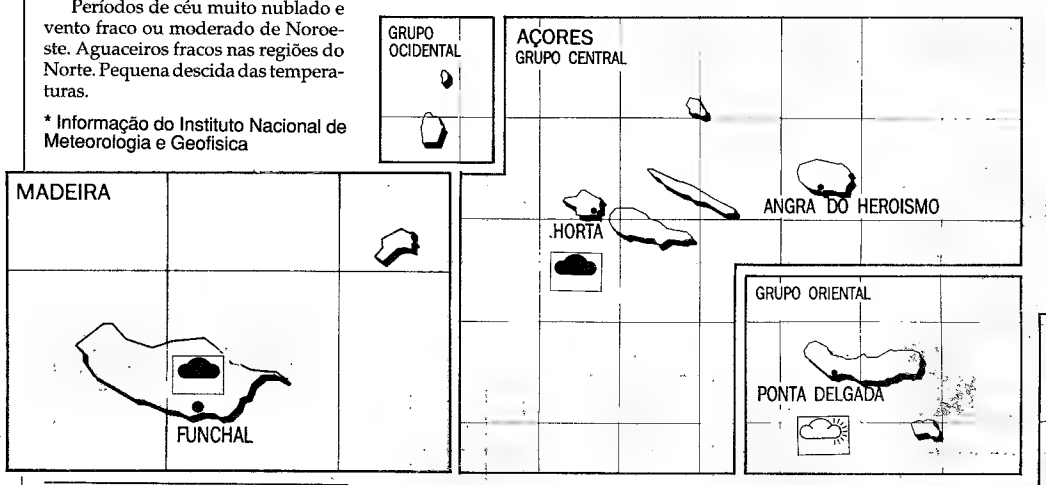
Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento moderado do quadrante Leste.

Amanhã
No Continente:
Céu geralmente muito nublado, especialmente por nuvens altas. Vento geralmente fraco do quadrante Leste. Neblina ou nevoeiro matinal. Pequena subida das temperaturas máximas.

Depois
No continente:
Períodos de céu muito nublado e vento fraco ou moderado de Noroeste. Aguaceiros fracos nas regiões do Norte. Pequena descida das temperaturas.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica





- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.07	2,6m	04.11	1,6m
23.29	2,9m	16.42	1,7m

Amanhã

—	—	05.28	1,4m
12.13	2,9m	17.48	1,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	7	7	M. nub.
V. Castelo	8	9	Neblina
Vila Real	8	8	P. nub.
Porto	9	9	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	10	10	Limpo
C. Carvoeiro	14	14	Limpo
C. Branco	13	13	P. nub.
Portalegre	15	15	Limpo
Lisboa	12	12	Neblina
Évora	13	13	P. nub.
Beja	10	11	P. nub.
Sines	12	12	M. nub.
Faro	13	15	Limpo
Sagres	-	-	-
P. Delgada	14	14	Neblina
Horta	13	14	M. nub.
Funchal	23	25	M. nub.

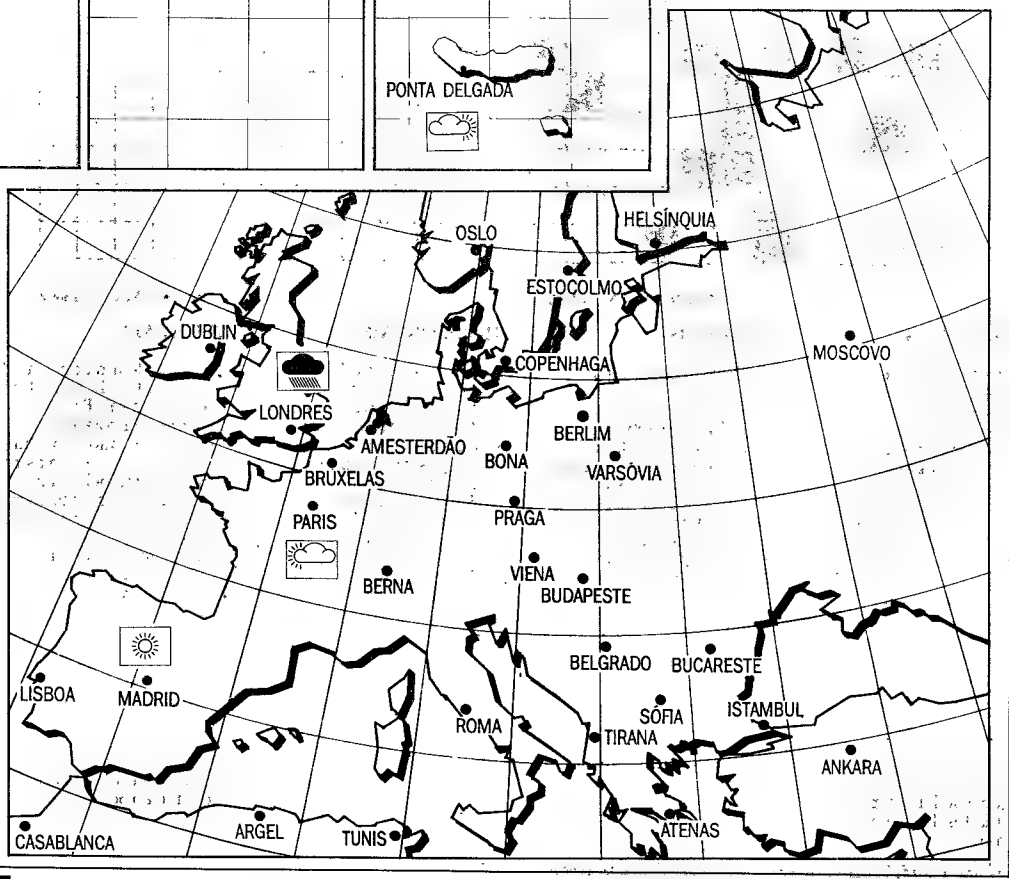
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 24; Faro, 21; P. Delgada, 19; Funchal, 27.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	5	5	Limpo
Londres	11	12	Chuvisco
Paris	10	12	Neblina
Bruxelas	12	12	M. nub.
Amesterdão	9	12	Neblina
Genebra	6	6	Nevoeiro
Roma	5	5	Limpo
Oslo	5	6	Chuvisco
Copenhaga	5	6	Neblina
Estocolmo	2	4	Encoberto
Berlim	6	7	Neblina
Viena	11	11	P. nub.
Varsóvia	4	7	Neblina
Atenas	9	10	P. nub.
Moscovo	3	3	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	0	14	Limpo
Houston	5	23	Limpo
Los Angeles	14	28	Limpo
Montreal	-1	3	Limpo
Nova Iorque	2	11	Limpo
S. Francisco	10	21	Limpo
Toronto	-5	4	Limpo
Vancover	4	14	Aguaceiros
Washington	0	14	Limpo
Hong Kong	16	22	Limpo
Melbourne	11	24	Limpo
Pequim	7	13	Chuva
Perth	16	27	Limpo
Singapura	26	32	Aguaceiros
Sydney	15	25	Limpo
Tóquio	6	13	Limpo
Wellington	9	17	Aguaceiros



PESSOAS & FACTOS

KLM: 50 anos de voos para Portugal

Completam-se no próximo dia 2 de Abril cinquenta anos sobre a data do primeiro voo da KLM na carreira Amsterdão-Porto (Espinho)-Lisboa (Sintra), interrompida pouco depois por motivos relacionados com a II Guerra Mundial, que já nessa altura devastava a Europa. Antes da invasão alemã da Holanda, a companhia conseguiu transferir para Inglaterra parte da sua frota e muitos dos seus pilotos, passando a operar, a partir de Bristol e em regime de afretamento, para Lisboa e Gibraltar.

No período imediato ao final da Guerra, Lisboa tornou-se numa das principais plataformas da rede KLM, como escala regular nas carreiras para vários destinos de África e Antilhas.

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alto São João: Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; **Alvalade:** Alentejo, Av. Igreja, 28-B, Tel. 892682; **Anjos - Chile:** Antolin, Av. Almirante Reis, 88 B-C, Tel. 821773; **Av. República:** Cardote, Av. Visconde Valmor, 28 A-B-C, Tel. 772291; **Baixa - Coliseu:** Frazão, Rua Portas Santo Antão, 70-72, Tel. 8147019; **Beneficiência - Sete Rios:** Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; **Cemitério Ingleses:** Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; **Chelas - Liceu D. Diniz:** Lopes Cortez, Rua Rui Sousa, Lote 65-A, Loja B, Tel. 8596565; **Lapa .- Santos:** Eduardo A. César, Rua das Trinas, 102-A, Tel. 662631; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Santo Amaro - Calvário:** Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; **Brandoa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Ajuda: Moura, Travessa Memória, 55, Tel. 3630944; **Alcântara:** Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 72, Tel. 660187; **Areeiro:** Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B, Tel. 884941; **Benfica - Estação - Uruguai:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; **Camões:** Sanitas, Praça Luís Camões, 22-24, Tel. 322798; **Campo Grande:** Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732009; **Campolide:** Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; **Gomes Freire:** Salutar, Rua Conde Redondo, 9-B, Tel. 683694; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **São Sebastião:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 247785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 493870. Permanente; Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Até às 22 h; **Queluz:** André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 921482. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Pimenta, R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259, Tel. 2073012. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Matos Lopes, R. 1.º Maio, Lote 401, Tel. 2216355. Permanente; **Seixal:** Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213588. Até às 22 h; **Montijo:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 19 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

LOTARIA DA PÁSCOA PRÉMIO MAIOR CAMPIÃO

Um ano de produção na agricultura portuguesa

MENOS VINHO E MENOS FRUTA

A DIFUSÃO DO CONSUMO DE LEITE PELAS CRIANÇAS OBJECTO DE UMA CAMPANHA OFICIAL

MARCELLO CAETANO: OITO DIAS NOS AÇORES

Menos vinho e menos fruta

A quebra verificada em 1969 em algumas das produções mais importantes, nomeadamente de cereais praganosos, vinho e fruta, foi a principal característica do ano agricola português. A situação torna-se mais clara, se acrescentarmos que a referida quebra não foi compensada pelos acréscimos observados (também em 1969) na safra do azeite, nos produtos agrícolas e na criação de gado.

Caetano oito dias nos Açores

O sr. prof. dr. Marcello Caetano seguiu hoje, de manhã, em avião militar, para o arquipélago dos Açores, em visita particular. O sr. prof. dr. Marcello Caetano visitará todas as ilhas do arquipélago. Sábado, regressa a Lisboa.

Primavera com chuva

Não houve sol que acordasse o primeiro dia de Primavera. O anúncio da que convencionalmente se chama «a mais bela estação do ano» fez-se, isso sim, por uma chuva miudinha, incómoda, que nos obrigou a retomar capas e guarda-chuvas, perguntando-nos, surpresos, se teria realmente findado o Inverno. Claro que findou. E os dias primaveris virão com sol e alegria...

EFEMÉRIDES

1846

• Nasce, em Lisboa, o caricaturista e ceramista Rafael Bordalo Pinheiro.

1915

• Sai, em Lisboa, o primeiro número da revista «Orpheu», fundada por Luís de Montalvor, Fernando Pessoa e o poeta brasileiro Ronald de Carvalho.

1960

• Manifestações pan-africanas na África do Sul levam ao massacre de 57 manifestantes negros em Sharpeville e Windhoest, gerando uma onda mundial de protesto contra o «apartheid».

1980

• O presidente dos EUA, James Carter, recebe na Casa Branca, em Washington, cem atletas a quem apela ao boicote aos Jogos Olímpicos de Moscovo.

1981

• Na Polónia, o movimento sindical independente «Solidariedade» e o governo acordam em encetar conversações de emergência para suplantar a atmosfera de crise criada com os ataques da polícia aos membros da organização.

1983

• O Conselho da Europa anuncia que os EUA, Canadá e nove países da Europa, entre eles Portugal, assinaram, em Estrasburgo, a primeira convenção multilateral para o repatriamento de presos estrangeiros.

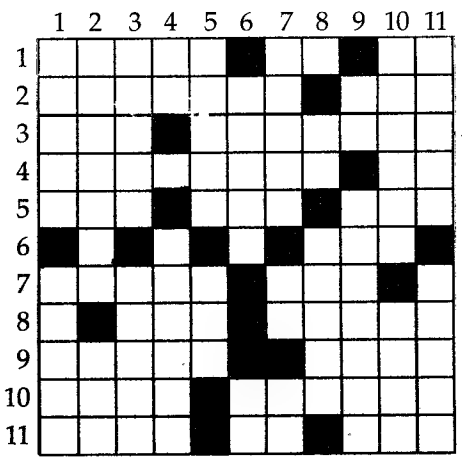
1985

• Após um debate de 17 horas, os ministros do Ambiente da CEE aceitam a introdução de novas normas para um carro europeu de baixa poluição.

1986

• Francisco Pinto Balsemão demite-se dos cargos de presidente da mesa do Congresso e de Conselheiro Nacional do PSD.

PALAVRAS CRUZADAS



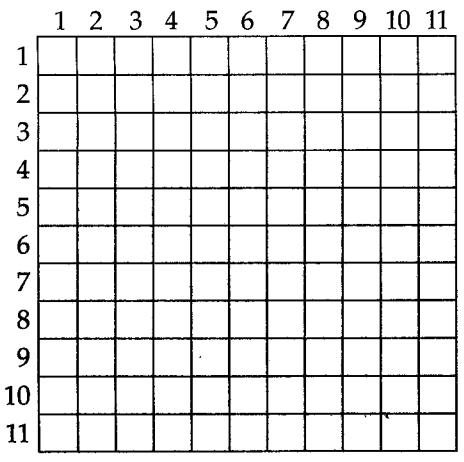
PROBLEMA N.º 17882

HORIZONTAIS:

1 - Aliado. Campeão. Preposição.
2 - Atravessaram. Preposição.
3 - Sufixo que designa pequenez. Afagar.
4 - Combateriam. Vossa Alteza.
5 - Espaço de doze meses. Romeiro de Meca. Em as.
6 - Termo.
7 - Grupos de três. Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos.
8 - Mil e cinquenta e um em romano. Talófita que vive nas águas ou nos sítios húmidos (pl.).
9 - Destituir. Aragem.
10 - Pico do distrito de Goa. O mesmo que dosar.
11 - Líquido que se separa do sangue e do leite depois de coagulados. Európio (s.q.). Dá mios.

VERTICAIS:

1 - Cidade de Espanha. Completos.
2 - Madrugar. Gavinha.
3 - Indignado. Obrigar a.
4 - Gálio (s.q.). Cultivador.
5 - Rezara. Senhor em inglês.
6 - Amante. Preposição.
7 - Guarnecei de ameias. Em a. Alternativa.
8 - Prefixo de negação. Exprimes por palavras.
9 - Pago (abrev.). Desconhecido.
10 - Faziam doação de. Lavrai.
11 - Vagueias. Rio de França.



PROBLEMA N.º 16692

HORIZONTAIS:

1 - Osso malar. Ídolo principal dos japoneses.
2 - Frutos silvestres. Anéis.
3 - Cozidos (ant.). Criada de servir.
4 - Preposição e artigo. Cair à cama.
5 - Rio da Suíça. Ice. Altar cristão.
6 - Nota musical. Nome de homem.
7 - Batráquio. Rádio (s.q.). Nome científico do pato.
8 - Frio intenso (Prov. trasm.). Arsénio (s.q.). Moderato.
9 - Tempo do verbo ir. Nome de astro.
10 - Carinhosa.
11 - O mesmo que ocre (mineral). Aves semelhantes às pombas.

VERTICAIS:

1 - Nome de um adivinho do Egipto. Caldo de arroz, temperado com sal (Bras.).
2 - Íntimo. Encolerizar.
3 - Gemer. Cidade do Chile.
4 - Nascimento de um astro. Palavra latina pela qual começam muito documentos pontifícios de interesse para Portugal.
5 - Punhado. Ordenar.
6 - Ataca. Moderato.
7 - Atmosfera. Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo.
8 - Na Argélia e em Marrocos, escola pública para crianças (Prov.). Chefe etíope. Nome que os egípcios davam ao Sol.
9 - Perfume. Solitários.
10 - Bateríamos em (fig.).
11 - Guarnecera de asas. Relativo ao Sol.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 881

HORIZONTAIS: 1 - AMARRAR. O. 2 - Babai. Brota. 3 - Atorar. As. 4 - Taras. Ari. 5 - Tia. MIV. AC. 6 - Sambo. Oiro. 7 - Rirá. Nua. 8 - Urano. At. 9 - Rematataram. 10 - Ru. Ramada. 11 - O. Oso. Remendo.
VERTICAIS: 1 - Abata. BURRO. 2 - Matais. Réus. 3 - Abortaram. 4 - Rara. Minar. 5 - Rias. Brotar. 6 - À. Moa. Ame. 7 - Rb. Mi. Aram. 8 - Ro. VONTADE. 9 - DO. Iú. Man. 10 - Tarara. 11 - Oásico. DONO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 691

HORIZONTAIS: 1 - Sabugal. Ulm. 2 - Animaram. Aí. 3 - Ias. Larápio. 4 - Atem. Grãs. 5 - Arrogara. 6 - Saco. Elara. 7 - Mas. La. Em. 8 - AC. Casaco. 9 - Coladas. Ror. 10 - Amas. Casa. 11 - Ias. Caretas. VERTICAIS: 1 - Saima. Sacai. 2 - Ana. Rs. Coma. 3 - Bisaram. Lãs. 4 - Um. Tocatas. 5 - Galegos. 6 - Aramá. Cama. 7 - Lar. Relas. 8 - Magalas. Ce. 9 - Pr. Tara. 10 - Laia. Recosa. 11 - Mios. Amoras.

PROVÉRBIO: AMARRAR O BURRO À VONTADE DO DONO.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas.

ALFA 1
NASCIDO A 4 DE JULHO
Filme de Oliver Stone
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.30 e 00.30 horas.

ALFA 2
MISS DAISY
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
SORTILÉGIO
Maiores de 12 anos

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO? **PUB**
Em exibição **SALA 4** **Quarteto** **M/16 anos**

Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
INVESTIGAÇÕES SEXUAIS
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
O QUE É O VIBRADOR MALTÊS?
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
FLORES DE AÇO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O ÚLTIMO DRAGÃO
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO SHEZA
Telefone 9434762
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
LE TROU
Filme de Jacques Becker, às 18.30 horas.
A TOMADA DO PODER POR LUÍS XVI
Filme de Roberto Rossellini, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
ROCK DE FOGO
Filme de Sidney Lumet
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ALVOS HUMANOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
LIMPO E SÓBRIO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
ROCK DE FOGO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BACKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
AMOR DE ALTO PREÇO
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
ROCK DE FOGO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de VINTE dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que em extracto, é o seguinte: ser declarado que o prédio urbano sito em Lisboa na Rua do Salitre, 106, freguesia de S. Mamede, pertence ao autor e aos réus nas proporções indicadas no artigo 9.º da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria deste Juízo à disposição dos citandos ordenando-se a rectificação do que consta do Registo Predial, tudo com as legais consequências.

Acção ordinária n.º 4279, 3.ª Secção.

Autor Jaime Júlio Henriques de Menezes e Vasconcelos, residente na Rua Cidade de Nova Lisboa, 61, em Lisboa.

Réus — CARLOS JÚLIO MONTEIRO DE MELO E CASTRO, ausente em parte incerta e com última residência conhecida em Novo Redondo — Angola, FRADIQUE ÓSCAR HENRIQUES MONTEIRO DE MELO E CASTRO, que foi residente no Largo do Carmo, 18-2.º, Dt.º em Lisboa, e outros.

Lisboa, 14 de Março de 1990.

O Juiz de Direito,
Jorge Paixão Pires
Pel'O Escrivão de Direito,
Vítor Fernandes Dias

«DL» 1.ª Pub — 21/2/90

FORUM MUNICIPAL LUISA TODI

TAS

MAIS DE 10.000 JÁ VIRAM!

Á COCA

UM ESPECTÁCULO
DO T. A. S. - TEATRO ANIMAÇÃO
DE SETÚBAL

UM GRANDE ÊXITO DE REVISTA
O MAIOR RECORD DOS ÚLTIMOS ANOS
DO TEATRO PORTUGUÊS

UMA REVISTA QUE TEM TODAS AS CONDIÇÕES PARA AGRADAR ... **Luísa Barbosa**
SETÚBAL TEM GENTE DE TALENTO. VALORES QUE SÃO VALORES ... **Raul Solnado**

PRÓXIMOS ESPECTÁCULOS
SEXTA, 23 - 21,30 – SÁBADO, 24 - 21,30 – DOMINGO, 25 - 16,00 e 21,30
TERÇA, 27 (Dia Mundial do Teatro) às 21,30

CARTAZ

Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
PHOENIX - A GUERREIRA
Filme de Robert Hayes
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
CIÚMES DE MORTE
Filme de Nicholas Broomfield
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

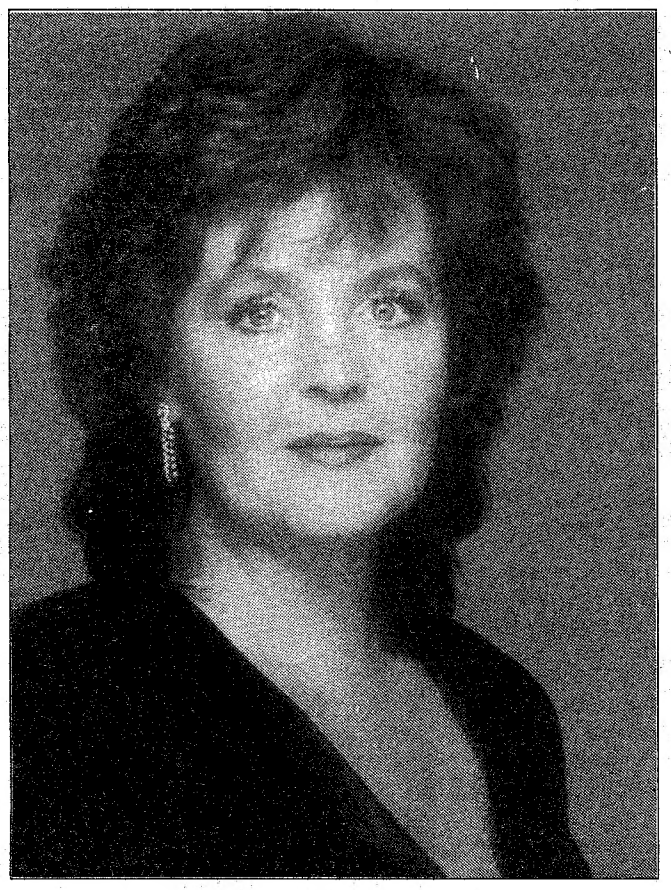
7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
ESCORPIÃO VERMELHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
LIMPO E SÓBRIO
Maiores de 16 anos



Pauline Collins, em «Shirley Valentine»

Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
ASSASSINATO
SOB CUSTÓDIA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
Encerrado para descanso do pessoal

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
RIO DA MORTE
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
ROCK DE FOGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
COMO O CÉU SE ENGANOU
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
PROFISSÃO DURO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS
MIRAMAR 1
Telef. 2841744
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
ROCK DE FOGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA
ACADEMIA
ALMADENSE
Telef. 2752127
MANOBRAS PRIVADAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
AS LOUCURAS
DO MEU FANTASMA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO
LISBOA

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras - Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Rámon del Valle-Inclan.

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanso à 4ªFeira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia.
Em cena até ao final do mês.
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telef. 661515/669205
De 5ª a Sáb. às 21.30. Dom. e Feriados às 16.00 horas
SALADA
De Tristan Rémy.

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 5ª a Sábado às 21.30. Sá FECHADO PARA OBRAS

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e Sábados às 20.30 e 23.00. Dom. e Feriado. às 15.00 e 18.00 horas.
SEVERA
De Júlio Dantas.

TEATRO MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - Telef. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 23.00 horas
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 323200
De 5ª a Sáb. às 21.45, Dom. às 16.00 horas
AUTO DA ÍNDIA
Pelo Grupo de Teatro de Todos os Tempos

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037
De 3ª a Domingo às 21.30. Domingos e Feriados às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE...
BATMAN'SO.

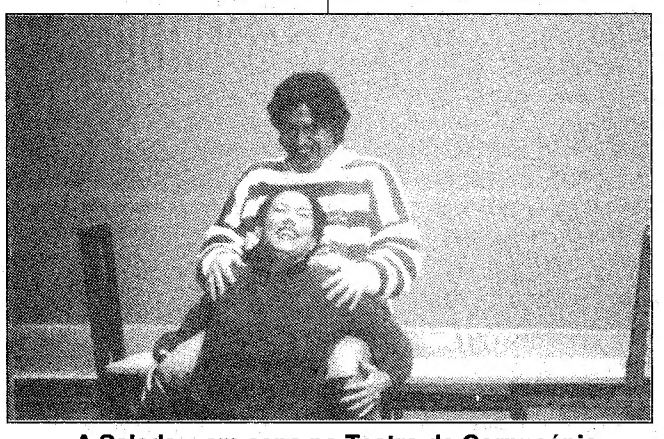
INFANTIL

OS PAPA-LÉGUAS
R. Prof. Santos Lucas, Ltº1658-r/c-Dtº - Telef. 7141823
3ª 5ª e 6ª às 11.30 e 14.00 horas
HOJE SOU REI...
AMANHÃ NÃO SEI
De Guida Maria, Maria João Trindade e Mário Jorge.

TIL
R. Leão de Oliveira, nº1 - Telef. 3639974
Aos Sáb. Dom. e Fer. às 16 horas
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes.

OUTRAS LOCALIDADES

TEATRO DA MALAPOSTA
R. Angola - Olival Basto - Odivelas - Telef. 9873299
De 2ª a 6ª às 11.00 e 15.00 horas



«A Salada», em cena no Teatro da Cornucópia

TINTAS GEORGET

A QUALIDADE AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS

REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL

PRINSET - TINTAS DE IMPRESSÃO, LDA.

MASSAMÁ – QUELUZ
TELEFONE – 4376976

ASSOCIAÇÃO DOS LARES FERROVIÁRIOS

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
FUNDADA EM 25 DE JULHO DE 1973
SEDE: Calçada da Glória, 12, 4.º piso
1200 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Art.ºs 24.º e 25.º e da alínea c) do Art.º 21.º do nosso Estatuto, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Associação dos Lares Ferroviários, com Sede na Calçada da Glória, 12 — Edifício da Cantina de Lisboa — R, 1.º piso, 1200 Lisboa, pelas 13.00 horas do dia 28 de Março com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

— Discutir e Votar o Relatório e Contas de Gerência do Ano de 1989 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal.

— Assuntos Diversos.

Se na hora marcada não estiver presente a maioria dos sócios, a Assembleia funcionará e deliberará com qualquer número de sócios presentes, uma hora depois, pelas 14.00 horas no mesmo dia e local e com a mesma Ordem de Trabalhos.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1990.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Óscar José Ferreira Amorim

CARTAZ

A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

ANDREAS STOCKLEIN - "Do Barroco à subversão", azulejos
Ratton Cerâmicas - Rua Academia das Ciências, 2 (Inaugura hoje às 22 horas. 10/13 e 15/19 horas, dias úteis)
EDUARDO NERY - "Água, princípio de", imagens fotográficas
Museu da Água de Manuel da Maia - Rua do Alviela, 12 (Inaugura hoje às 18 e 30. 10/12 e 30, e 14/17 e 30. Excepto domingos e segundas-feiras. Até 21 de Abril)
RUI CHAFES - "A Vocação do medo", escultura
Diferença - Rua S. Filipe Nery, 42 (Inaugura amanhã, às 22 horas. 15 às 20 horas, excepto domingos e segundas-feiras. Até dia 12 de Abril)

LISBOA

ÂNGELO DE SOUSA - Inevitavelmente datadas (1968/72), estas esculturas em tiras de metal revelam-nos capacidades que Ângelo terá subestimado em relação à pintura de que é um operário da luz. Mesmo as honrosas participações em importantes exposições internacionais (Bienal de S. Paulo e Paris, 1976), mais não foram que a maçada de reapertar parafusos...
Galeria EMI/Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Poiais, 111 (11/13 e 15/19 horas, excepto domingos. Até 5 de Abril)

JE *EST* UN AUTRE - Exaltação do*ego* numa exposição internacional de auto-retratos que, pelas características museológicas, coloca a actividade da galeria acima dos imediatos conceitos de mercado. Boyd Webb, Chuck Close, Cindy Sherman, Clegg & Guttman, John Coplans, Lucas Samaras, Jorge Molder e Thomas Ruff, encontram nos limites da fotografia o veículo da auto-representação. Numa segunda fase, a apresentar em Junho, no Museu de Arte Moderna (Casa de Serralves), Andy Warhol, Christian Boltansky, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Broothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos. Até dia 24)

FRANCISCO ROCHA - Instalação que, se ainda encontra na linguagem conceptual como dizer, afinal pouco diz. 15 pratos mais 15 pratos estabelecem o diálogo com um rodapé de três quadros a contraplacado legendados **natureza morta/paisagem/paisagem**. É a palavra a fazer figura. No chão, Francisco Rocha encaixota frases dos Diálogos de Platão, juntamente com a paisagem (?) fotografada. Quanto à mesa, construída a partir da indisponibilidade das cadeiras, e assente num xadrez monocromático (amarelo) muito à Leonel Moura, duvidamos que se sentasse Eugénio Cano. Não se comprende como é que o autor embala em excessos (folclóricos) depois do equilíbrio conseguido na parede.
Biblioteca Nacional - Campo Grande (10 às 18 horas, excepto domingos)

JOÃO CUTILEIRO - Exposição antológica de 34 anos de actividade do responsável pela dignificação e difusão da escultura em pedra, de pequeno formato ou de parede. Independentemente da repetição dos temas e técnicas, João Cutileiro soube manter-se atento à vitalidade da escultura portuguesa protagonizada pelos sete escultores presentes em homenagem ao seu Mestre: António Campos Rosado, José Esteves, José Pedro Croft, Manuel Rosa, Maria Felizol, Pedro Fazenda e Sílvia Westfalen.
Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian (10 às 18 horas, excepto segundas-feiras)

MARTIN DISLER - Para a primeira incursão no circuito internacional da arte contemporânea, a opção pela obra gravada de um dos últimos "resistentes" da *bad painting*, permitirá compreender a estratégia que a galeria defende. A litografia, em Martin Disler, é o veículo de um *transfer*: "Quando desenhei pela primeira vez uma pedra, como num espelho, surgiram-me os rostos dos que antes de mim tinham criado uma litografia sobre a mesma pedra. Depois de um período de trabalho como gravador, cada vez que regressava à pintura, sentia-me limpo, animado de um movimento novo".
Pedro e o Lobo - Rua do Salitre, 169 (15 às 20 horas, excepto domingos. Até 7 de Abril)

ALMADA
30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilogravura, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 30)

ESTORIL
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)

OEIRAS
COLECTIVA - José Faria, Max Sachs, Manuel Peres, Stefan Oncken e Tom Bund, directores de agências de publicidade, expõem desenhos e pinturas.
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/14 e 15/19 horas, excepto domingos. Até dia 3 de Abril)

J.F.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

15.45: Tarde Desportiva, com relato de futebol Dniepr-Benfica; **18.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no estádio; **20.15:** A Voz de Roma; **20.30:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Olivier Messiaen e os Pássaros; **17.30:** O Mar e a Primavera de Alexander Glazunov, compositor que faleceu neste dia, em 1936; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - As 6 sonatas de Zelenka, para dois oboés e contínuo; **19.40:** Álbum Musical. Obras de Louis Spohr, Bach, Mussorgsky, Vaughan Williams; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto ao vivo no estúdio; **23.00:** Eurorádio - Gravações cedidas pela Sender Freies Berlin. «Gurrelieder», de Alnold Schoenberg; **00.50:** Serão com o pianista Glenn Gould; **02.00:** Música na Madrugada . Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00**: Contacto; **19.00**: Jornal; **19.30**: Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00**: Religiosos; **22.15**: Desporto; **23.00**: 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00**: Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00**: Som da Frente; **03.00**: Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00**: Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine.

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.

VOZ DO MINHO

16.00: Linha do Minho; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Hora Regional; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Noites do Minho.

VOZ DE VISEU

15.00: Tardes da Beira; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Viseu Magazine.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL
N.º 23/90
REPARAÇÃO DAS CANALIZAÇÕES

Faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do artigo 12.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e por despacho do Exm.º Vereador de 26 de Dezembro de 1989 e por delegação de competência de Sua Ex.ª o Presidente (Despacho 62/P de 10 de Janeiro de 1986), LAURINDA SIMÕES, na qualidade de proprietário do 2.º andar do prédio situado na Rua Senhora da Glória, n.º 99/101, em Lisboa, a proceder à reparação de todas as canalizações de esgoto que servem o prédio, desobstruindo-as e substituindo todas as peças partidas ou em mau estado, de modo a que fiquem funcionando em boas condições.

As obras deverão ser iniciadas no prazo de 8 dias, findo o dos éditos e concluídas nas 15 dias seguintes.

NOTA: Obras isentas de licença nos termos de alínea a) do n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70.

Paços do Concelho de Lisboa, em 28 de Fevereiro 1990.

O Vereador
VASCO FRANCO

COOPERATIVA DE MORADIAS ECONÓMICAS, C.R.L.

Av. Almirante Reis, 121 - 1.º - Dt.º
1100 LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

1.ª e 2.ª Convocações

São convocados os Senhores Cooperadores, para a reunião da Assembleia Geral Ordinária, que terá lugar na nossa sede, pelas 19 horas na 1.ª Convocação e 20 horas na 2.ª Convocação, do dia 4 de Abril de 1990.

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Apreciação e deliberação do Orçamento para o exercício de 1990.

2 — Discussão e aprovação do Relatório e Contas do Ano de 1989.

Lisboa, 20 de Março de 1990.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Manuel António Gonçalves Ramos

SNOOPY POR SCHULZ

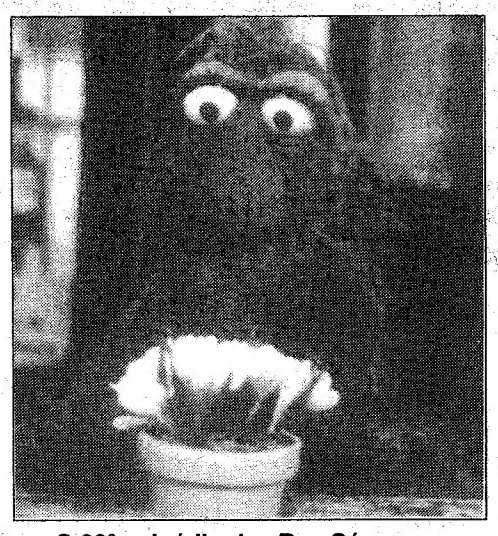
CARTAZ / TELEVISÃO

Directamente da União Soviética, o jogo Dnieper-Benfica: 2º Canal a partir das 15.45

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
130º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
98º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL



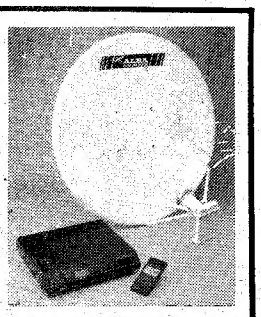
O 98º episódio de «Rua Sésamo», no 1º canal às 18.30

20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
74º episódio
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Bewitched Bunny» - desenhos animados
«O Baile», um filme de Ettore Scola, com Christophe Allwright, Marc Berman, Regis Bouquet, Chantal Capron, Nani Noel, Jean-François Perrier e Danielle Rochard.
Tendo como cenário uma sala de baile, o filme conta-nos, através da música e de efeitos sonoros que dispensam o diálogo, a história de diversas épocas, de 1936 até aos nossos dias.
«O Baile» é, antes de mais, uma experiência invulgar. A aposta de Scola é tanto mais arrojada e sedutora, quanto o filme não se esgota nas regras específicas do musical. O autor traça a memória da história contemporânea, passando por momentos tão marcantes como a Frente Popular, a libertação depois da guerra ou os acontecimentos de Maio de 68.
Fotografia: cor. Duração: 112 minutos.
23.40 - 24 HORAS
00.10 - UM DIA
00.15 - REMATE
00.25 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

15.45 - ESPECIAL DESPORTO
«Dnieper-Benfica» a contar para a 2ª mão dos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
65º episódio
18.25 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
«Estrada 66», 24º episódio
20.30 - LUSITÂNIA EXPRESSO
39º programa: em matéria de moda, o IADE continua a dar cartas no «Lusitânia Expresso». Ainda sob o signo da produção nacional, um trabalho que mostra de que forma a fotografia de António Carvalho vive também da televisão. Do Canadá, mais um videoarte -«Out» - enquanto de França nos chega mais uma dose de «Lavabo» e, da Áustria, mais três «clips» que nos falam à vista e ao ouvido do imaginário da Europa Central.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O SUBMARINO
3º episódio
22.25 - SÉCULO XX - A CAMINHO DA GUERRA
23.20 - MÚSICA N'AMÉRICA

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.15 - VILA FAIA
15.10 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - SOFIA E CONSTANÇA
22.15 - CONVERSAS VADIAS
23.40 - DIAS CONTADOS
23.45 - 24 HORAS
00.15 - REMATE
00.25 - CARTAS DE HUMOR

RTP-2

14.31 - TELEMERCADO
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA
16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - A MÁCULA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - MAGAZINE MUSICAL
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - HORA DA VERDADE
22.55 - QUINTA DIMENSÃO
23.25 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 LOTAÇÃO ESGOTADA
RTP 2 LUSITÂNIA EXPRESSO
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«Ninguém pode garantir que a democracia liberal é impossível no Leste ou onde quer que seja, sobretudo se nesse local existem exigências democráticas.»

João Carlos Espada, «Público», 20.03.90

A PERGUNTA DO DIA

João de Deus Pinheiro ministro dos Negócios Estrangeiros

Quais os objectivos da reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa que se vai realizar esta semana em Lisboa?

«A reunião ministerial extraordinária do Conselho da Europa, que se realiza por iniciativa da Presidência portuguesa tem, fundamentalmente, em vista analisar as várias formas e possibilidades de cooperação com os países de Leste que, nas actuais circunstâncias, se oferecem ao Conselho da Europa - incluindo reformas no campo constitucional, legislativo e administrativo, até ao estudo dos meios necessários à sua execução. Sem excluir tão pouco o debate político sobre a 'nova Arquitectura da Europa' e o papel, sem dúvida essencial, que ao Conselho da Europa caberá neste contexto.

Por estas razões, e pelo facto de em Lisboa estarem também presentes representantes dos países de Leste, pode-se, desde já, considerar a reunião de 23 e 24 de Março como um marco significativo na construção da nova Europa.»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

Crónica de Francesco Alberoni

«As réplicas de Budapeste» por Amadeu Lopes Sabino

Auto-retrato de Maria Ondina Braga

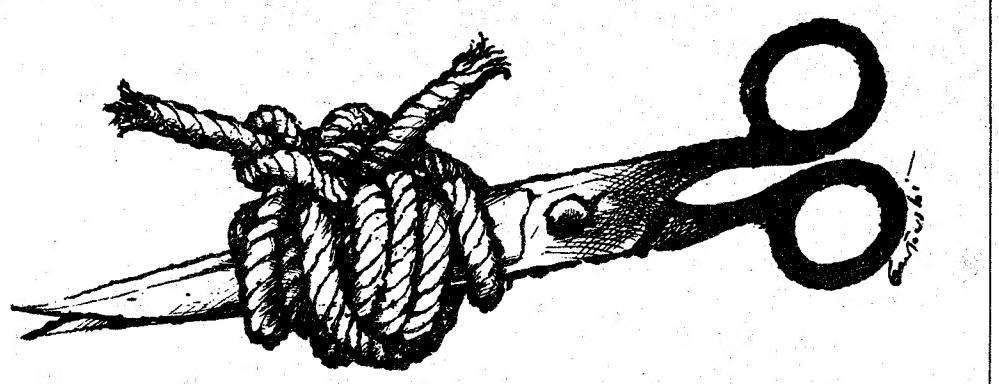
A Ovibeja visitada pelo «DL»

Artigo de Adriano Duarte Rodrigues

MEDIA

Em seis meses surgiram 600 novos jornais e muitas publicações clandestinas surgiram à luz do dia. Porém, o papel está 24 vezes mais caro, os profissionais escasseiam a não há acordo quanto à legislação a adoptar após a abolição da censura

A revolução da imprensa polaca



Apesar da inflação galopante do preço do papel e da censura, a imprensa polaca está a viver uma verdadeira revolução. Os jornais clandestinos aparecem à luz do dia, ao mesmo tempo as que publicações se multiplicam por toda a parte. Resultado: em cinco meses apareceram cerca de seiscentos novos títulos.

Apesar de ainda não ter sido abolida, a censura polaca está a viver os seus últimos dias. Em preparação no Parlamento está uma lei que proclamará a liberdade de expressão. Na realidade existe uma imprensa clandestina resistente, forte e cheia de vitalidade.

«Censura? Não conheço», respondia Piotr Rachtan, responsável por um boletim sobre a economia polaca, quando a responsável da tipografia lhe pedia o visto para poder imprimir a publicação.

Contrariamente ao que se passou em outros países de Leste, na Polónia a censura não foi abolida assim que se instalou o novo governo. «Não estamos num processo revolucionário mas num Estado de direito e não gostamos de golpes de teatro nem de poeira nos olhos.» - afirma o porta-voz governamental - «Por isso fazemos as coisas a pouco e pouco, estudando a melhor forma de dar independencia aos jornais mas de, ao mesmo tempo, os responsabilizar juridicamente».

O debate não é pacífico. Com o fim do controlo *à priori*, as publicações deverão simplesmente declarar a sua existência, uma espécie de controlo *à posteriori* desejado pelo governo para poder apreender os jornais que contenham «traços de crime de abuso de liberdade de imprensa».

A questão está em definir aquilo que é crime de abuso de liberdade de imprensa. Um deputado do Solidariedade propõe que se adoptem as mesmas regras utilizadas nos países Ocidentais, mas certos espíritos não parecem dispostas a aceitar uma legislação tão liberal. «Uma só palavra impressa pode matar» - adverte um deputado da esquerda democrática, acrescentando que é preciso defender a cultura.

Enquanto isso, a imprensa polaca vive uma incrível revolução. Não passa um dia que não surja nas bancas uma nova publicação.

No entanto, os polacos querem mais. Apesar de seduzidos pelas inciativas locais, eles desejam também que a sua imprensa lhes abra uma janela sobre o mundo. Exigem mais independência e querem reconciliar-se com os seus meios de comunicação social.

A «Gazeta Qest» é o primeiro jornal privado, independente, financiado em dez por cento pela publicidade e em 90 por cento pelas vendas. Ernest Skalski, chefe redacção daquela publicação, descreve-a: «Apoiamos o Governo do Solidariedade mas não nos coibimos de publicar cartas de leitores muito críticos em relação à sua política. Os leitores têm que ser críticos, pois os jornalistas não podem fazer tudo, ainda têm muitos tabus e muita autocensura». E acrescenta: «Não é fácil apagar de um dia para o outro anos de propaganda».

O problema do recrutamento e formação de jornalistas preocupa também os responsáveis da imprensa. Na verdade, a maioria dos profissionais está pronta a aplicar a mesma docilidade face a este governo que estavam habituados a ter relativamente ao outro. Por outro lado, os amadores vindos da imprensa clandestina trazem muitos hábitos de militância.

Os próprios magnatas de imprensa mundial começam a interessar-se pela Polónia. Jean-Louis Servant Shreiber, decidiu estender à Polónia a sua rede de informações económicas e financeiras, presente já em nove países.

Para isso, realizou a primeira *joint venture* polaca no sector da imprensa. Trata-se de um semanário económico com 16 páginas e 22 mil exemplares de tiragem, mas que, graças à participação de Shreiber, espera duplicar o número de páginas até Junho.

A euforia do momento acaba, todavia, por esconder mal as dificuldades estruturais da imprensa polaca. Até agora era controlada pelo Partido Comunista, por intermédio da RSW, a cooperativa que detinha quase o monopólio da impressão, edição e distribuição de livros e jornais. Mas esse edifício está a desmoronar-se e fica por resolver o que fazer com o seu património. Além disso, cerca de 50 jornais do partido desapareceram já e muitos estão em situação periclitante.

O preço do papel foi multiplicado por 24 no espaço de seis meses. O que se irá passar daqui a um ano é imprevisível.

«DL»/«Le Monde»

meteorologia

Heróis sem tempo

Louvo-vos, heróis anónimos, em busca constante para não perderem nenhuma parcela de informação, comunicação, criação e outros nomes terminados em *ão*, admiro-vos, bons soldados da cultura, consumidores de contemporaneidade, amadores de estarem *à la page*, mas sem tempo suficiente para tudo, pois, capitães-sem-tempo, mas que em tempo vindouro tê-lo-ão fatalmente. E pelo exposto:

— estão a pôr de lado, com paciência de boi, os suplementos interessantes, mas não-lidos, arrumados no campo sul do aposento

— estão a pôr de lado, as cassetes vídeo gravadas com os programas supostos excepcionais, transmitidos pelos canais 1 e 2 durante as noites de ausência, passadas nos cinemas, teatros, *vernissages*, anfiteatros, fóruns, acartes, cinematecas, loucuras, por arrumar no canto norte do mesmo aposento

— estão a pôr de lado os livros, revistas, semanários, separatas, obrigatoriamente adquiridos e ainda não lidos, no canto ocidental,

— enquanto o lado leste do mesmo quarto ainda está relativamente livre à espera de nova ocupação que não tardará

****

Ó geração de curiosos, de carinhosos, de sérios, de especializados sem tempo necessário, sedentos e famintos do mundo, corajosos na esperança que um dia voltará o paraíso perdido e tudo destinado a ser lido será lido, e tudo destinado a ser visto será visto, e tudo a ser consumido será assimilado.

Ó heróis sem proveito, patéticos e grandes, porque um saber mortal no foro interior vos segreda que esse tempo não chegará, que o destino implacável não permitirá, que um dia todo esse património acabará em lixo, não lido, não visto, não fruído, amado apenas platonicamente, porque sem tempo no tempo que lhes rouba o que é de tempo nosso.

Jorge Listopad

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW AUDI

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75